

Ana Luiza Firmeza Rocha (ORG)

Ana Luiza Aragão, Andrea Flores, Bibi Baraúna, Cibele Campos
Ingrid Gomes, Karimme Silva, Karina Diaz, Neire Lopes
Penélope Lima, Pietra Gomes, Samia Oliveira, Sarah Prazeres
Sidiane Nunes, Tarsila Rosa, Wlad Lima e Yasmin Ramos.

D r a m a t u r g a s
d o **N O R T E**,
A T R I Z E S q u e
e s c r e v e m .



PPG **Artes** PS PPGARTES
Programa de Pós-graduação
em Artes da **UFPA**

ICA
INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA
ARTE **UFPA**



Copyright © 2024

Autores

ISBN: 978-65-88455-87-6

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Emmanuel Zagury Tourinho (Reitor)

Gilmar Pereira da Silva (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio (Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Dra. Isis de Melo Molinari Antunes
(Coordenadora)

Dra. Adriana Valente Azulay
(Vice-Cordenadora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

José Denis de Oliveira Bezerra
(Coordenador)

Giselle Guilhon Camargo
(Vice-Cordenador)

EDITORA PPGARTES*

Maria dos Remédios de Brito

Ana Cláudia do Amaral Leão
(Coordenadoras)

Larissa Lima da Silva (Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO

Profª. Drª. Maria dos Remédios de Brito
(Presidente)

Profª. Drª. Ana Cláudia do Amaral Leão
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Ana Flávia Mendes Sapucaí
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Ana Mae Tavares Bastos
Barbosa

(ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Giselle Guilhon Antunes
Camargo

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

(FBA, Universidade do Porto)

Profª. Drª. Laura Malosetti Costa

(IA, Universidad Nacional San Martin)

Profª. Drª. Maria das Vitórias Negreiros do
Amaral

(CAC, Universidade Federal de
Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Rejane Coutinho

(IA, Universidade Estadual Paulista)

Profª. Drª. Valzeli Figueira Sampaio

(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico:

Editoração Eletrônica:

Capa:

Revisão Textual:

Ficha Catalográfica: Larissa Silva

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

A659d

Dramaturgas do norte, atrizes que escrevem [recurso eletrônico] / Ana Luiza Firmeza (org.); Ana Luiza Aragão ... [et al.]. — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2024. — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF). 370 p. : il. color.;

Vários autores

Modo de acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN 978-65-88455-87-6

1. Mulheres no teatro – Brasil, Norte. 2. Teatro (Literatura). 3. Mulheres nas artes cênicas. 4. Mulheres – Identidade. I. Firmeza, Ana Luiza, org. II. Aragão, Ana Luiza. III. Título.

CDD 23. ed. – 792.082811

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585



ANA LUIZA FIRMEZA ROCHA é atriz, escritora, pesquisadora e

professora de teatro. Além de *Dramaturgas do Norte, atrizes que escrevem*, publicou: *Marajó Dark, Corpos Hipersensíveis, Experiências Indomáveis; Poemas e outras escritas com Teatro e Pulso, suor, presença e teatro*. Carioca de raízes nordestinas, vive na Amazônia Marajoara, em Soure, há mais de cinco anos. É a Criadora e a Organizadora Geral do Show de Talentos da cidade de Soure para adolescentes de 13 a 17 anos. É Pós-Doutora em Artes pela UFPA. Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com período sanduíche na Université Paris VII - Sorbonne Paris Cité.

Formada em Artes Visuais pela École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris. Possui Pós Graduações Lato Sensu em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica; Arte e Educação e Literatura, Cultura e Ensino da Arte. Tem Mestrado em Literatura, Cultura e Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

Contemporaneidade também pela PUC-Rio. Fez quatro graduações: Artes Cênicas pela UNIRIO; Pedagogia; Artes Visuais e Letras-Língua Portuguesa pela ETEP e FAEP. Possui Especializações em Artes pela Universidade de Edinburgh, na Escócia, pela Towson University, nos EUA e pelo Workcenter, na Itália. Professora de Artes Cênicas da Pós Graduação da UNESA e da Graduação de Teatro da UCAM. Ademais, foi Professora Substituta das Graduações de Licenciatura em Teatro e do Superior Tecnológico, da Especialização Técnica de Nível Médio em Dramaturgia e do Curso Técnico em Teatro, com ênfase em formação atoral, da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Ministrou o Curso de Artes em Dakar, no Senegal, para o Orfanato Keur Mame Sophie, ligado à Cheikh Anta Diop University e Curso Intensivo de Teatro em Teresina, no Piauí. Desenvolve pesquisas artísticas interdisciplinares com atuações, sobretudo, nas relações entres estudos do teatro decolonial, da antropologia, da literatura, da arte e da dramaturgia amazônicas, a partir da floresta e da cosmovisão. E-mail:
alfr514@hotmail.com

Dramaturgas do Norte, atrizes que escrevem.

Gosto mesmo de pensar em meus livros como uma oração. Oração conjunta que dá as mãos pelas páginas, ora se movimentando com o encontro das águas das letras que serpenteiam as vidas que se cruzam nos caminhos destas histórias, ora silêncio profundo.

Oferecer a simplicidade através da palavra que transborda.

Um momento de aconchego, de serenidade, de escuta poética. Sempre será o meu desejo para este livro. A minha defesa.

Convidei cada dramaturga aqui, presente, por encanto, admiração e responsabilidade. Sim, porque nós temos a responsabilidade, enquanto atrizes, artistas, escritoras, professoras e pesquisadoras para com o Teatro no Norte do Brasil. Para com o Teatro Paraense enquanto passado, presente e futuro que aqui criamos e lutamos.

São muitas as vozes, dramaturgas do norte. De São Domingos do Capim à Santarém, à Mairi, à Mocajuba, à Cotijuba, à Soure e à Belém do Pará. Estou feliz. Vivo acompanhada de mulheres bravas que me abraçam e me emocionam por seguirmos juntas, à luta! nos muitos caminhos e cuidados que a vida nos presenteou.

O jogo é esse. Em chamada pública nas redes sociais, imagem aberta a toda atriz do norte do Brasil que escrevesse. Atrizes que escrevem. Eis, o resultado. Um livro feito por mulheres. Para tod@s.

A cena escrita para o teatro se expande do tamanho do Norte e as fronteiras perpassam e firmam qualquer noção antes por demais desterritorializada. Nossas cenas são nossas. E são muito bem demarcadas. Por mata, rio, bicho, floresta, verde, terra e ventania. Respira e vai fundo. O que é, afinal de contas, uma dramaturgia nortista escrita por mulheres? De quais dramaturgias estamos falando e performando? Para quem são as vozes escritas e criadas? Dramaturgia, substantivo feminino. Dramaturgia aquosa, dramaturgia xamânica, dramaturgia terráquea, dramaturgia preta, dramaturgia maloca, dramaturgia da cosmovisão, dramaturgia da queda, dramaturgia da floresta, dramaturgia

afro-indígena, dramaturgia ribeirinha, dramaturgia diário, dramaturgia oração, dramaturgia movimento; dramaturgia de denúncia e dramaturgia memória.

Existe de dentro do livro, um portfólio. Das 16 atrizes que escrevem. Elas, em cena. Elas, no mais bonito e íntimo momento da criação.

Peço a você leitor, que quiser encenar/performar a cena aqui presente, envie um e-mail para a dramaturga escolhida, operária suprema dessa criação, e comunique a ela seu interesse e vontade ética artística. A cada início de nova dramaturgia, seus respectivos e-mails são apresentados.

Por fim, Wlad Lima, Andréa Flores, Karina Diaz, Karimme Silva, Pietra Gomes, Samia Oliveira, Sarah Prazeres, Bibi Baraúna, Cibele Campos, Penélope Lima, Yasmin Ramos, Sidiane Nunes, Tarsila Rosa, Neire Lopes, Ingrid Gomes e Ana Luiza Aragão, o meu eterno agradecimento por vocês embarcarem comigo rio adentro. Nessa jornada tão simples, serena, singela, digna e honesta. Juntas, numa dança de gigantes sábias.

Ana Luiza Firmeza.

Soure, 18/03/2024

Produção Editorial, Diagramação, Projeto Visual, Criação e Organizadora: Ana Luiza Firmeza Rocha.

Co-Autoras: Ana Luiza Aragão, Andrea Flores, Bibi Baraúna, Cibele Campos, Ingrid Gomes, Karimme Silva, Karina Diaz, Neire Lopes, Penélope Lima, Pietra Gomes, Samia Oliveira, Sarah Prazeres, Sidiane Nunes, Tarsila Rosa, Wlad Lima e Yasmin Ramos.

Título: Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem.

Capa: Claudio Raposo.

Fotos das autoras: acervo pessoal.

Foto da Capa: Vitor H. L. Monteiro. Artista: Ingrid Gomes.

Local de Publicação: Belém, Programa de Pós- Graduação em Artes/UFPA, 2024.

Esta obra está protegida por direitos autorais, conforme Lei 9.610/98.

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

SUMÁRIO

| | |
|------------------|-----|
| WLAD LIMA | 10 |
| ANDREA FLORES | 12 |
| KARINA DIAZ | 20 |
| KARIMME SILVA | 40 |
| PIETRA GOMES | 64 |
| SAMIA OLIVEIRA | 73 |
| SARAH PRAZERES | 91 |
| BIBI BARAÚNA | 108 |
| CIBELE CAMPOS | 132 |
| PENÉLOPE LIMA | 154 |
| YASMIN RAMOS | 170 |
| SIDIANE NUNES | 178 |
| TARSILA ROSA | 189 |
| NEIRE LOPES | 211 |
| ANA LUIZA ARAGÃO | 226 |
| INGRID GOMES | 234 |



WLAD LIMA é mãe, atriz/encenadora/cenógrafa de teatro e desenhista. Mulher

Paraense, natural de Belém. Tem doutorado e mestrado em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia e pós-doutorado em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro/PT. É professora titular da Etdufpa (aposentada, desde 2020). Hoje é a gestora do Teatro do Desassossego; parceira artística de muitos coletivos da cidade de Belém, entre eles, o Grupo Cuíra, o Coletivas Xoxós e o Dom Coletivo; é Artista-analista na Clínicas do Sensível, Tornou públicas suas maiores pesquisas em arte (em formato livro impresso, e-book e plataforma) que são: Dramaturgia Pessoal do Ator (livro esgotado); O teatro ao alcance do tato (livro encontrado na Etdufpa); Webcartografia dos Estudos Culturais em Portugal (link <https://webcartografia.estudosculturais.com>); Processo Dramatúrgico OVO Nº13 no Caderno de Encenação de uma Artista da Floresta (link <https://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/pesquisa/producao-intelectual/419-2018>) No ano de 2023 fez parte da exposição coletiva do Brutus Desenhadores intitulada “Aqui faço silêncio e vejo mundos nascerem e me transformarem” resultante de 8 anos de trabalho em ateliê fechado (2016 a 2023). Pelos Brutus publicou recentemente o e-book

Dor nas Cadeiras (<https://drive.google.com/file/d/>

1_N8GRmvfiugqntoMtg052o_30s9W_3mn/view?usp=drivesdk)

Para além do campo das artes cênicas e visuais, busca atravessamentos entre Arte e Psiquê atuando com a Clínicas do Sensível na função de artista-analista e opusterapeuta em processos de criação e pesquisas em arte. Seus procedimentos clínicos operam nas fronteiras da Esquizoanálise (Deleuze e Guattari) e da Psicologia Imaginal (Carl Jung, James Hillman e Henry Corbin) mesclando programas psico-poéticos como: Poética Criatura, SOS Pesquisa, Espirais do Coração, Escuta Sensível, Esquizoanálise com Imagens, Bioescritura, Esquizodrama, Imaginação Espontânea e Dirigida, tanto de forma individual quanto em Fóruns Grupais. Atualmente, faz o acompanhamento psicopoético em processos de criação de artistas, e não artistas, tanto de Belém quanto de outros estados do país. Por fim, promove o projeto Riscadeira - atos poéticos realizados, quinzenalmente, em logradouros da cidade de Belém do Pará, Amazônia com a presença tanto de artistas-deseñhista quanto de usuários da Clínicas do Sensível.

CONTATOS:

E-mail: gordawlad@yahoo.com.br

(91) 98155-3626 (WhatsApp)

SITES:

@wladlima

@teatrododesassossego

@clinicasdosensivel

@brutusdesenhadores

ESPAÇOS CLÍNICO-ARTÍSTICOS:

Teatro do Desassossego

Rua Dr. Malcher, nº 287 (porões da Casa Cuíra) Cidade Velha, CEP: 66.020-250. Belém /
Pará.

Complemento: entre as travessas Capitão Pedro Albuquerque e Joaquim Távora.

Clínicas do Sensível

Travessa Rui Barbosa, nº 1360, Edifício Ruy Barbosa, apto 101 (térreo) Nazaré, CEP:
66.035-220.

Complemento: entre as ruas Nazaré e Brás de Aguiar.



ANDRÉA FLORES é uma mulher afroindígena, atriz, palhaça, dramaturga, diretora, professora e pesquisadora de teatro em Belém-PA. Membro co-fundadora do Coletivas Xoxós, em atuação a dez anos em Belém, e membro do Coletivo Filhos de Iracema, formado por artistas de terreiro. Atua nos espetáculos solo *Rala, Palhaço!*, *mEU pOEMA iMUNDO*, *Curupirá* e *Divinas Cabeças*. Professora efetiva da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, onde coordena o Curso de Especialização Técnica de Nível Médio em Dramaturgia. Doutora em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É uma das dramaturgas selecionadas em curadoria para compor o Portal de Dramaturgia, espaço virtual que reúne 100 perfis de representantes da dramaturgia brasileira contemporânea. E-mail: andreaflores@ufpa.br

RALA, PALHAÇO!

Andréa Flores e Wlad Lima

No espaço cênico, móveis de casa em miniatura estão empilhados em desordem: um sofá grande e um pequeno, mesinha de centro, cama, guarda-roupas, cadeira de embalo, cômoda, fogão, mesa e 4 cadeiras. Dentro dos móveis, objetos socialmente e historicamente construídos e impostos como brinquedo supostamente apropriado para menina: pratinhos, copinhos, pequenos talheres, etc. Coisas do ambiente doméstico, enfim. Também há miniaturas de objetos pessoais. Tudo remete ao “brincar de casinha”.

1º MOVIMENTO: atriz diante dos espectadores, descascando uma macaxeira e moldando com a faca uma figura humanóide no tubérculo, enquanto fala. Seu corpo é nervoso e contido ao mesmo tempo.

A história que eu tenho para contar a vocês é um segredo, que não deveria ser contado. Como eu quero e preciso contar esse segredo, eu chamo para ajudar a melhor e a pior parte de mim, a minha palhaça, Samaúma.

Samaúma é péssima. Malina!

Eu convido vocês pra entrarem na minha bagunça... Ah! Preciso dizer: a bagunça é minha, não é da palhaça. Então quem puder, pode entrar e ouvir o meu segredo.

As descobertas vêm confusas. Mas daí também nasce certa graça. Só que a confusão não traz apenas graça. Eu sinto uma pressa por dentro, eu sinto pressa: existe alguma coisa que eu preciso saber e experimentar, e não estou sabendo, nem nunca soube. E o tempo de algum modo está ficando curto.

Se o meu mundo não fosse humano, eu seria um bicho. Eu sinto dentro de mim um bicho perfeito. Tenho medo de deixar um dia esse animal solto. Por medo talvez da falta de estética. Ou receio de alguma revelação... Só que chega um dia... Sempre chega o dia... em que o bicho sai! É preciso não ter medo de criar. Bom espetáculo a todes.

(Trechos de autoria da dramaturga, entremeados a escritos de Clarice Lispector)

A atriz guarda a macaxeira cortada, diante dos olhares do público.

2º MOVIMENTO:

A atriz coloca o nariz de palhaça. Seu corpo se altera. A atriz deixa o espaço cênico e quem assume é a palhaça, que reconhece devagar o espaço e o público. Daqui para frente, a palavra é pouco inteligível. A palhaça usa blablação, uma ou outra palavra inteligível. Comunica-se pelo olhar, pelo corpo, pela tensão que compartilha com o público.

3º MOVIMENTO:

A palhaça percebe a bagunça e ri da atriz. Se dispõe a arrumar. Arrumar a casa, colocar tudo no lugar, fazer a faxina e deixar a casa linda, tudo é uma emoção para ela.

4º MOVIMENTO:

A palhaça convida os espectadores a sentarem em sua sala, como seoubessem nas miniaturas. São os amigos que lhe visitam. Ela traz para a cena pequenos objetos que remetem a presenças familiares: dois pequenos dedoches de palhaços são duas crianças que ela identifica como sobrinhos; um pequeno gato de borracha é seu bichano. A palhaça retira suas loucinhas em miniatura e serve chá a suas visitas imaginárias, orgulhosa e dedicada.

5º MOVIMENTO:

Um celular toca. Os espectadores então descobrem que a palhaça tem um celular de brinquedo guardado em uma das gavetas do guarda roupas. Ela atende a ligação com entusiasmo: é ele! Faceira, namora ao telefone e recebe a notícia de que ele virá visitá-la. Ela desliga o telefone. Sentindo-se desejada, canta, com sensualidade palhacesca. Em seguida, nervosa, passa a preparar-se para receber o amado, tornar sua aparência agradável para ele. Para isso, ela tem miniaturas de objetos usados para esse fim: secador de cabelo, batom, etc. Tudo pequeno e de brinquedo.

6º MOVIMENTO:

O amor bate à porta. Eufórica, ela segue para atendê-lo: o amor é a macaxeira moldada no início do espetáculo. Eles se amam muito, o amor-macaxeira é seu mundo. Eles têm muito em comum. A

palhaça apresenta o amor-macaxeira aos amigos na sala e o instala confortavelmente. As crianças o chamam de “titio”. Tudo é perfeito.

7º MOVIMENTO:

Primeira reclamação do amor-macaxeira. Ele tem fome. Ela sai da presença dos amigos para cozinhar para ele e botar a mesa. Ela manipula com maestria e cansaço suas miniaturas de utensílios domésticos, preparando algo. Comida pronta, mesa posta, ela chama o amor para comer e permanece ao seu lado. Ele se empanturra do que quer, ela o observa feliz e realizada. Ele arrotar. Ela ri e arrotar também. Ele a repreende, gritando pela primeira vez. Ela estranha, sente-se mal e entende que mulheres não devem arrotar.

8º MOVIMENTO:

O amor-macaxeira reclama que está cansado e pede para deitar-se. Ela esquece a tristeza e leva-o para sua cama. Ele a agarra com malícia, ela desvia, pensando nas visitas na sala. A palhaça canta seu desejo erótico. Ela convida seu amor para voltar à sala, na companhia dos amigos. Ela deseja que ele partilhe de suas amizades. Ele se recusa e fica na cama, gritando com ela pela segunda vez. Ela se entristece e segue para a sala sozinha, sentindo-se culpada.

9º MOVIMENTO:

Ele no quarto, ela na sala. Os amigos estranham seu olhar. Ela afirma que está tudo bem. Todos podem ver que não. Ela se serve uma xícara de chá em miniatura, para tentar se acalmar, bebendo devagar. Tem vontade de arrotar, mas se segura: mulheres não devem arrotar. Ela acha que o chá fez efeito e que tudo passou. Chá de camomila é muito bom para acalmar os nervos. Ela conversa com os amigos, mas se sente só.

10º MOVIMENTO:

Nova reclamação do amor-macaxeira. Ela deixa os amigos e corre até ele, ela sempre o atende de pronto. Ele está com dor nas costas, quer massagem. Ela o leva para a cadeira de embalo e faz

massagem, sentindo-se estranha. Ela novamente o convida para voltar à sala com os amigos, ele se recusa e grita com ela pela terceira vez. Ela se entristece.

11º MOVIMENTO:

Ela volta à sala com os amigos. Está ainda mais estranha. Os amigos perguntam, ela finge normalidade, mas é visível que está cada vez mais abalada. Ela serve uma xícara de chá para tentar se acalmar, desta vez virando a xícara de uma vez na boca. Ela tenta se convencer de que o chá faz efeito. Tenta conversar com os amigos.

12º MOVIMENTO:

Outra reclamação do amor-macaxeira. Ela se agonia ao ouvi-lo chamar, mas vai até ele de pronto, mesmo tropeça, derrubando alguns objetos pelo caminho. Ele tem um carrinho de brinquedo com o qual deseja se exibir para ela. O amor-macaxeira brinca de dirigir o carro, enquanto ela o aplaude. Ela então pega o carrinho e decide brincar também. O amor-macaxeira lhe toma o brinquedo das mãos e grita com ela pela quarta vez. A palhaça está nervosa. Mulher não deve dirigir. Ela entende que mulheres e homens não podem ser iguais.

13º MOVIMENTO:

Ela volta à sala com os amigos. A palhaça está muito alterada. Tropeça nas coisas, a casa está cada vez mais desarrumada: ela não consegue conter o caos dentro de si mesma. Os amigos lhe perguntam se está bem, ela é quase grosseira, tentando manter as aparências. Ela tenta tomar chá mais uma vez, mas agora vira o bule na boca. Não há efeito. Ela está triste, nervosa, machucada, mesmo que comicamente tente esconder.

14º MOVIMENTO:

As crianças-dedoques vão ao encontro do amor-macaxeira, chamando-o de tio. Ele as rejeita e grita com elas. Cuidar de criança é coisa de mulher. A palhaça corre para amparar as crianças-dedoques, que choram. Ela nina os pequenos e os coloca para dormir. Ela reclama com ele, ele grita com ela. Ela está enraivecida, anda de um lado para outro da casa. Seu corpo tem uma impaciência

Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

incontrolável. Ela volta à sala com os amigos, absolutamente afetada por tudo. Não há mais chá, ela lambe o bule. A casa está desordenada, seus cabelos arrepiados, o bule é jogado no chão.

15º MOVIMENTO:

O gato-miniatura se dirige até o amor-macaxeira. Ele chuta o gato, gritando. A palhaça se indigna e grita alto. É o fim da picada! Ele não cuida das coisas que ela ama. A palhaça ampara o gato e rodeia a casa como animal selvagem até então contido.

16º MOVIMENTO:

Mesmo confusa, a palhaça tem uma ideia. Ela não sabe se deve, mas não consegue se conter: ela revela um ralador em miniatura. Hesita, tem dúvida e quase desiste de usá-lo, cantando uma canção que tenta lembrá-la do que sentia. Ela chama pelo amado uma última vez, tentando lembrar sua fantasia de amor romântico. Ele grita com ela. Em um movimento rápido, ela saca o ralador e rala o amor-macaxeira num impulso cheio de prazer e dor.

17º MOVIMENTO:

Quando se dá conta do que fez, a palhaça se desespera. Será que o matou? Ela tem um estetoscópio de brinquedo que usa para ouvir o coração do amor-macaxeira, mas não consegue ouvir as batidas! Ela corre para injetar algo nele. Volta a auscultá-lo. Desta vez o coração bate. Ela sente alívio: não é uma assassina. Ela então direciona a ausculta para si mesma: o próprio coração ainda bate. Ela sente alívio: não está morta, como tantas outras mulheres.

18º MOVIMENTO:

A palhaça esconde o ralador debaixo da cama e vai buscar sua espiritualidade. Ela reza para uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré, contando à Santa tudo o que aconteceu. De repente, a oração acaba e a palhaça se diz curada. Beija a Santa, e agradece aos céus pelo milagre que lhe ocorreu: ela é uma nova mulher. Assusta-se com a bagunça de sua casa e resolve que vai varrer tudo, com uma vassoura em miniatura. Enquanto varre, canta seu estado de espírito supostamente reequilibrado e tranquilo. A palhaça esconde a sujeira debaixo da cama e lá reencontra o ralador...

19º MOVIMENTO:

A palhaça reluta, mas sente-se atraída pelo ralador. Ela prova um dos pedaços de macaxeira ralada presente no objeto e enlouquece. Ela guarda a Santa dentro do armário e volta a ralar o amado. Desta vez com força, dá vazão a seus instintos. A casa e seu corpo ficam repletos de macaxeira ralada, enquanto a palhaça é tomada por uma dolorosa alegria. Ela não sente mais culpa.

20º MOVIMENTO:

A palhaça toma uma cerveja. Há garrafas em miniatura. Ela oferece miniaturas à plateia: apenas mulheres. Ela convida todas a beber com ela. A palhaça animaliza, é uma fera incontida a mirar a macaxeira. O ralador em mãos novamente. Desta vez ela pára, observa seu instrumento de luta: é pequeno demais. É quando a palhaça saca um enorme ralador e dirige-se à macaxeira com gargalhadas.

21º MOVIMENTO:

A palhaça rala a macaxeira, espalhando ainda mais pedaços, inclusive sobre a plateia. A casa é totalmente bagunçada. Ela oferece o ralador a uma mulher da plateia, convidando-lhe a combater também seus próprios fantasmas. Quando resta apenas um pequeno pedaço do que era o amor-macaxeira, ela o enfia no forno. É preciso queimar.

22º MOVIMENTO:

A palhaça é como Godzilla, o gorila gigantesco. Ela empilha os móveis e objetos da casa em um amontoado. Resta o gato, de quem ela não sente mais pena. Saca escondida uma miniatura de onça: não mais um bichano manso, mas uma fera, que ela posiciona à frente da pilha, guardiã, à espreita. Então a palhaça saca um fósforo e queima tudo, a seu modo, a modo palhacesco. Em meio às chamas imaginárias, ela canta sua raiva.

A palhaça grita, ao final: “Rala, Palhaço!”.

23º MOVIMENTO:

Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

A palhaça abre um guarda-chuva negro. Está de luto. Cumprimenta cada ume na plateia, enquanto chora discretamente e canta, com cinismo, sua despedida do amor.

Ela vai saindo de cena devagar. Guarda chuva em mãos.

FIM

**Espetáculo Divinas
Cabeças. 2022. Foto:
Danielle Cascaes.**



**Espetáculo Divinas
Cabeças. 2022. Foto:
Danielle Cascaes.**



Espectáculo Divinas Cabeças.
2022. Foto: Danielle
Cascaes.



Espectáculo mEU pOEMA iMUNDO.
2022. Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo mEU pOEMA iMUNDO.
2022. Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo mEU pOEMA iMUNDO.
2022. Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo Rala, Palhaço! 2022.
Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo Rala, Palhaço! 2022.
Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo Rala, Palhaço! 2022.
Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo Curupirá, 2019. Foto:
Danielle Cascaes.



Espectáculo Curupirá, 2019.
Foto: Danielle Cascaes.



Andrea Flores, arquivo pessoal.

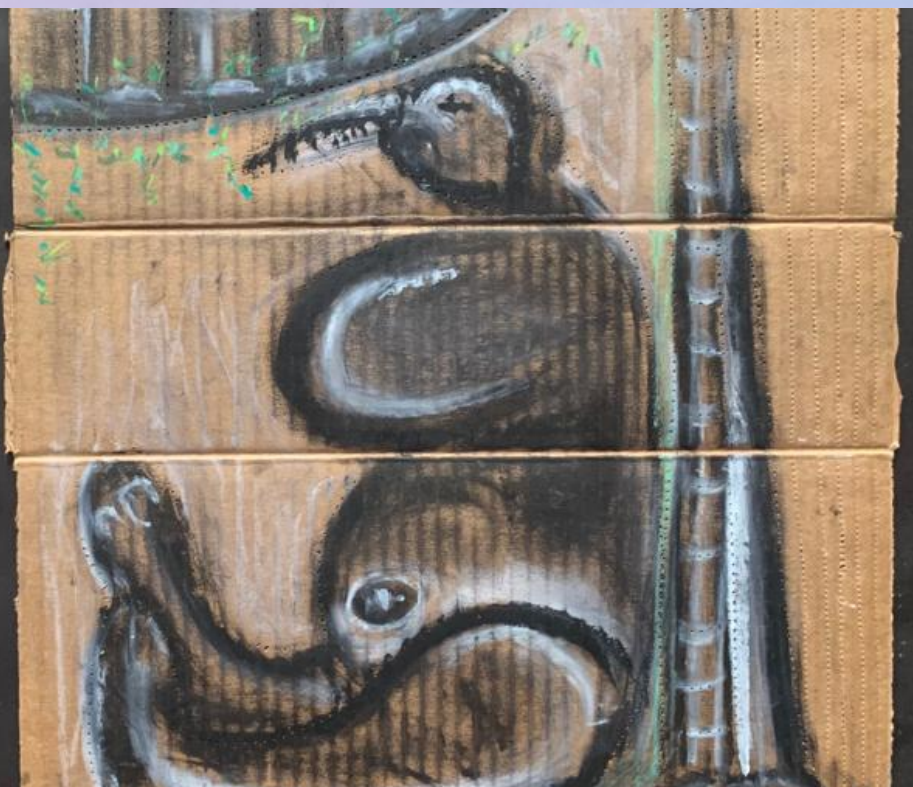
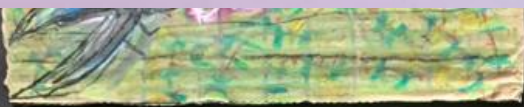


Espetáculo Curupirá, 2019. Foto:
Danielle Cascaes.





Desenhos Imaginais Urbanos 2023,
Wlad Lima.



Desenhos Imaginais Urbanos 2023,
Wlad Lima.



Quando a vida me dramatiza no palco:
uma travessia de perdas



Arquétipos do Velho Sábio e o da Criança Divina, Wlad Lima.

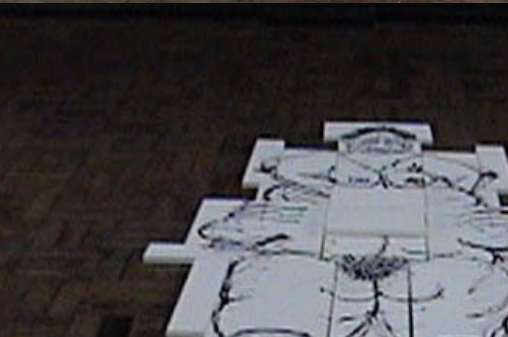


SÉRIE PEPETO - 2021, Wlad Lima.





Em Carne e Osso - Experimento da
Tese
Grupo Cuíra do Pará, 2007.



www.visiteawlad@saladocorpo2004

Toda minha vida por ti
Grupo Cuíra do Pará 2001



Auto do coração.
Grupo Cuíra do Pará, 2015.



Um baile em Hiroshima, logo após a bomba.
Grupo Cuíra do Pará, 1986.



De pé a pé, não vamos a pé.
Grupo Cuíra do Pará, 1982.



Verde Ver-o-peso - Grupo Experiência,
1981.



Nossa Cidade - ETDUFPA, 1979.





Alfredinho, quem diria, acabou no
Waldemar.
Grupo Cuíra do Pará, 1987.





Figura 1 TUCB- Teatro Claudio Barradas - 2019

KARINA DIAZ, atriz e dramaturga paraense. Natural de Belém. Atua na Amazônia com uma escrita voltada à ancestralidade. Sua pesquisa é tem como base a oralidade e o chamado ‘corpo memória’, com referências psicofísicas cênicas, dramaturgia da dança e dos orixás. A atriz tem formação acadêmica em Letras-Português, é Arte educadora, Percussionista e conversa com esses elementos para compor os caminhos para sua dramaturgia em cena. Atriz formada pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Apresenta também pesquisas voltadas à literatura e à poesia, com vivências e experiências com o Teatro Performance na Amazônia e os diversos elementos entrecruzados pelo corpo-memória, ancestralidade e sonoridades. E-mail: kaosprk@gmail.com



Figura 2 Jarro de Barro de Ibitu - Casarão dos bonecos- 2023

A dramaturgia *Águas doces* é um solo performance que fala sobre esse lugar de pertencimento repleto de águas. A escrita faz parte da Trilogia “De frente para o rio“, dramaturgia lançada ano passado, no livro "Pulso, Suor, Presença e Teatro: Reflexões de jovens escritores”, pela Editora Cândido, com organização da Profa. Dra Ana Luiza Firmeza Rocha.

Belém e Icoaraci são os entornos onde as escritas caminham repletas de influências da cultura popular que revelam um encontro entre Amazônia e o Maranhão. A mistura de Cheganças e vivências em lugares carregados de ritmos, cores, afetos e afro religiosidade. "Eu escrevo com os meus pés", afirma a dramaturga.

Dessa forma, é instaurado o reflexo e os caminhos da personagem Ibitu em suas diversas fases e memórias ancestrais. *Águas doces* é, enfim, um diálogo aberto sobre memória, floresta e ancestralidade amazônica, ritos de passagem e caminhos de escritas insurgentes.

Águas doces é solo performance de destaque no trabalho da atriz. Seu trabalho é imerso na Ilha de Cotijuba-PA, onde inicia as águas de seu Orí até as praias de Mosqueiro. Além disso, traz consigo memórias de infância, que são um convite e estão sempre regadas a um bom café quentinho no quintal de casa. Memórias de suas bonecas de pano e brincadeiras no exato momento do banho de chuva. O espetáculo apresentou-se no Teatro Claudio Barradas, no Casarão dos Bonecos, nos Festivais de Teatro Negro Amazônico e na Virada Sustentável, no Complexo Turístico Ver-o-rio.

Um convite imersivo aos quintais da minha aldeia cercada pela Baía do Guajará, aos saberes orais, passados pela memória das mães, mãe e vó, pelas narrativas dos povos ancestrais Mebengokrê, do alto do Xingu, até os folguedos do bumba-meu-boi, do Maranhão, e o seu centro histórico.

Águas doces é um eterno desaguar de águas barrentas e tão marcantes da região norte, uma memória que se guarda na cabeça, em seu pote de barro através do seu Orí.

ÁGUAS DOCES por **KARINA DIAZ.**
(Direção, Concepção Cênica e Atuação)

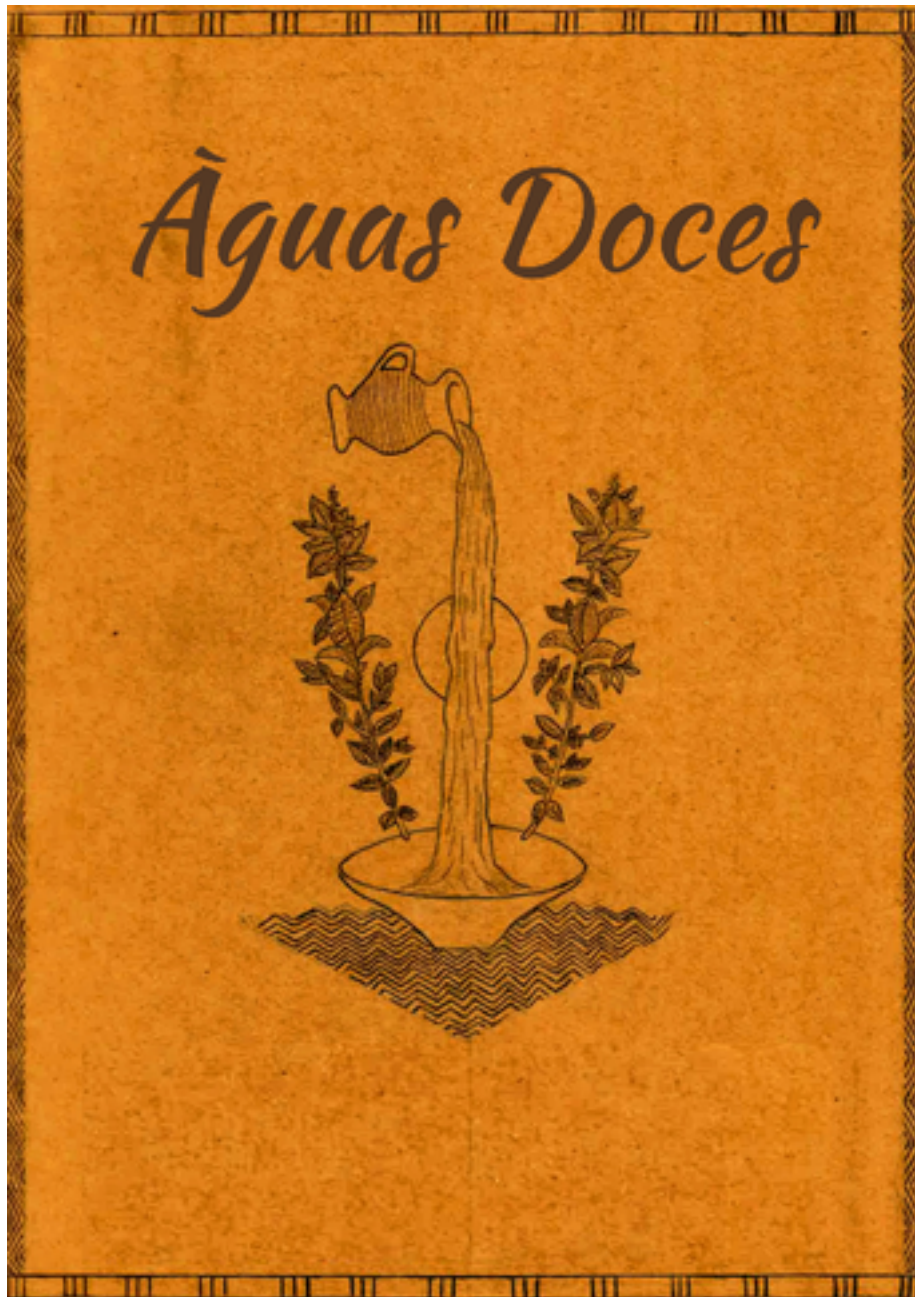


Figura 3 -Cartaz do Espetáculo ÁGUAS DOCES - Iris da selva -2022

O solo águas doces revela momentos abissais da vida de Ibitu, a filha do vento.

Cena 1 -ORÍ



Figura 4- Objetos Cênicos na Mostra Cênica- TUCB - ETDUFPA -foto: Yasmin Alves- 2022

(Ibitu inicia sua jornada ancestral com o jarro de barro na cabeça carregando suas águas, saudando com sua dança e seu canto. O público observa o quintal de Ibitu e a música se instala em sua casa-corpo)

Oração de Ibitu:

Kamotim Kuruípe Ty

“..orí de barro é terra e chuva é mãe natureza..”

Sou eu *kamotim* que te guardo no orí, por entre um caminho de folhas douradas. Sou eu mensageira das águas doces, a guardiã do pote de barro.

A terra e a chuva de kuruípe que conduzem o tempo da mãe natureza. Amanacy que regada por Yara aos céus, vê nos olhos de Yacy, o amor por Yacyara, que espera o romper da alvorada para o início de uma longa caminhada que dura uma vida inteira. A filha do vento nasce de frente para o rio e tem

em Ceucí a certeza do seu destino traçado no banho de lua. Com ervas, vai derramando lentamente a água no céu de estrelas.

É ty a água que corre o mundo por entre rios, encostas e igarapés. Dos afluentes de brisas quentes, no solo das águas doces que desaguam nesse rio.

Cena 1.2

Axixá.

(Ibitu adentra suas lembranças, dança em saudação às Axixás Jurema e Itamar)

Ibitu:

É doze mereme de cinco jurema

É doze mereme de cinco itamar

A terra tá girando e eu não saio do lugar

Dos Doze jureme de cinco jurema

Dos doze mereme de cinco Itamar

Eu cavo, cavo e não saio do lugar

- E D. Catirina!

São doze mereme, pra cinco jurema

sou confirmada IBITU filha D. Itamar.

- E D. Itamar!

Cena 2

Águas dos Mebengokrê



Figura 5- Mostra Cênica TUCB ETDUFPA, Foto: Yasmin Alves -2022

(Ibitu posiciona-se e senta-se no seu apoti - banco pequeno - e, enquanto conta uma história, vai derramando a água do jarro no alguidar)

IBITU

(repete três vezes)

Eu sou, eu sou
Esse canto de língua Jê
Da pele de jenipapo, daqueles mebengokrê
Do Iriri ao Bacajá
Com os meus pés descalços, nos instantes memória

Eu peço licença
Eu peço licença à Manissaua
Pela terra boa, pelo tempo bom
Eu peço licença à Jarina dos olhos d'água
Eu peço licença à ITA
Eh kararaô, eh Xicrin.

Eu sou, eu sou
Esse canto de língua jê
Da pele de jenipapo, daqueles mebengokrê

Cena 3

A boneca de pano, Abayomi.



Figura 6- Mostra Cênica TUCB ETDUFPA, Foto: Yasmin Alves. 2022

(Ibitu recorda a infância com a chegada da chuva relampeando no céu, uma canção da infância convida à Ibi, criança a brincar pelo varal de sonhos com a sua boneca de pano)

IBITU criança pergunta ao vento:

Será que vai chover hoje?

(uma venda é colocada em seus olhos, lembrando suas brincadeiras de infância)

Vem brincar comigo!

Tu não me pegas!

Eu vou contar até 3 ... 1... 2... 3...

(O vento bate forte e IBI brinca com sua boneca de pano)

IBI criança:

Assim não vale. Eu vou contar de novo ...

(Ibi brinca com o vento enquanto vozes de crianças compõem o espaço e depois desaparecem, ela sela com o vento uma amizade eterna)

Ibi criança e sua boneca de pano:

Te peguei pela força do vento

O vento que gira na força vento

Que é de girar

Eu te peguei gira vento gira vento que há de girar

Gira, gira, gira, vento gira vento que há de me acompanhar.

Amigo de todas as horas da infância hei de guardar .

Na memória da verdade, que assim com o mais leve da vida, comigo te levar para sempre, sempre, sempre.

CENA 3.1

O Tambor das águas

(Ibitu dorme com sua boneca e aos poucos vai ouvindo o pulsar dos atabaques e congas, e atende ao chamado do orixá das águas doces. Sua dança reflete as águas e o tempo)

Quarto - Guarda roupa de Ibitu - dia.

Ela dança com objetos do seu guarda roupa e assim vai trocando os panos (pano das costas) e assumindo novos caminhos em sua vida.



Figura 7 -Águas doces - Pauta de Quinta- Casarão dos Bonecos –

Foto: Aruana filmes - 2023

CENA 4

Girau dos sonhos



Figura 8- Virada Sustentável, Festival de Sustentabilidade – Ver o rio - 2023

(Ibitu se posiciona na frente do público em seu pequeno banco. Leva em suas mãos um vestido branco, sobe no banco e veste a roupa branca, enquanto é narrado um poema. A mudança no tempo ocorre e Ibitu está mais velha)

Narrador Vento:

A mulher do lado disse o teu nome em calma. Não sei se era Isadora, não sei se era Maria. Uma crespa cabeleira como folha te cobria. Tu tinhas a pele escura e olhos como dia. Era o mar todo salgado. Era uma cheia como guia. Qual de bicho mundiada. Água e mato me surgiam. Depois de voar pelos fundos.

Depois de rodar pelos dias. Ancorei na velha casa de madeira flutuante. Um pássaro dentro da casa. Como um barco que luzia. & eu perguntei de ti no ouvido uns assobios & já nem me lembro se o passo disse Isadora ou se disse Maria Eu trancava seus cabelos.

Tu tinhas a pele escura & uns olhos como o dia. Andei contigo em canoa,
Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

Por cima das águas grandes. Eu perguntei de Isadora eu perguntei de Maria. Tu disseste que era tu. Em toda imagem que existia & que Isadora me queria mas, era também Maria & eu te quis no encantamento, era assim que te queria.

(Poema Mundiada - poeta Paraense - Roberta Tavares- Livro Mulheres de fogo. Editora Autora -2023)

(Vai até o girau e prepara o café)

Ibitu:

O café é realmente algo acolhedor não é mesmo... Amargo, com açúcar, com canela, com mel, com leite. Aquela fumacinha, hum... O cheiro que vai levando a gente direto em sua direção.

(Enquanto faz o café no GIRAU, um silêncio toma conta do espaço. Após as primeiras fumacinhas do café pronto, a narradora conta a história das mulheres que cercam sua vida)



Figura 9 - Festiva de Teatro Negro Amazônia - 1º Encontro Afro-indígena UFPA - 2023

Ibitu:

Eu vou contar pra vocês uma história das mulheres da minha família. Reza a lenda que a família Azevedo tem fama de viuvez. Das cinco irmãs da minha avó, quatro ficaram viúvas.

(Toma um pouco de café)

Ibitu:

Eu sou de uma família de matriarcas. Sim! Com muito orgulho! Mulheres dona dos seus lares e de suas famílias. Mães solo que levam o sustento para casa todos os dias.

Bem onde eu estava mesmo... Ah sim o mais curioso nessa história é que elas vão enviuvando uma a uma de época em época, é como se os caminhos da vida sempre se repetissem uma a uma das irmãs.

(Toma um pouco de café e embaralha as cartas)

E o que isso tem a ver com vocês? Logo, logo vocês vão entender. Porque eu enxergo vocês! Emorió! Emorió! Emorió!

Eu tomo café da tarde com vocês. Naquela quentura num sabe, ah tem sempre um uma xícara de café me esperando, eu tô em cada história da infância e também da velhice de cada um. Eu tô nas histórias contadas pelos mais velhos da família. É eu estou bem aí. Emorió!? Eu não vim aqui para aprender algo novo, vim lembrar o que foi esquecido!

(Separa e tira três cartas)

Nessas circunstâncias da vida tem sempre uma senhora viúva que mora sozinha e com a minha avó não foi diferente, e com nenhuma das irmãs dela e também com nenhuma das avós ou bisavós de vocês não é mesmo?

A viuvez deu a elas a fama de Matinteio, de Mantintaria e de mistério, uma encantaria Matintada é assim, cada uma delas cumpriu irremediavelmente a mesma sentença. A sina de andar sozinha pelo mundo! As cartas não mentem.

olha aqui! sempre sai essa mesma carta.

(tira mais três cartas)

Com a minha vó foi assim, quando o meu avô morreu lá no Ari ou melhor em Cachoeira do Arari, ela sonhou com a morte dele e na semana seguinte ele morreu.

Eu não sei dizer sobre a verdade desses fatos, mas chegou até mim e é minha obrigação não deixar a história ser esquecida e assim ela segue seus caminhos para chegar até outros lugares onde deve ir e por aí vai...

É, a minha velha sempre voltou no mesmo lugar que ela se foi é não é curioso? Diz minha mãe, o mais curioso nisso é sempre levar em suas mãos um caixa de boi que sai entoando canções das histórias daqui, sempre banhada com ervas de cheiro, perfumosa, assim eu ouvi minha mãe contar....

(Narra a história debaixo do girau segurando um pequeno tambor com fitas coloridas)

Eu comecei a contar histórias por causa dela, quando ela partiu eu tinha apenas dois anos, minha mãe me contava desde pequena... que ela me dava banhos sempre arrudiada de muita cantoria sempre cantava a mesma música. Que mais ou menos assim:

Êeh Emorió, eh Emorió, Emorió môo *(repetir três vezes)*

Que significa eu te enxergo. E assim foi passado a mim o legado de minha vó. Emorió é uma palavra Nago, que quer dizer mais ou menos assim: eu enxergo vocês quando vocês não veem!

(Enquanto ela canta, entoa cantorias da avó, vai assoviando palavras cantadas nos ouvidos das novas gerações, pelo seu fiar de tecidos brancos remenda o mundo das matintarias)

Êeh Emorió eh Emorió Emorió môo *(repetir três vezes)*.

(vai recolhendo as cartas e colocando de volta no pano branco. Usa uma agulha para fechar o pano e repete para si: assim o fiar das histórias se entrelaça pela linha do tempo. Segue a costura dando três nós na linha)

Êeh Emorió eh Emorió Emorió môo (repetir três vezes)

(Narradora se posiciona em frente ao alguidar com ervas)

Cena 5

Banho de ervas



Figura 10 - Mostra Cênica TUCB ETDUFPA - Foto Yasmin Alves -2022 - Teatro Claudio Barradas

(Ibitu Erveira começa a recolher as ervas para o banho, enquanto isso vai pedindo proteção para suas caminhos e todos que ali estão)

Ibitu erveira:

Ô Alecrim que abre meu caminhos

Ô Aroeira que leva embora minha tristeza E a Espada de São Jorge que nos proteja

Ibitu erveira;

Taa kai kai kaikó

Abre o caminho que me guia

Com Guiné, Arruda, alfazema, manjerição

(Flauta)

Ibitu erveira;

De frente pro rio é que vou ser

Ibitu erveira:

É comigo ninguém pode, é cantiga de mulata

É flor da fortuna é samambaia e manjerição

É samambaia e manjerição

É Aniz, canela, trevo da sorte e um bom cheiro cheiroso de preparação

É samambaia e manjerição

(Percussão e outros instrumentos)

Ibitu erveira:

Taa kai kai kaikó

(Ibitu erveira termina a preparação do banho e em pé inicia o seu canto junto com um grupo de músicos que acompanha o espetáculo fazendo a sonoplastia)



Figura 11- Sonoplastia do Espetáculo Solo Águas Doces - composta por respectivamente: dois percussionistas, um flautista e um diretor musical (Gley Carrera, Larissa Mê, Fred Wiliam, Iris da Selva), ano 2022 - Teatro Claudio Barradas.

Música: De frente para o rio.

Composição: Karina Diaz /Arranjo e concepção Iris da Selva.

EU SOU DAQUI
DAS ÁGUAS DOCES DAQUI
EU SOU.

EU SOU, UM SOL DE RIO
QUE TRANBORDA NO TEU RIO MAR

EU SOL
EU SOU UM SOL DE RIO
QUE DESPONTA NO TEU RIOMAR

instrumental percussão, flauta e violão****

Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

KAA KAI KAI KAYKÓ
DE FRENTE PRO RIO É QUE VOU SER
KAA KAI KAI KAYKÓ
DE FRENTE NÃO TENDE ME ESCONDER
KAA KAI KAI KAYKÓ

início da música ****

KAA KAI KAI KAYKÓ

DE FRENTE PRO RIO É QUE VOU

KAA KAI KAI KAYKÓ

DE FRENTE NÃO TENDE ME ESCONDER

KAA KAI KAI KAYKÓ 2X

Instrumental flauta ***

EU SOU, UM SOL DE RIO

REVOADA NA BAÍA

NA BAÍA, DO MEU GUAJARÁ

(ibitu erveira sai da casa, aos poucos os músicos vão saindo, a casa fica sozinha)



Figura 12- Banho de ervas - objeto sensorial para o público - foto Yasmin Alves - 2022 – Teatro Claudio Barradas.

As águas doces seguem o fluxo do rio. Silêncio!...é nos pés que os versos moram.

Fim.

Festival Karuê Multilinguagens, 2022.
Foto: Yasmin Alves.



Festival Karuê Multilinguagens, 2022.
Terreiro da Mãe Herondina. Foto:
Yasmin Alves.



Performance Gira Folha, 2021. Foto: Sara Arcangela.



**Espetáculo Pauta Negra, 2022. Foto:
Tarsila Rosa.**



**Festival de Teatro Negro, 2023. Foto:
Klewerson Lima.**



Virada Sustentável, 2023. Foto:
Klewerson Lima.



Virada Sustentável Ver o Rio, 2024.
Foto: Klewerson Lima.

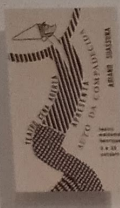


Espectáculo Sagrada Malandragem, 2022. Foto: Moutinho.



O AUTO DA COMPADECIDA

— 1981 —



Programa de apresentações
O Auto da Compadecida
Ariano Suassuna
1981



Espectáculo Águas Doces, 2023. Foto:
Awazonia.





KARIMME SILVA é paraense. Natural de Belém. Mestre e Doutoranda em Artes pela Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFPA), na linha de pesquisa Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Especialista em Linguagens e Artes na Formação Docente (IFPA). Educadora Popular pela Rede Emancipa Belém. Artista-pesquisadora de Teatro, Dramaturgia, Encenação, Sonoridades e Processos Criativos. Atriz-cantante, intérprete no projeto musical MANTO. Escritora, com textos publicados nas coletâneas, Trama das Águas, e Revoada, ambas de literatura feminina paraense. Colaboradora em Pesquisa e Montagem Cênica pela Escola de Teatro e Dança da UFPA. Artesã de cena, palavra e som. E-mail: rose.karimme@gmail.com

MIRA DE SERPENTE

 KARIMME SILVA

MYRA | ANA | MÃE | PAI | MÉDICO | ESPELHO

MANTA CAMA CADEIRA

MADEIRA TALHADA VELHA

CÔMODA CÔMODO INCÔMODO

ESPELHO ESPASMO ESPAÇO

ESCURO ESBOÇO ESTRANHO

LIVRO LIVRE LER-SE LIVRA

CADERNO ANOTA LINHA TORTA BORRA

BEIRA AMASSA RISCA RASGA

CHÃO CHÃO CHÃO PISO PISA PÉ FORTE

PONTE PASSO FALSO PULSO

MOFO FUNDO FUNGO FEDE MUNDO

ACORDA ACIONA ACENDE

ABRE ABRE O OLHO

OLHA OLHA

MIRA

I. D E S P E R T A

MYRA

Eu não acredito que ela pegou a minha sandália de novo...
Por isso, odeio emprestar minhas coisas, porque ela acha que pode pegar uma ou duas vezes que já vira a dona. Hoje é sandália, amanhã é roupa, dinheiro...
Mas no dia em que tiver um quarto só meu, ela não vai nem pisar aqui.
Vou trancar tudo com chave. Nem ela e nem ninguém vão ficar entrando assim.

PROCURA ONDE PISA

A IRMÃ OBSERVA

ANA

Falando sozinha de novo, Myra?
Eu hein, se eu não te conhecesse, ia achar isso bem esquisito, mas já tô até acostumada...
Que foi dessa vez? Por que tá resmungando aí?

MYRA

Cadê a minha sandália?
Tu sabes muito bem que os meus pés estão machucados e eu não ando nesse chão sujo e gelado.
Por que tu não sabes usar só o que é teu? Por que precisas pegar minhas coisas toda vez?

ANA

Olha... Eu não tô acreditando que tu estás nessa DE NOVO.
Semana passada foi uma blusa tua que sumiu e quando tu olhaste com mais calma,
ela tava dentro da cômoda. Caso tu não esteja lembrada, chegaste ontem pegando chuva
e deixaste a sandália lá fora. E isso foi bem antes de eu ter saído.
Nem dormi aqui essa noite. Mas tu sim, e pelo jeito nem mudaste de roupa, né?

A ROUPA MOLHADA

O CANSAÇO GRANDE

MYRA

Tá bom, desculpa... Não lembro nem que horas eu cheguei.

Estava tão cansada. Nem vi quando tu saíu. E a mãe, tá por aí?

ANA

Ela saiu cedo, mas logo tá chegando. E tu, tava por onde ontem, hein?

MYRA

Quando eu saí do trabalho, fui dar uma volta pra descansar a cabeça.

Fiquei bem cansada, na verdade tudo ali me cansa.

Aquele supervisor idiota fica o tempo todo perturbando, quando chega a sexta é um alívio.

Só que acabei pegando aquela chuva quase voltando pra casa.

ANA

Que chatice... Não sei como tu ainda aguentas continuar ali.

Se fosse eu, já tinha ido procurar outro trampo.

Por isso, que quando chega a sexta, eu descanso a cabeça no bar.

MYRA

Problema teu.

Não sei porque tu pergunta pra onde eu fui, eu não fico te perturbando, mesmo quando estás enchendo a cara por ai. E acho que por isso tu não organiza a tua vida,

ANA

É, mas mesmo assim a minha cama tá mais arrumada do que a tua.

SENTADA NA CAMA

A CÔMODA É VELHA

ALI TEU CADERNO

E TAMBÉM UM PENTE

DESCANSA, TE ARRUMA

O DIA COMEÇA

II. A V I S A

O PAI SEGUE ANDANDO

DE UM LADO PARA O OUTRO

MEIO RETO MEIO CURVO

PASSOS PRESSAS LÁ E CÁ E LÁ E CÁ

E LÁ E CÁ E LÁ E CÁ

TRIMMM, TRIMMM

ALÔ?

PAI

Bom dia! Nossa, ainda bem que finalmente consegui falar com o senhor...
Já faz uns dias que venho tentando e sei que o senhor anda bem ocupado ultimamente...
Mas que bom que o senhor me atendeu.

MÉDICO

Bom dia. Tudo bem?
Realmente não lhe atendi, pois nos últimos dias estive em diversos plantões e procedimentos.
Mas você sabe que pode me ligar, que no momento oportuno, eu lhe retorno.
Então vamos lá, o que está acontecendo?

PAI

Bom... Vou logo direto ao ponto.
Nos últimos dias a Myra voltou a ter um comportamento estranho, achei que fosse a adaptação a essa nova rotina de trabalho, ela tem uma boa rotina e consegue fazer as coisas normalmente, mas ontem a mãe dela disse que ela chegou meio desorientada em casa.
Por isso eu liguei, pra saber o que fazer nesses casos.

O QUE FAZER?

O QUE SE FAZ?

PREOCUPAÇÃO

AÇÃO

MÉDICO

Certo. Da última vez em que conversamos, você disse que ela parecia estar bem.
Mas desde já, não se preocupe tanto. Este tipo de desorientação, às vezes, é comum de ocorrer.
Lembre-se que, mesmo seis meses depois, ainda é um período de adaptação.
É importante observar que estes momentos não são raros de acontecer, mas você precisa observar a frequência e intensidade deles.
E as medicações, como estão?

PAI

Exatamente como o senhor recomendou:
500mg ao acordar e mais 250mg à noite.

MÉDICO

Então. Passe a observar mais vezes a rotina dela: hora de dormir e de acordar.
Alimentação. O sono e a rotina de trabalho.
Observe também a rotina de trabalho, para não sobrecarregar a carga física e
mental dela.
É importante que ela ocupe a cabeça, mas apenas o suficiente.
E a Ana, como está?

PAI

A Ana é a que menos me preocupa.
Me preocupo com as duas né, com esse mundo de hoje, mas com a Ana, a minha
preocupação é menor. Mas ela tá bem. Também continua tomando seus remédios.
Com ela tá tudo bem.

MÉDICO

Certo. Menos mal.

PAI

Mas caso aconteça algo fora do comum com a Myra, o que eu faço?

MÉDICO

Aí, além de dobrar a dose, nós vamos ter que voltar com o tratamento de choque.
É difícil, mas é a única forma dela recobrar o seu juízo.
Qualquer coisa, entre em contato comigo.

PAI

Tudo bem, se o senhor está dizendo, eu confio.
Vou ficar observando e qualquer coisa, volto a entrar em contato.

MÉDICO

Certo. Mas fique atento mesmo. É importante.
Ainda mais no caso da Myra, depois do tratamento experimental que já
iniciamos.
Me mantenha informado.

PAI

Com certeza. Vou ficar ainda mais atento.
Muito obrigado por me atender e mais ainda, por nos ajudar.

DESLIGA PENSA REPENSA

PRECISA PRECISA PRECISA

MAIS FÁRMACOS FORMAS

REPARA REPÕE A DOSAGEM

DE MAIS MILIGRAMAS

E FARTAS MEDIDAS

MAIS FORTE PARA NÃO ENFRAQUECER

III. E N C O N T R A

MYRA BANHADA

SENTADA NA CAMA

A MÃE APARECE

MEMÓRIA PEQUENA

TOALHA NA NUCA

A LEMBRANÇA OCA

NAS MÃOS AS SANDÁLIAS

DÚVIDA GIGANTE

MÃE

Bom dia. A Ana disse que você estava procurando as suas sandálias.
Hoje cedo quando eu saí pra trabalhar, o vizinho ali da esquina me parou e me entregou isso aqui.

AQUELAS SANDÁLIAS

TÃO SUJAS DE LAMA

MÃE

Ele disse que não sabe como isso foi parar no quintal dele, mas que ele já tinha lhe visto andando com elas algumas vezes e perguntou se podia ser sua. Pelo jeito são essas mesmas, né?

MYRA

São sim, mas... Como ele encontrou elas? E no quintal dele?
Eu nem falo direito com esse homem, acho ele até meio estranho.
Ontem quando caiu aquela chuva, eu comecei a correr e não reparei se elas ficaram pelo caminho
ou se deixei na porta de casa. Tanto que cheguei com os pés machucados.

MÃE

Sim, eu percebi. Perguntei várias vezes o que era e você não me respondeu.
Saiu de casa dizendo que ia trabalhar, mas chegou daquele jeito.
Só subiu pro quarto e disse que estava muito cansada.
Mas agora, acho que podes me explicar o que aconteceu ontem, né?

Seu pai não ia gostar nada de te ver assim. A sorte é que ele já estava dormindo quando você chegou.

MYRA

O que aconteceu foi que a chuva me prendeu no meio do caminho,
perdi as minhas sandálias e, por isso, feri os pés. Mas que bom que a senhora achou.

Quando eu passar perto da casa do vizinho, eu agradeço.

A MÃE SE PREOCUPA

OLHAR ASSUSTADO

GEROU DUAS FILHAS

EM PARTES OPOSTAS

MÃE

Myra, minha filha. Já faz alguns dias que eu percebo que você não tá muito bem.
Sou tua mãe, pode conversar comigo. Tá acontecendo alguma coisa?
A Ana sempre conversa comigo quando tem algo errado, por que você não faz o mesmo?

MYRA

Porque eu não sou a Ana. E tá tudo bem.
Só preciso ir na farmácia comprar alguns curativos e álcool iodado pra passar
nesses ferimentos.

MÃE

Eu tentei cuidar disso ontem mesmo, mas você não deixou!

MYRA

Será que é por que eu já sei muito bem me cuidar?
Sei que tô morando aqui porque precisei voltar, mas já tô trabalhando e me
organizando
pra poder sair de novo. Eu não sou mais criança.
Se tem alguém com quem a senhora deveria se preocupar, é a Ana. Não eu.

MÃE

Já vi que com você é difícil ter uma conversa.
Espero que um dia você seja menos cabeça-dura e seja mais aberta comigo, com
o seu pai, com sua irmã. Nós somos uma família e só queremos o seu bem. Um
dia você vai entender...

A IMPACIÊNCIA

MYRA

Tá bom, mãe! Outra hora a gente conversa. Agora eu posso trocar de roupa?

ESSA MÃE SE CALA

NO TOQUE DA PELE

É UM CORPO-CROSTA

USANDO UM VESTIDO

E MYRA SE ENXUGA

AS COSTAS MARCADAS

AS COSTAS FERIDAS

OLHANDO O CADERNO

AS PÁGINAS REGISTRAM O QUE ACONTECEU?

IV. R E L E M B R A

RELEMBRA, RECORDA

PERCEBE O REGISTRO

SSSSSUSSURRO OPOSTO

ACOMODA CÔMODA

FOLHEIA UMA PÁGINA

ESPAÇO BORRÃO

OCULTO COBERTO

ALGUÉM TE OBSERVA

ESPELHO

Se você abre os olhos e percebe o que está oculto...

Aí sim, consegue enxergar.

MYRA

Ana? Mãe?

Quem tá aí?

ESPELHO

As respostas que você procura não estão em um caderno, Myra.

APROXIMA-SE COM MEDO

MEDO DE UM REFLEXO

MYRA

Isso é algum tipo de truque, Ana? Isso só pode ser coisa tua, né?

Tu que cobriu essa porcaria de espelho e deixou aí, eu não sei nem pra quê.

Por mim, isso já tinha ido pro lixo. Pois vou fazer isso agora.

NÃO SE PODE MOVER

O QUE ESTÁ PRESO

NÃO SE PODE CALAR

UM TECIDO ROXO

AQUILO QUE FALA

A VOZ SE AMPLIFICA

COBRE O OBJETO

O REFLEXO É SEU

ESPELHO

Há quanto tempo o seu rosto não aparece por aqui
para que você finalmente descubra a si mesma?

MYRA

Era só o que me faltava...

Tenho certeza que já tinham inventado de tudo, mas um brinquedo em formato de espelho com essa voz gravada, eu ainda não tinha visto.... Desde quando a Ana trouxe essa porcaria pra cá e disse que tinha comprado numa liquidação, eu sabia que era algo errado.

Só não joguei fora porque eu não mexo nas coisas dela, enquanto ela vive mexendo nas minhas.

ESPELHO

Será que você não consegue enxergar o que é real?

MYRA

Com certeza ouvir um espelho falando comigo é que é real...

ESPELHO

A realidade não está só no que ativa os sentidos,
mas no que eles podem e conseguem processar.

MYRA

Então, já que isso aqui é a realidade, agora é a hora em que eu olho pra mim mesma
e te pergunto “*espelho espelho meu*”?

ESPELHO

Quem dera se a realidade fosse como nesses tipos de histórias...
Myra, eu lhe conheço muito mais do que você pensa, você só não consegue lidar com isso.

Nem com o fato de que tudo pode ser real.

Inclusive eu aqui falando e lhe mostrando um reflexo
que pode - ou não - ser o que você enxerga.
Pare um pouco e pense: há quanto tempo você vive neste quarto?

A CABEÇA GIRA

GIRA MIRA

O CORPO PERDE

SEU PRÓPRIO EIXO

O CHÃO PRÓXIMO

A QUEDA

OS OLHOS PESAM

CADERNO VOA

DESMAIO

V. VISITA

MÃE E PAI

O MÉDICO

O SILÊNCIO

QUE OBSERVA

O OLHAR

QUE SILENCIA

DEITA E DORME

MÃE

Ainda bem que o senhor veio a tempo, se não podia ter sido pior!

MÉDICO

Os batimentos dela estão ok, a pulsação também. Só precisamos ver com calma os ferimentos nos pés. Esse desmaio pode ter sido em decorrência da medicação. Alguns pacientes apresentam efeitos colaterais, ainda mais se tratando de um remédio que não está liberado para venda.

Mas como vocês sabem, eu tenho licença médica para realizar este tratamento e como se trata de um procedimento experimental, é preciso avaliar caso por caso.

Mas não se preocupem, logo ela acorda e ficará bem.

PAI

Fazia tempo que isso não acontecia...

Ela estava bem, vivendo normalmente e no ritmo dela.

Mas a gente sempre se preocupa, porque é complicado.

MÃE

Ainda mais porque estamos envelhecendo...

Não tem um dia em que eu não pense em quem vai cuidar dessas coisas quando não estivermos mais aqui. É muito triste ver ela desse jeito. Nem de longe parece aquela criança alegre que gostava de passear todo domingo. Hoje eu olho pra minha filha e vejo um vazio, um espaço enorme que nós tentamos, mas preenchemos cada vez menos.

MÉDICO

Por isso é importante que vocês também façam acompanhamento regularmente.

Não apenas para lidar com o caso da Myra e suas possíveis intercorrências, mas para poderem não adoecer também. É uma rede de cuidados que precisa contemplar toda a família.

PAI

A Myra é tão diferente da Ana, sempre foi. E eu não sei nem explicar o porquê.

MÉDICO

Vamos deixá-la descansar mais um pouco, ela está precisando.

VI. A C O R D A

DESPERTA CONFUSA

ESPELHO COBERTO

BAGUNÇA NO QUARTO

CADERNO AMASSADO

MYRA

Ana... O que aconteceu? Minha cabeça parece que vai explodir...

ANA

Aconteceu o mesmo de sempre: tu sonhando ou tendo pesadelos, falando de um tal espelho, dizendo que ele conversava contigo, toda vez isso. Acho que tá na hora de doar esse meu espelho porque parece que ele te incomoda muito, seja acordada ou dormindo.

E eu ainda tentei te acordar, mas teu sono é muito pesado.

MYRA

Não... Eu sentei na frente desse espelho e ele tava descoberto! Sério, ele falou comigo.

No começo, eu também não acreditei e achei que fosse tu, mas era outra voz.

E ele tava descoberto. Ana, porque esse espelho vive coberto?

ANA

Sério que tu não lembras disso?

MYRA

Eu quero entender...

ANA

Myra, eu te falei que comprei esse espelho numa liquidação, mas na verdade eu achei ele nos fundos de uma gaveta no quarto da mamãe. Ela disse que ele era da nossa avó e que ela deixou de presente quando morreu.

Mas eu não quis te falar isso porque parece que tu não gosta da nossa vó nem de nada que lembre dela. A mamãe disse que tu não podia olhar muito pra esse espelho que tu passava mal. Mas como eu gostei dele, trouxe pra cá e deixo coberto pra não te perturbar. Só que tu continua com essa história de que os objetos falam contigo.

MYRA

Mas foi isso mesmo que aconteceu, eu me senti mal porque fui olhar esse espelho e ele me disse várias coisas estranhas. E ele tava descoberto.

Aí fiquei tonta e não lembro mais de nada. Só sei que eu desmaiei.

ANA

Não Myra, tu não desmaiou. Tu só tava dormindo.

E há pelo menos 3 anos ninguém mexe nesse espelho. Acho que tu tá trabalhando muito ou pegou muita chuva e ficou meio molenga e cada vez mais sonhando com coisas sem sentido.

MYRA SE ENCOLHE

RECOLHE O CADERNO

A DATA E A FRASE

ENTÃO OBSERVA

NA ÚLTIMA PÁGINA

18 DE AGOSTO DE 1994

“PARA PODER RETORNAR E LEMBRAR”

VII. R E T O R N A

A DATA E A FRASE

A MÃE SE APROXIMA

CADERNO BORRADO

NAS MÃOS ALIMENTO

MÃE

Filha, já faz muitas horas que você não come nada.

Fiz aquela sopa que você gosta, pra ver se isso te anima um pouco.

E vamos passar uma pomada nesses seus pés, que estão inchados. Quando se adocece...

MYRA SE IRRITA

PERPLEXIDADE

MYRA

Mas eu não tô doente! Só dormi mal essa noite, a Ana disse que...

MÃE

Você ficou o dia todo desacordada e precisou ser atendida por um médico aqui em casa.

Ele esteve hoje mais cedo conversando comigo e com o seu pai sobre esse desmaio.

Já fazia um bom tempo que isso não acontecia, mas dessa vez foi mais forte.

Você não teve pesadelos pois estava inconsciente.

MYRA

Não... Mãe, eu tava aqui no quarto, ouvi uma voz e fui ver o que era. Até achei que fosse alguma graça da Ana, mas não era ela. Eu sentei na frente desse espelho e aí eu ouvi algumas coisas dele, só que eu fiquei tonta e não consegui escutar mais nada.

A Ana disse que eu dormi, que eu tava sonhando.

Quando eu acordei ela tava deitada aí.

O OLHAR PROFUNDO

DE UMA MÃE SÉRIA

MÃE

Minha filha, eu não sei nem como te explicar isso, também não sei como você vai entender.

Mas já faz um mês que a Ana viajou para outra cidade porque recebeu uma boa proposta de emprego e teve que ir. Já faz um mês que este quarto é só seu.

PERPLEXIDADE

MYRA SE IRRITA

RISADA NERVOSA

MYRA

HAHAHAHAHA, mas isso só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto!

E só rindo muito pra acreditar nisso. Primeiro, eu cheguei em casa com os pés feridos, depois um espelho falou comigo, aí eu desmaiei e sonhei? Ou sonhei porque desmaiei?

E agora a Ana não mora mais aqui... Hoje mesmo eu falei com ela!

E outra: se ela tivesse saído de casa, eu ia ser a primeira a saber.
Porque sair daqui é uma vontade minha também.

MÃE

Calma, Myra! Você está com os pensamentos muito bagunçados.
Precisa se estabilizar pra entender o que tá acontecendo. Por favor, se
acalme.

Que nós vamos tentar resolver tudo da melhor forma.

MYRA

Eu preciso me estabilizar?! Do que a senhora tá falando???

MÃE

Só tenha calma. Por favor.

Estamos cuidando de ti. Você não está sozinha, filha.
Descansa mais um pouco e toma pelo menos um pouco dessa sopa. Você
precisa se alimentar.

FRAGILIDADES

REALIDADES

VII. R E V I V E

18 DE AGOSTO DE 1994

PASSADO

PRESENTE

O MÉDICO CHEGA

ESTRANHO FAMILIAR

DE ONDE SE VÊ

MIRA SOLITÁRIA

MÉDICO

Bom dia, Myra. Como você está hoje?

MYRA

Eu não sei... Preciso entender... O que tá acontecendo...

MÉDICO

Você precisa se lembrar, para então poder entender.

MYRA

Cadê minha mãe e o meu pai? E a minha irmã Ana?
Onde eles estão?

MÉDICO

Myra. Às vezes quando algumas pessoas passam por uma situação que nós chamamos de trauma, elas não conseguem lembrar de muitas coisas, muito menos compreendê-las. Antes de qualquer coisa, eu preciso que você faça um esforço na sua memória e tente se lembrar de algo que foi muito importante ou forte na sua vida. Estou aqui pra te ajudar, mas você precisa ativar essas memórias. Existe algo aqui que te pareça familiar ou que você tenha algum tipo de lembrança?

O SUSTO

A ROUPA

CADERNO

ESPELHO

MYRA

Eu gostava muito de escrever. Eu tinha um caderno parecido com esse.
Mas não era esse...

Esse tá com as páginas sujas e amassadas. Mas eu vi uma data.
Alguém deixou esse caderno aqui com essa data: 18 de agosto de 1994...
E também tinha uma frase. De quem era esse caderno? Meu não era.

MÉDICO

Essa data não te lembra nada? Agosto é um mês antes do seu aniversário, né?

MYRA

Sim... Eu vou fazer 35 anos em Setembro.

MÉDICO

Quantos anos você tinha em 1994?

MYRA

Acho que tinha uns 5 ou 6 anos, eu não sei direito.

MÉDICO

E o que aconteceu de importante naquele ano?

OLHAR DE CRIANÇA

MIRA A LEMBRANÇA

MYRA

Era 1994, e eu ia fazer 6 ou 7 anos. Acho que era um sábado... O meu pai tinha acabado de comprar um carro bonito e nós fomos buscar a minha avó em outra cidade. Era 18 de agosto, dia do aniversário dela. No carro estava o meu pai, minha mãe, a Ana e eu. Era um dia chuvoso... Muita chuva. Eu estava com um vestido roxo e a Ana, de amarelo. Parecia que aquele dia e aquela viagem não iam acabar... Toda vez eu perguntava se ia chegar e nunca chegava...

MÉDICO

Então, nesta data, você era uma criança viajando com a sua família, certo? E consegue lembrar de mais alguma coisa? É importante que você lembre.

MYRA

Eu não sei... Só sei que foi uma viagem muito longa.

MÉDICO

E vocês encontraram a sua avó?

MYRA

Sim, chegamos já de noite na casa dela. Mas aquela chuva não passava. Quando paramos o carro, eu lembro que ela só abriu a porta da casa e não falou nada.

Eu tinha um pouco de medo da vovó porque ela parecia sempre brava. Não gostava de ficar muito perto dela. Mas ela veio e sentou do nosso lado.

Não disse nada, nem abraçou a gente. Mesmo no dia do aniversário dela, ela não estava feliz.

MÉDICO

Você tinha medo dela?

MYRA

Um pouco.

Não lembro tanto da vovó, mas o pouco que eu lembro, ela tava sempre com cara de raiva.

Aí nós saímos de novo, acho que fomos comer alguma coisa.

Eu estava com muita fome, só queria um lanche e um suco de laranja.

MÉDICO

E depois, Myra? O que mais aconteceu nesse dia?

MYRA

Tava cada vez mais forte a chuva. Começou a trovejar muito e eu chorei com medo de trovão. Meu pai e minha mãe me mandaram ficar quieta porque todo mundo já tava se irritando.

Mas eu tava com muito medo. Então... A vovó tirou da bolsa dela um espelho e colocou no meu colo. Aí eu fiquei olhando e vi que tinha uma sombra atrás de mim!

MIRA MEMÓRIA CHORA

Era um vulto, eu não sei! Um negócio horrível!!!

Aí ouvi um barulho muito alto de buzina e...

MIRA LEMBRANÇA OFEGANTE

E aí... Eu acordei aqui.

MÉDICO

Myra, escute. No dia 18 de agosto de 1994, o carro em que você estava com a sua família capotou em uma estrada fora dos limites da cidade.

Estava chovendo muito e a equipe dos bombeiros demorou a fazer as buscas por conta do mau tempo. Quando o resgate chegou, todos estavam mortos. Mas você só estava desacordada, com os pés, as costas e o rosto machucados por conta do forte impacto. Além de você ter sido a única sobrevivente deste acidente, o único objeto intacto encontrado foi este espelho que estava perto de você.

É difícil, mas essa é a única coisa real que você precisa se lembrar, para então poder tratar. Todos os dias você acorda e passa horas falando sozinha

com este espelho e escrevendo e riscando coisas sem sentido neste caderno velho. Agora, você precisa tomar mais duas doses deste remédio, para descansar a cabeça. Por favor, colabore com a nossa equipe. Há anos você está se tratando aqui e só precisamos que você responda de forma positiva ao tratamento, você sempre esteve em boas mãos.

MIRA PALAVRA

UM SOCO NO ESTÔMAGO

ESPAÇOS OCULTOS

DIANTE DOS OLHOS

MIRA ACUADA

O OLHAR DE MEDO

UM CORPO QUE TREME

E QUER SE ESCONDER

MIRA COBERTA

VI. MIRA

ESPAÇO DO SUSTO

SANDÁLIAS NA CAMA

EM CIMA DA CÔMODA

AQUELE ALIMENTO

OS BRAÇOS CANSADOS

ATÉ O CADERNO

AS MÃOS QUE AINDA

TENTAM ESCREVER

UM CORPO ARRASTADO

EM FRENTE AO ESPELHO

UM TECIDO ROXO

E UMA MOLDURA

*MIRA
OLHA OUVESENTE VOZ*

ESPELHO

Retornar e lembrar, lembrar, esquecer, viver, morrer, esquecer, retornar,
lembrar...

O que é real, Myra?

Há quanto tempo você olha para uma moldura vazia acreditando que é o seu
reflexo?

Há quantos dias você acorda com o mesmo dia no mesmo quarto?

Quantas vezes você acreditou que esta era a sua casa?

Em quantos momentos você olhou para o lado achando que sua irmã estaria ali?

Ou que sua mãe lhe traria suco e sopa?

Há quantas noites você acha que chegou aqui porque pegou chuva?

Há quanto tempo as feridas nos seus pés já cicatrizaram

e você ainda acha que elas estão ali?

O que resta da sua própria vida, além desse espaço pequeno

e de tudo o que você criou para poder continuar viva?

Seus olhos nesse espelho, olhos de serpente, miram pontos que já não existem
mais.

Miram pontos que nem existiram.

OBSERVA, MYRA.

Quais os teus maiores sentidos?

Consegues ver e ouvir além de olhos e ouvidos?

Que escuta é essa além do que os sons alcançam? Que visão é aquela que os
olhos não enxergam?

Consegue ouvir esse barulho-ruído-zunido-tectectec-tumtum-ziguezague aí
dentro?

Quando apontas à Myra, são os olhos de dentro ou espelhos lá fora?

Mira miragem miração que te aceita ou te acerta?

MIRA, OLHA.

MIRA O SILÊNCIO

HÁ UMA JANELA

E OUTRAS JANELAS

CERCADAS POR GRADES

O PESO NO PASSO

COM A LUZ SOLAR

E COM OUTRAS PESSOAS

PESSOAS QUE OLHAM

*A MIRA PERDIDA
A MAIOR PRESENÇA
VESTIDA DE ROXO
ESPELHO NAS MÃOS
A MIRA DO SUSTO
O QUE VEM DEPOIS?*

*ENTRE TANTOS ROSTOS
UMA MULHER VELHA
OS PÉS ENFAIXADOS
SORRINDO DE LONGE
O FECHAR DOS OLHOS*

*NEM O MAIS ALTO DOS MUROS CONSEGUE
NOS ESCONDER DE QUEM SOMOS*



PORONGA - MANTO O Espetáculo
(2023) no Teatro Experimental
Waldemar Henrique. Foto: Rogério
Folha.



PORONGA - MANTO O Espetáculo
(2023) no Teatro Experimental
Waldemar Henrique. Foto: Ana
Ribeiro.

**MATINTAS / com Rosângela Colares,
Cláudia Gomes e Aníbal Pacha -
MANTO O Espetáculo (2023) no Teatro
Experimental Waldemar Henrique.
Foto: Ana Ribeiro.**



**Ato Poético TRAVESSIAS -
MEMÓRIAS FLUVIORGÂNICAS
(2021). Pesquisa, concepção,
encenação e dramaturgia de
Karimme Silva. Foto: Rogério Folha**



Ato Poético TRAVESSIAS - MEMÓRIAS FLUVIORGÂNICAS (2021). Pesquisa, concepção, encenação e dramaturgia de Karimme Silva. Foto: Rogério Folha.



PEIXE-VOADOR - Ato Poético TRAVESSIAS: MEMÓRIAS FLUVIORGÂNICAS (2021). Pesquisa, concepção, encenação e dramaturgia de Karimme Silva. Foto: Rogério Folha.

Segunda temporada do espetáculo **CHÃO DE ÁGUAS** (2017) no Teatro Experimental Waldemar Henrique. Direção de Cacau Novais. Foto: Rogério Folha.



Segunda temporada do espetáculo **CHÃO DE ÁGUAS** (2017) no Teatro Experimental Waldemar Henrique. Direção de Cacau Novais. Foto: Rogério Folha.



Primeira temporada do espetáculo **CHÃO DE ÁGUAS** (2015) no Teatro Margarida Schivasappa, com Cacau Novais, Tarsila França e Cristina Kahwage. Direção de Cacau Novais. Foto: Rogério Folha.



Performance **BANQUETE** no lançamento do livro **O Estrangeiro de Pedras e Ventos** (2014) do autor. Júlio Miragaia, no auditório do Sindifisco Nacional no Pará. Foto: Karina Paes.



Personagem ERA no espetáculo ROSA DOS VENTOS - Entre Miragens e Mirações (2015) da Trupe Perifeéricos, na Casa Dirigível. Direção: Rafael Couto e Mateus Moura. Foto: Rogério Folha.



Personagem ERA no espetáculo ROSA DOS VENTOS - Entre Miragens e Mirações (2015) da Trupe Perifeéricos, na Casa Dirigível. Direção: Rafael Couto e Mateus Moura. Foto: Rogério Folha.



Segunda temporada do espetáculo
ANIMALISMO - A Nova Ordem Mundial
(2015) no Fórum Landi. Direção:
Marcelo Andrade. Foto: Rogério Folha.



Segunda temporada do espetáculo
ANIMALISMO - A Nova Ordem Mundial
(2015) no Fórum Landi. Direção:
Marcelo Andrade. Foto: Rogério Folha.



Nascida em Belém do Pará, **PIETRA GOMES** sempre gostou de contar e escrever histórias desde a infância. Aos 11 anos, decidiu fazer teatro e foi impedida pela família, podendo retomar o sonho apenas em 2019, quando ingressou para a UFPA, no curso de Licenciatura em Teatro.

Atualmente, Pietra Gomes está no último semestre da Graduação. Nas horas vagas, dedica-se em escrever suas histórias e posta seus textos e poemas na plataforma de vídeos TikTok. E-mail:
pietragomes56@gmail.com

A DUALIDADE

DRAMATURGIA

Pietra Gomes

CENA 1

Do canto direito do palco, (toca *Respiração da Floresta* - Marcus Viana) uma luz âmbar revela uma mulher vestida de branco, utilizando um adereço composto de palha e fitas em cores de verde e azul turquesa ao redor da cabeça. A mulher está cansada, tem muita sede e caminha arrastando os pés no chão. Vez ou outra, seu andar parece flutuar, como alguém que caminha em meio as águas. Conforme ela caminha, a luz âmbar acompanha seus passos. No canto esquerdo do palco, um homem que também é iluminado pela luz âmbar, a observa fixamente enquanto ela anda em círculo. Assim que a mulher chega na metade do círculo, o homem começa a caminhar e a iluminação também o acompanha, logo vê que se trata de um velho, que apoia seus passos sobre um cajado que segura firmemente na mão. Quando o homem completa também a metade do círculo, eles passam a se encarar sem desviar o olhar. O homem está desconfiado e encara a mulher com rigor. Por outro lado, a mulher além de cansada, fica assustada com o olhar do homem e se polícia para que seu andar não flutue mais. O homem caminha para o centro do palco e fica ali parado, seguindo a mulher com o olhar.

HOMEM (autoritário): Onde pensas que vai? Venha aqui! Não podes ficar sozinha por muito tempo.

Assustada com o homem, a mulher caminha e fica atrás dele, debruçando o corpo nas costas do homem. Por um breve momento, eles permanecem na mesma posição, até que começam a caminhar juntos em círculo. Durante a caminhada, o braço da mulher flutua e assim que o homem percebe, ele ergue a mão para segurar o braço dela.

HOMEM: Não!!! Você não pode! Você tem que ficar aqui comigo.

FILHA (assustada): Mas, pai! Eu quero sair... Eu preciso sair!

HOMEM: Queres sair? Queres mesmo sair? É perigoso lá fora e você vai se perder nas profundezas. (desesperado) Você não vai sair! Eu não vou deixar. Eu não vou deixar!!!

Pai e filha continuam a caminhada. Aos poucos, o medo toma conta do homem e ele vai repetindo em voz alta, como se estivesse fazendo uma prece desesperada, que a filha vai ficar com ele e que ela pertence a ele. Enquanto isso, o braço da filha ergue-se novamente. Atento aos movimentos de sua menina, o homem segura o braço dela novamente, com um pouco mais de força.

FILHA (implorando): Pai, por favor! Por favor, me deixa sair! Já não suporto mais viver entre os mortos!

HOMEM: Já falei que não! E se continuares com essa loucura, deixarás de ser minha filha e terás em mim um inimigo. É isso que queres?

FILHA (desesperada): Não, por favor! Não é isso eu que quero, mas eu preciso ir... Tem algo me chaman...

Irado com a teimosia da filha e ao mesmo tempo assustado com algo que ele acredita que pode acontecer, o homem não deixa ela concluir a frase e a interrompe.

HOMEM (incisivo e autoritário): Não dê ouvidos!!! É apenas o som da maresia.

Diante do tom ameaçador, a filha se cala. Ambos continuam o caminho, até que o braço dela ganha vida novamente e ergue-se. Mesmo sentindo medo daquele sinal tão familiar, o homem disfarça e

dessa vez, ao segurar a mão da filha, o faz com mais firmeza e violência.

HOMEM: Já falei que você fica! Daqui você não sai porque eu não vou deixar!

Pai e filha continuam a caminhada. Mas agora, já não é mais o braço que se movimenta. O corpo da filha torna-se um pouco maleável e ela tenta fugir. Agora, o pai leva o braço para trás, para segurar o corpo da filha.

HOMEM (colerizado): Não! Você não vai fugir de mim, você vai ficar comigo.

Enquanto o pai continua repetindo o mesmo discurso, a filha ergue a cabeça e olha para as costas do pai. Nesse momento, ela se preenche de coragem, apoia as mãos nas costas do pai e tenta empurrá-lo para baixo. Este, por sua vez, percebe o que está prestes a acontecer.

HOMEM (temeroso): O que pensa que está fazendo!? Você tem que ficar aqui comigo... Você é minha, não vou permitir...

FILHA (angustiada): Pai! Me perdoa, por favor... Mas preciso ir, preciso me libertar de uma vez por todas.

Ela consegue se livrar do homem e ele cai de joelhos. O corpo da filha ganha vida, movimenta-se com leveza, como se estivesse em meio as águas. Caído no chão, o pai se apavora ao ver a filha livre, com os passos tão leves como se fosse flutuar. Num último ato de desespero, ele rasteja no chão, tentando agarrar ao menos os pés da filha. Esta, por sua vez, sai de seu momento de autocontemplação e, ao ver o pai se aproximar, ela vai embora.

HOMEM (desesperado): Não vai embora! Volta aqui, não me deixa aqui sozinho! Filha, eu preciso de você... Não faz isso comigo... Eu preciso de você do meu lado...

CENA 2

Sozinho e caído no chão, o pai chora pela perda da filha, mas logo se recompõe e ergue-se. Ele olha para o cajado, que instantaneamente transforma-se numa pá. O homem começa a escavar um buraco no centro do palco (toca Elis Regina - *Aquarela do Brasil*).

HOMEM (amargura e raiva): Não, de novo não! Não, não e não... Ela vai voltar, ela tem que voltar. Ela é apenas uma criança, vai se perder nas profundezas...

A pá transforma-se num cajado novamente, e arrastando os passos, ele volta para escuridão.

CENA 3

O buraco está cavado no centro do palco, uma luz em tom de azul ou verde se abre no canto onde a filha está (toca *Maxacali* - Marcus Viana). Ela vem caminhando, brincando e explorando o novo corpo. Distraída, ela vai se aproximando aos poucos da cova, caindo nela em seguida. Com medo, ela começa a clamar por ajuda (toca Elis Regina - *Aquarela do Brasil*) e surge a figura de homem, que inicialmente ela não reconhece, e conforme ele vai se aproximando, ela se apavora.

HOMEM (olha para o público obcecado): Eu disse que ela ia voltar, eu não falei pra vocês? (volta o olhar para a filha) Não é, meu amor?

FILHA (desesperada): Pai, pelo amor de Deus... O senhor precisa me escutar.

HOMEM (irado): Não vou dar ouvido as suas mentiras. Não diga mais nenhuma palavra!

FILHA (preocupada): Pai, deixa eu te ajudar!

HOMEM: Quem precisa de ajuda é você!

FILHA: Pai, eu voltei pelo senhor! As coisas não precisam terminar dessa forma...

HOMEM: Você não pode me abandonar do mesmo jeito que ela fez conosco.

FILHA: E você não pode me aprisionar como tentou fazer com a minha mãe...

HOMEM: Como ousas?

Nesse momento, o homem ganha vitalidade e renova-se. Ele lentamente segura o cajado, enraizando seus pés ao chão, e erguer-se completamente. Naquele momento o cajado e seu braço tornam-se um só. Ele anda em direção à menina indefesa e encosta a ponta do cajado suavemente em seu queixo, e a medida que ele ergue o cajado ela levanta também. Ambos ficam de pé, ela olha para o cajado e o segura, surpreendendo o pai.

FILHA (receosa): Pai, você não me aprisiona mais... Deixa eu te ajudar!

HOMEM: Não preciso de sua ajuda.

FILHA (emocionada): Pai... Eu sei perfeitamente o que se passa dentro do senhor! Conheço como se fosse a terra em que eu estava enterrada... A terra que me enterrou a vida inteira. Ah! Meu pai... Eu jamais seria feliz se continuasse vivendo na mesma prisão que o senhor! Prisão que machuca, dilacera e mata! Que me arrancava pedaço por pedaço

conforme os dias passavam. Pai! Eu te amo tanto que escolhi me libertar e esse amor que eu sinto pelo senhor é tão grande, que só posso ir de uma vez por todas, se for contigo...

HOMEM: Solta esse cajado!

FILHA: Não, pai...

HOMEM: Solta agora!

A filha responde balançando a cabeça negativamente. Furioso, o homem puxa o cajado para si, para puxar a filha também e ela faz o mesmo simultaneamente, surpreendendo o pai outra vez. Com mais fúria, ele puxa o cajado e a filha pela segunda vez, que não cede e também tenta puxá-lo para perto. Os dois ficam próximos com a mão no ombro um do outro e com a outra mão no cajado. Nenhuma das partes cede, mas eles se olham (toca *Aos Nossos Filhos* - Ivan Lins). O olhar do pai estava tomado pelo ódio, enquanto que o da filha, estava tomado pelo desespero e pelo medo do que poderia acontecer. Pai e filha acabam se perdendo no olhar um do outro, algo diferente toma conta dos dois. Sem perder o contato visual, a filha sobe a mão para os cabelos do pai suavemente, e ele tenta se esquivar do toque dela. Conforme ela acaricia os cabelos e o rosto do homem, aos poucos ele se permite receber o amor da filha. O olhar de ódio do pai, agora torna-se terno, porém, ele ainda está segurando o cajado assim como a filha. Ela sorri levemente para o homem e ainda acariciando-o, convence ele a soltar o cajado e ambos fazem juntos, jogando o cajado para trás. O homem se emociona e se ajoelha junto com a filha, ficando de frente um para o outro. O homem chora enquanto a filha segura o rosto dele entre as mãos. Em seguida, ela acolhe o homem em seus braços e o deita em seu colo, fazendo ele repousar a cabeça na coxa dela. Ali, ele se permite meninar

outra vez, enquanto é coberto pelo véu do esquecimento do passado e das águas. A filha deita a cabeça sobre o corpo do pai, observando-o adormecido. As luzes se apagam.

A Dualidade, 2023. Foto: Dayana
Braz Afonso.



A Dualidade, 2023. Foto: Dayana
Braz Afonso.



A Dualidade, 2023. Foto: Dayana
Braz Afonso.





SAMIA OLIVEIRA é atriz paraense, natural de Belém, com formação técnica pela CAL - Casa das artes de Laranjeiras (2012, no Rio de Janeiro); Bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Interpretação pela UniRio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2017) e Especialista em Arte-Educação pelo curso de Pós-Graduação do SENAC/SP (2021). Professora de Artes (educação infantil e fundamental) e Professora de Teatro/Expressão Corporal. Produtora e gestora cultural nos segmentos: direção de produção; produção técnica em teatro e música; gestão; logística; execução de projetos e coordenação de festivais em artes. E-mail: samiaoliveirasamia@gmail.com

errática

por

samia oliveira moraes de souza

Para Raimunda e João
de Altamira

“Eu quero que o mundo saiba que Belo Monte me
matou”

(João Pereira da Silva)

personagens

- A mulher

*peça em **ato único**

Eu não me lembro bem o dia certo, mas eu lembro muito bem do cheiro, das cores... eu lembro bem de tudo, só do dia certo que eu não lembro mesmo...

Pensa só numa cena assim: era de manhã cedo, umas 8h assim... tava muito quente, muito quente mesmo, eu tava bem no meio daquela cidade, no meio daqueles *edifícios tudo*, era dia de trabalho e eu entrei num desses elevadores — velho que só, e tinha muita gente junto, a gente ficou *tudo apertado* lá dentro. O povo tava tudo indo trabalhar né, tudo bem cedinho, lá pra umas 8h da manhã, sabe? O cheiro daquele negócio já era um cheiro de... de cimento e de calor, era cheiro de suor e de esgoto, de edifício...

Até que entrou um homem lá uma hora, o homem *porre porre*, todo esbandalhado, tropeçando e *falando falando falando*, cuspiendo assim um bafo de cachaça no *povo tudo* do elevador, e o *povo tudo* se espremendo ali dentro, tá entendendo? Aí o cheiro que era de suor, calor, de edifício e esgoto, agora era um cheiro de suor, calor, edifício, esgoto, cachaça e *nhaca*, uma *nhaca* de sujeira, entendeu? de sujeira de cidade.

Agora presta atenção...

(a mulher faz uma pausa, como se precisasse se concentrar pra continuar falando)

O homem... tava com a barriga aberta... não era um furinho não, *(pausa)* Era um corte de peixeira mesmo na barriga dele, e uma da afiada, tanto que jorrava sangue ali da barriga dele, entendeu? Só que aquilo ali tava tudo muito normal pra ele, do jeito que ele tava era muito normal pra ele entrar num elevador desses entupido de gente, cedinho de manhã no meio da cidade, num dia quente pra caramba. Era como se esse homem fizesse isso todo dia. Ele tava todo estropiado, sabe, mas parecia que ele não tinha vergonha nenhuma, isso porque ele tava suado, fedendo à beça, falando tudo torto e com sangue assim, escorrendo no chão.

Era cedinho, mas eu consegui sentir os *cheiros tudo*, um de cada vez, sabe? Um cheiro de cada vez e, ao mesmo tempo, misturado com aquele cheiro de sangue...

O cheiro do sangue né... eu lembro até hoje daquele cheiro de sangue. Pra mim é, assim, uma coisa meio

que impossível de não lembrar daquele cheiro de sangue, mas também dos outros *cheiros tudo...* era assim, um sangue muito forte, bem vermelho mesmo, parecia que era o sangue de alguém que tinha muito ferro mesmo por dentro sabe... *(pausa)*

É...

Aquele sangue era o sangue de um homem de ferro.

(muda)

Aí depois eu pensei que aquele cheiro de sangue não fazia eu me lembrar de um cheiro de morte, sabe? Porque eu conheço muito bem a morte, entendeu? Eu já vi a morte. *(pausa)* De frente, e uma meia dúzia de vezes nessa vida... e não é assim... não é assim. O cheiro do sangue daquele homem lá fez eu ter vontade de encontrar a minha vida de volta, entendeu? Agora o cheiro de sangue de morte foi o que fizeram com o meu velho, sabe? Meu marido... assim... não é como se fosse uma morte morte, mas é mais ou menos, porque eles fizeram a morte abraçar ele ainda com vida... e eu acho que é até pior. Eles fizeram ele sentir na pele o céu caindo na cabeça dele, entendeu? É que nem a profecia do fim do mundo que o meu pai falava, é a roda grande passando por dentro da pequena. Né não? tô mentindo?

(muda)

O que eu tô querendo dizer é o seguinte, quando eu senti o cheiro do sangue daquele homem lá do elevador junto com cheiro de cimento, *nhaca* de sujeira, cuspe, cachaça, esgoto, eu tive vontade de andar o caminho tudo de volta, entendeu? Só que não pra me vingar deles. *(pausa)* ... Não. Eu queria era bater o pé ali, queria assentar..

Se eu não morri, eu vou tentar até *eles me matar*, entendeu?

Então foi isso que o cheiro daquele sangue fez eu ter vontade de fazer, porque foi ali que que tive certeza que o sangue que tem aqui dentro da minha pele é o mesmo sangue que a terra chora quando *eles manda cortar as nossas vidas tudo*, as nossas casas, nosso rio, nossos *frutos tudo*.

Deu o tempo de eu pensar tudo isso no meio ali do aperta aperta, e quando eu ia segurar aquele homem pelo braço, cadê? *Puf!* Ele tinha sumido! Ele saiu do elevador... Sobrou só as gotas de sangue no chão. Eu travei. Não consigo pensar mais nada desde então. O sangue é um tudo, vem pro bem e vem pro mal. E ali, aquele cheiro eu sei que era ele que

ia fazer eu andar, eu sei que é um andar pra morte. Mas eu precisava daquele andar pra viver...tá entendendo?

Vai ver foi por isso também que o povo se espremeu mais ainda quando o homem entrou, porque o povo ficou com medo de ser sangue de morte.

(muda)

É com ele que tudo muda no mundo.

Dá pra fazer filho. Dá pra fazer guerra. Dá pra fazer aquele negócio de pacto. Dá pra fazer exame de saúde. Teste de saúde. Dá pra ver um monte de coisa de saúde. Dá pra olhar pras coisas *pequenas tudo* de dentro do corpo. E aí dá pra ver se tem doença, tá entendendo? Dá até pra dizer qual é a doença. Dá pra criar uma pintura. E dá pra gerar o medo no povo. Dá pra fazer curar. Dá pra cuspir, tossir, espirrar. Dá pra se mijar e se cagar. Dá até pra chorar. Dá pra se arrancar as pessoas. Aí dá pra chorar de alegria. Pra gritar de alegria. Dá pra nascer de novo. E dá pra derrubar tudo. Mas dá também pra plantar. E dá pra se perder tudo. Dá pra ajeitar as coisas. Dá pra cair, machucar, se esbandalhar. Dá pra desmaiar. Dá pra ficar doido. Dá pra tirar a paz da pessoa. Dá pra ficar com raiva. Dá pra maltratar alguém. Dá pra se apaixonar. Mas dá pra sofrer um acidente também. Dá pra se lembrar das coisas. E dá pra se enterrar uma vida todinha. Aí dá pra cavar e encontrar mais coisa. Aí dá pra cuidar. Só que dá pra judiar. Dá pra humilhar. Dá pra esmagar a cabeça. Dá pra se

espancar, encher de porrada mesmo. Dá também pra trabalhar. Dá pra assaltar com arma. Dá pra se vingar. E dá pra imaginar coisa. Dá pra beber e dá pra comer. Dá pra lavar, quem sabe, né? Dá pra vomitar. Dá pra roubar. Dá pra apontar o dedo pro outro. Dá pra se sujar — e muito. Dá pra mentir. Dá pra se esconder. Dá pra vender. Dá pra trocar por dinheiro. Dá pra comprar. Dá pra matar. Dá pra morrer e dá pra viver.

O sangue dá *de um tudo*, ele é a terra do corpo.

(muda)

Foi o que eles fizeram com nós. Eles querem usar o sangue pra fazer a gente perder a terra do nosso corpo.

(pausa longa)

(muda)

Bem, de repente, o meu corpo era largo, grande, tudo era fartura da boa. Ó, a minha casa aqui. *(sorri)*. O meu plantio, o meu pomarzinho, tudo limpo. Tudo varridinho, direitinho. Aqui o meu velho com a roça dele, limpando o chão. Aqui é capim-de-cheiro pra remédio, pra dor de barriga, *essas coisa* assim. Aqui é o Murici carregado. Olhe esse pé de Murici! Aqui, os amigos me visitando. Macaxeira, muito bonito de se ver. Olhe. Ó o meu

cachorro, aqui. Olhe só o meu pinhão. Ele é assim, se eu chegar de manhã cedo, e ele tiver com as folhinhas moles, bem coladinhas, aí eu não saio pro rio, por nada. Porque ele tá me dizendo algo na linguagem dele. Tá buscando me proteger de alguma coisa. Mas, se ele tá todo arregaçadinho, aí tudo bem comigo, entendeu? Chego em casa é o primeiro que eu vejo. Meu pinhão pajé. Meu melhor amigo! Olhe a beira do rio. Aqui, ó...

(muda)

A gente quando tem uma memória presente, a gente tem *de um tudo*, sempre que quiser. Por isso, o nome é esse: presente. É uma presença que não se acaba nunca, meu pai me disse. Tudo se acaba, mas o que tá dentro da nossa memória não se *acaba* é *nunca* se a gente quiser.

Ó o meu velho, acabaram com a esperança dele em vida, mas a cabeça dele continua pensando, presenteando os olhos dele com os pensamentos do nosso antes.

(muda)

Eu vou contar o que aconteceu com nós... depois que jogaram nós no meio dos edifícios, me deu uma saudade da minha casinha... aí eu queria ver que

serventia a minha casa tinha pra eles. Peguei muito tempo de rio, tava cansada, queria ver meu pinhão. Quando fui me aproximando da ilha eu *quase que fiquei* cega. Fui descer a perna na terra e não senti o chão no pé. Ali, na hora, eu não sei o que senti. Porque, quando eu vi de longe, eu não achei que tinha.. (pausa)

Eu não tava acreditando no meu próprio olho.

Eles tacaram fogo na minha casa. Esses desgraçados queimaram uma vida inteira. Quando eu olhei, já tava quase tudo em cinza. Não sei nem lhe falar o que eu senti, não sei, porque eu não senti nada... Eu fiquei anestesiada do que vi. Fiquei parada, pensando na vida. Que mundo é esse que a gente vive?

Fulano da usinaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Que mundo é esse que a gente vive, fulano?

Vem cá, ô seu fulano da usina!

ÊÊÊÊ seu fulano.....

Vem bem aqui, vem.....me diz: que mundo é esse que a gente vive?

Ô FU- LA - NOOOOOOO DA U-SI-NAAAAA

(desiste)

Num adianta... eles não vão aparecer de novo, mas eu trouxe minhas trouxas pra esse pedaço de terra de volta. Eu sei que quando eles soltarem as águas isso tudo vai sumir, inclusive eu, mas eu não vou pra terra que eles decidirem dá pra gente, não. Eu não gosto da cidade, tá entendendo? Eles fizeram tudo o que fizeram e ainda *tacaram nós* no meio daquela cimentada de edifício... *(pausa)* Aí num dá né... *(pausa)* Tem como não.

Às vezes, eu acho que eu tenho que fazer o que o meu velho ia fazer, sabe? Ele num ia dar recado não. Ele foi lá no escritório deles pra chegar fazendo.

(pausa longa)

Mas aí aconteceu o que aconteceu. Ele perdeu a vida sem ter morrido. Os nervos ficaram *duro duro*. E é assim que *eles mata nós*, entendeu? Eles *mata nós* tirando tudo o que é nosso. E aí a gente perde

os equilíbrios tudo. Nós fica assim tudo doido, as coisa não encaixam mais...

Quando aconteceu a primeira expulsão nossa, meu velho foi lá, ficou cara a cara com o fulano desgraçado. Ele quis matar, ele foi pra matar. Queria matar como sacrifício pra ver se acontecia alguma coisa pros outros, porque nós sabia que na mesma hora que meu marido passasse com a faca por dentro do homem, ele mesmo ia ser morto.

Só que o corpo dele não quis, meu velho congelou inteirinho. Ficou só espumando pela boca de ódio. Imagina ver seu amor parar. Virar uma estátua. Foi isso que aconteceu, dá pra entender?

Meu velho não anda mais depois disso. Ele teve tanta raiva que travou o corpo.

(muda)

E foi assim que foi acontecendo... as coisas pra nós foram mudando assim, aos poucos sabe? Parece que cada dia era uma notícia pior.

Eles parece que gostam de ver a gente sofrer. E pra gente esse negócio de lei não existe não... não adianta.

(pausa)

Desde que eles chegaram aqui é muito sofrimento. Eles só olham pra nós quando querem tirar alguma coisa de nós, e aí depois começam a ignorar que a gente é gente. Eu tenho é nojo deles. Que Deus me perdoe, mas eu tenho é muito nojo dessa gente. Eles acham que com dinheiro eles podem fazer o que querem. A minha vontade... olha a minha vontade... rum...

Melhor eu não dizer não...

A minha vontade é usar o sangue, tá entendendo?

Eu tenho vontade de fazer o que o meu velho não conseguiu. Se ele tivesse conseguido, aí sim, ele ia tá morto morto, não ia nem tá mais vivo morto, ia tá morto morto.

como eu tava querendo dizer...

(desiste)

Deixa pra lá...

Melhor eu seguir aqui na lida.

(muda)

Eu vou falar o que foi a pior coisa que aconteceu pra nós.

num foi nem o *piripaque* do meu velho, entendeu?

eu achei que ali *eles já tinham matado nós*. Mas teve coisa pior.

O pior foi que *esses fulano* da usina foram tudo bater na nossa casinha. Eu abri a porta, ofereci café... nós *conversamos tudo*. Eu, eles e meu velho. Meu velho tava bonzinho ainda.

E tratei eles feito gente.

Mas eles *num* queriam conversa de verdade com a gente.

Eles tavam movidos pelo dinheiro ali.

O nosso dinheiro era o rio, já dizia o meu velho. O rio dava alimento, dava caminho. A mata nos dava proteção, dava sabedoria.

O rio me abraçou e eu abracei ele. Aqui eu encontrei uma casa e a fome me esqueceu. Só que agora essa desgraçada me encontrou de novo. Me perseguiu, me perseguiu e me encontrou. Como se a gente tivesse nascido mesmo é para ser miserável. A vida sempre rouba de nós. Agora ela venceu. Não posso mais recomeçar.

Eu digo. Digo pra quem quiser. Digo pra Deus, pro Satanás e para qualquer cão que aparecer, que a justiça do país brasileiro é dinheiro. Se Jesus bater aqui, nesse país, os altos empresários catam ele e compram ele. E, se ele se abestalar, é vendido.

Entendeu?

Quanto vale a história da sua vida? Quanto te avaliaram?

(blackout e fim.)

Espectáculo Errática, 2022 - Dir.
Adriano Barroso. Foto: Yasmin Alves.



Espectáculo Errática, 2022 - Dir.
Adriano Barroso. Foto: Yasmin Alves.



Espectáculo Errática, 2022 - Dir.
Adriano Barroso. Foto: Yasmin Alves.



Espectáculo Terror e miséria no
Terceiro Reich (2011).



Sonho de uma noite de verão (2012 -
Dir. Nello Marrese).



Performance Autoacusaç o, 2016 -
2018.



Performance Devastidão, 2021. Foto:
Tyago Thompson.



Espetáculo Mogli Homenin-lobo, 2009
- Dir. Claudio Mello.



Espectáculo Garatúa, 2017 - Dir. Víctor Newlands.





SARAH PRAZERES é originária de Mairi (PA). Atriz, designer e escritora, é mestra em Estudos Antrópicos na Amazônia, instigada por experimentações interdisciplinares na arte, envolvendo performance, desenhos gráficos e literatura. Uma curiosa nata que escreve para ouvir o que se passa por dentro e entender o que escorre por fora. E-mail: sarahdeneve@outlook.com

Cena 01

(Eu chegou ao fundo do poço após um sono profundo e bateu a cabeça, sem entender muita coisa, acorda no escuro confuso e sonolento)

Eu: Aonde eu tô? Nossa! O que houve? Será que tem alguém por aqui? Me parece que não. Na verdade, tem eu, mas não consigo contar comigo, se mal sei quem sou ou se existo. Hmmm. Talvez essas sejam boas perguntas pra começar do zero.

(Uma voz em eco responde Eu)

Zero: Começar do quê?

Eu: É, pelo visto tem mais alguém aqui, sim. E alguém muito intrometido, por sinal...

Zero: O que disse?

Eu: E ainda se faz de desentendido.

Zero: Me disseram mesmo que tu és muito audaciosa.

Eu: Quem tu pensas que é pra falar assim comigo?

Zero: O certo seria eu perguntar quem és tu, mas já vi que não saberia me responder a essa pergunta.

Eu: Não é bem assim...

Zero: É assim, sim! E quem tá aqui és tu, não eu. Eu sou aqui. Várias pessoas passam por mim e agora é tua vez. Eu sou Zero, tu disse que queria começar por mim e por isso eu me pronunciei, pode falar.

Eu: Não tô entendendo.

Zero: Eu sei que não, por isso tu estás aqui. Começa.

Cena 02

Eu: É, acho que as coisas só têm piorado; tô nesse lugar escuro, com falta de ar, sendo cobrada por alguém que nunca vi e que ainda por cima, se chama Zero. Se fosse pelo menos Um, talvez desse pra tentar levar a sério, até porque pra chegar até ele, existe uma infinidade de outros números.

Zero: Mas pra chegar até mim, tu tivestes uma infinidade de motivos.

Eu: Não sei. Talvez.

Zero: Tu lembras?

Eu: De quê?

Zero: É, não lembra.

*Ele entra em cena, com corpo obscuro, voz aguda e desritmada
começa a falar com um ruído e picos estridentes de sons*

Ele: Ah, mas eu lembro.

Eu: Ele já chegou?

Ele: Na verdade a gente veio junto, e só paramos aqui por culpa tua.

Zero: Olha, eu também lembro de ter visto isso mesmo...

Ele: Talvez tu lembres de muitas outras coisas.

Eu: Então alguém faz o favor de me explicar?

Zero: Eu poderia tentar. Mas não sei se adianta, não vais entender tudo.

Todos se entreolham e Ele começa a arquitetar um plano

Ele: Bom, então façamos assim...

Zero: *(Interrompendo)*. Não, não... nada de muito planejado, por favor! Sabemos que não é muito do costume desse indivíduo.

Cena 03

Eu: *(Melancólica)* Tanto tempo que eu passei caindo querendo um chão pra pisar.... Cheguei aqui sem saber por onde. E agora, ouvindo isso, o chão tem me parecido duro demais, confuso demais. Deveria ter feito da minha queda um vôo em pouso, talvez assim tudo isso seria menos angustiante.

Ele: É, a gente sempre acha uma solução depois de já ter feito besteira.

Zero: Vamos logo ao ponto.

Eu: Por favor...

Zero: Ok, pensa em algo rápido e diz o que é.

*Eu faz uma pausa pensando e mesmo confusa e responde com
segurança*

Eu: Eu!

Ele: Tá, mas agora responde rápido.

Zero: Me diz quem tu lembras.

Eu: Ele!

Ele: Olha, realmente tá sendo difícil...

Zero: Nossa, vocês desanimam rápido. Fecha os olhos, acho que assim vai ser mais fácil. *(direcionando a fala para Ele)* Para de atrapalhar!

Cena 04

Eu: Tem alguém conversando comigo.

Ele: Somos nós.

Zero: *Shhhh!*

Eu: Cantando baixinho uma canção de ninar pra acalmar os chutes que dou enquanto tô dentro de uma esfera, nadando na água morna que me acolhe....

Ele: É que a água do rio recebe radiação solar durante o dia e fica maisquentinha pela parte da noite. Era noite?

Zero: *(Para Ele) Shhhh!*

Eu: Como pode ter um bom final algo que me despe sem o meu consentimento? Que inicia arrancando choros e gemidos de dor?

Zero: É um bom início.

Eu: Início? Eu só queria chegar no fim.

Zero: Tens que te decidir... ainda agora querias entender aonde estavas, agora já queres chegar no fim. Enquanto não se concentrar em nada, vai continuar ser viciada em chegar aonde não quer.

Ele: Pra que tudo isso?

Zero: Eu sou honesto, diferente de ti.

Cena 05

Nervosa e assustada, Eu se distancia de Ele e Zero e começa a falar rapidamente e sem pausas

Eu: Sessenta segundos tem o minuto, sessenta minutos tem a hora e para a quebra de regra vinte e quatro horas tem o dia; em algum momento, todos os dias eu sinto falta de chorar, quando não sinto falta, sinto vontade e mesmo sentindo vontade, deixar sentir o que sinto, às vezes, se torna muito mais forte do que o desejo....

Zero: e assim, chorar vira utopia....

Eu: *(Confrontando Zero)* e assim, a utopia revira o que sinto avisando pra minha imaginação o que quero que aconteça, mas a partir de então vira platônico e, o que é platônico já vai deixar de ser ideal se virar realidade.

Ele: *(confuso)* Mas então...

Eu: *(interrompendo)* e então, de novo eu sinto, mas dessa vez eu tô sentindo medo e o medo me faz esquecer a vontade de chorar e bate mais forte o meu coração, como a correnteza lá daquelas águas que de longe até parecem calmas, mas de perto afoga quem se deixa levar pela corredeira.

Zero: *Hummmm.*

Eu: Dois, três, quatro. Erro meu! Se tivesse chamado qualquer outro número naquele momento, talvez não precisasse estar aqui tendo que ouvir literalmente um Zero à esquerda. O Dez me parece muito mais amigável.

Ele: Tu já querias começar do Zero há muito tempo e isso basta.

Zero: Sinto em dizer, mas se não consegues passar por mim, não chegas a nenhum outro lugar.

Cena 06

Zero: *(irritado)* Queres tanto a paz, mas quando podes tê-la parece que tens medo. Aproveita a oportunidade. A revolta faz bem pra cabeça, mas se revoltar não é só fazer barulho.

Eu: Mas o barulho também pode ser legítimo.

Ele: Mas nesse caso, não tá adiantando de muita coisa.

Eu: Vocês acham que a paz é um exercício fácil pros que nasceram lá de dentro daquele rio? Já me disseram tanto que a paz é branca, mas lá pra gente ela só chega manchada de vermelho.

Zero: Imagino que não seja de amor.

Eu: Já esse aí, não existe pra ninguém.

Ele: Blá, blá, blá.

Eu: O amor é mídia, é literatura, é carência, é argumento de venda pras datas comemorativas. Já foi até considerado doença e eu concordo plenamente com quem disse isso.

Ele: Plena é algo que tu estás distante de ser.

Zero: *(para Ele)* Como ela consegue trocar de sensata pra idiota em tão pouco tempo?

Ele: Porque sensatez e idiotice não são exatamente antônimos. Na verdade, podem até ser, mas todo mundo sabe ser um pouco dos dois.

Eu dá de ouvidos e põe-se em pé, com o corpo em prontidão, como se estivesse iniciando uma contação de histórias. Ela fala uma parte do texto, e em seguida induz Ele e Zero a contarem com ela

Eu: Era uma vez uma mulher que carregava o vento, que pintava o entardecer. Tinha o sorriso de aço, espada na mão, cabelo de fogo.

Ele: Era uma vez, uma mulher, que nasceu de uma mulher, passou a vida toda calada, e só depois que virou preta velha, já sem os dentes, descobriu que tinha voz, aprendeu a falar, e ainda falou por muitas.

Eu: Era uma vez, uma mulher, que nasceu de uma mulher, que nasceu de outra mulher e que aprendeu a andar sozinha. Que não

tinha tempo, ela é o tempo. Ela é caminho, a lama, a água, o raio. Ela é.

Zero: *(Impaciente)* Era uma vez, uma mulher que nasceu de uma mulher, que também nasceu de uma mulher que nasceu de uma mulher....

Ele: *(Interrompendo)* Que se enxerga no que faz, pensa. Que sente o passado, presente, futuro, infinitos no instante da respiração.

Eu: Era uma vez uma, duas, três vezes. Eram quatro, cinco, seis mulheres. Sou eu, ela, tu, somos todas nós!

Blackout

CENA 07

Eu: É estranho como tudo passa a ser dependente dos mínimos detalhes. Qualquer pequena palavra que eu fale, pode se voltar contra mim mesma.

Zero: Mas não era tu que...

Eu: É disso que digo!

Ele: Não estás vendo que tu mesma fazes isso contigo o tempo todo?

Zero: Agora, tenta lembrar de uma dor.

Eu: Aqueles dedos longínquos e brancos que apalpavam minha coxa e ameaçavam pelos ouvidos.

(Ele responde de forma incisiva. Ele e Zero começam uma discussão, enquanto Eu passa a ficar calada, perplexa)

Ele: Mas também foste feliz.

Zero: Ele te deixava calada!

Ele: Não te prendes nisso.

Zero: Mas isso ainda tá aqui preso, guardadinho.

Ele: Ok, agora fala uma felicidade.

Zero: Mas acho que...

Ele: Ache menos.

Zero: Tu achas muito! Queres responder tudo mesmo sem ter resposta. Isso não te sufoca?

Ele: Tu que não aceitas o fato de que estar aqui é descobrir sempre uma nova forma de agonia.

Zero: Respeita o meu espaço....

Ele: Tá vendo? Tua reação diz muita coisa.

Zero: Diz o quê? O que é que diz? Me fala, quero saber.

Ele: Não queres nada.

Zero: Quero.

Ele: Então eu devo responder?

Eu: Na dúvida, melhor não.

CENA 08

Com um ar saudosista, deitada no chão com as pernas e braços abertos e corpo pesando contra a superfície, Eu se perde em

devaneios lembrando de sensações minuciosamente satisfatórias em vida.

Eu: É bom pisar nas folhas secas das mangueiras e ouvir uma por uma estalando em meus ouvidos na frequência dos meus passos, com os coros dos pássaros, saudando o sol que se põe sob o rio e recebendo a lua que me acompanha de pertinho até minha casa, sempre vou conversando da janela do ônibus.

Zero: Isso diz muita coisa.

Eu: Que ingênua era... meu nome é Eu, mas pelo o que eu lembro, não sou primeira pessoa. Nunca fui. Quanto de mim mesma eu deixei de ter enquanto me afogava nas águas daquele rio....

Ele: Já nem sei mais de quantos rios tu se referes...

Eu: São todos um só.

Zero: Não, não... estão todos numa mesma extensão, por ora até se encontram, mas conforme tu velejas, vais passando por um e por outro... uns mais profundos e outros menos, outros mais violentos e outros menos, outros mais barrentos e outros menos, outros mais...

Ele: *(Interrompendo em tom de deboche)* e outros menos...

Eu: Às vezes, eu confundo, mas é que lá tudo é rio, às vezes, é difícil diferenciar. Me afogo no preamar de qualquer um deles.

Ele: Falas como se já nem tivesses medo.

Zero: Ela só tem medo de se afogar nas palavras que a boca não diz

CENA 09

Uma luz vermelha começa a piscar em sinal de alerta, os personagens mudam o estado do corpo e se comunicam de maneira totalmente não convencional

Eu: Lembro que quando eu era criança poucas coisas me assustavam, mas eu tinha um medo específico que era tão recorrente que me parecia ser inevitavelmente imbatível.

Zero: O que seria?

Eu: É que, e se em uma noite escura e silenciosa, deitada em minha cama com o lençol cobrindo meu corpo da cabeça aos pés, por um momento, eu deixasse escapar a pontinha do meu dedão pra fora das cobertas e um monstro saísse de baixo da cama tentando me levar pra um submundo?

Ele: Suponho que hoje os medos sejam outros...

Eu: Essa pergunta se passava pela minha cabeça sempre, e imediatamente, a resolução que me vinha, era que a reação seria gritar, espernear até que alguém chegasse a tempo na minha cama pra me salvar e dizer que tava tudo bem.

Zero: Tens a pressa que não deverias ter.

Ele: Mas se já tinhas uma solução em mente, por que terias medo?

Ele: Porque o medo que falei que tinha não era de nada disso. O medo, na verdade, era que por algum motivo fantasioso, espiritual ou sublime, o monstro tampasse os ouvidos de todo mundo e que ninguém conseguisse me ouvir.

Zero: Que besta... tentando entender a si como se fosse ser a mesma pra sempre.

Ele: Coincidência ou não, hoje em dia, já tens um bom interesse por submundos, frequentas vários na cidade.

Eu: Mesmo já interessada por submundos, o meu medo de não ser ouvida em um instante de desespero continua o mesmo. Eu queria saber dizer tanto, tão mais.

Zero: Por isso que faço o favor de te embargar pelo imediatismo da minha resposta.

Ele: Favor? (*para Eu*) Faça-me o favor...

Eu: me calo, tenho medo de traumatizar... quem sabe, nas profundezas do outro, o medo dele seja o mesmo que o meu? Eu achava que conseguia me entender sozinha.

Zero: Vais lidando... ora bem, ora nem tanto.

Ele: Tu ouves atenta o grito alheio como gostaria que ouvissem o meu, mas, às vezes, parece que só teu sussurro é audível.

Luz vermelha em sinal de alerta se apaga e abre-se um grande foco de luz amarela, iluminando Eu, Ele e Zero, mas ainda simulando penumbra

CENA 10

Eu fala se direcionando ao público de maneira totalmente apática e dissociada; Zero dialoga tranquilamente performando um auto

controle heroico e debochado, enquanto Ele transparece uma irritação contida

Eu: Nos últimos meses algumas coisas têm se agravado, não consigo mais me escutar tão bem quanto antes.

Zero: Isso!

Ele: Sim...

Eu: Com meus ouvidos atentos ao que penso, meus dedos e canetas estão sempre afiados ao que quero contar pros caderninhos, ou pelo menos costumavam estar. Hoje, antes de chegar aqui, percebi que as folhas das novas agendas que ganhei nos últimos tempos estão todas em um branco absoluto.

Zero: Já consegues entender?

Ele: Já não estavas sozinha.

Eu: Eu já não tô mais tanto aqui, já não me ouço mais, já não me conto mais nada, não me escrevo, não me quis como eu sou ou não me quero como eu era.

Zero: Preguiça constante de parar pra pensar nisso.

Eu: Tô há alguns meses em um estágio infinito entre o momento que deixei a ponta do meu dedão do pé deslizar pra fora do lençol e o monstro me puxou, enquanto eu tô gritando pedindo pra que eu mesma venha ou vá me socorrer do desconhecido, mas o monstro colocou um tampão no meu ouvido, eu até consigo ouvir os berros, mas não é alto o suficiente pra me acordar.

A luz reduz lentamente e, ao ficar tudo em um breu absoluto, é possível ouvir o som dos corpos de Zero e Ele caindo no chão.

CENA 11

Eu acende uma lanterna grande e começa a andar pelo espaço, encontra um rádio e aponta a lanterna a ele para manuseá-lo, aperta o play. Um áudio com sua própria voz declamando o poema abaixo começa a ser reproduzido, alto, com algumas interferências e ruídos sonoros. Eu anda pelo espaço segurando o rádio e apontando a lanterna no rosto do público enquanto ouve a mensagem.

Ultimamente quando olho pra fora, é como se estivesse
nadando em preamar
Me afoga, me banha, me aflora
Mas vejo tudo turvo
Só que em um mergulho profundo
Nessas águas barrentas que me camuflam a pele do corpo
Me desafio a abrir os olhos
Submersa em toda abstração capaz de caber em mim
E assim, enxergo
Debaixo de todas as caras e planos e panos e pelos
Há substratos de marés violentas
Alinhavos dos pesqueiros que por aqui já passaram
Pétalas secas na ponta de um talo
Quebrado, mas ainda com espinho afiado
Semente casca podridão
Bagaços dos frutos que, algumas vezes, fiz de oferenda

Espada, aço, cobre e um feixe de luz que mais parece fogueira
acesa

Alguma coisa arde em mim debaixo dessas águas
Em um movimento curioso eu tento chegar até lá
Quanto mais me movo, mais distante o vejo
Lembro que não sei nadar.

Me rebato entre as águas que espumam minha presença na
superfície

E de repente posso fincar meus pés num mesmo barro
mole que me moldou

Navegar em mim é transitar em um aglomerado

Capaz de destoar, mas que orna

O que há aqui por dentro

Não opera sob o ou isto, ou aquilo

Mas caminha pelo isto também

E enquanto caminho

Tropeço em galhos cheios de emaranhados que me encham de
farpas

Em um respiro com o ar que me estapeia o rosto quando saio das
águas

Sinto a fome da boca que tudo come

Em uma turva percepção do tempo, aqui fora, relembro

"Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só atirou hoje"

Pouco me importa a sequência do tempo

Muito me interessa o que se expressa através dele

O silêncio que faço e afaga, o silêncio que me fazem e afoga

E tantas e quantas, às vezes, eu choro o choro do nascimento

Já nasci tantas vezes, mas em poucas renasci

Cada vez que surge um novo eu

Adubo as quinquilharias do fundo do rio

Crio raízes de estimação.
Mas, enquanto tudo isso existe aqui dentro
Lá fora, eu dou à luz
Sob as telas, saturo as cores e faço marcas criarem vida
Em um palco sou homem-bicho-mulher e porta-voz de
alguém que outrora me escreveu
Viajo na imensidão de um deslocamento
Entre o que foi construído para mim e o que construo sobre mim
Dói e faz sangrar
Consagro a vulva poros boca faringe esôfago
Porque
Meu sangue transporta o que sei por todas as partes do que sou
Tiro líquido de pedra, faço pedra rolar territórios
Chego em terras de academias
Buscando o que há de mais lógico no meu lirismo
E depois disso, quando mais nada puder inundar
Eu bem sei,
Sou água viva
Desaguio pelas brechas do que tenta me segurar

FIM



Performance "Herondina, encantada da Mina", 2024. Foto: Tarcisio Gabriel.

Performance "Herondina, encantada da Mina", 2024. Foto: Tarcisio Gabriel.





Filme "Dorso", 2019.



Filme "Dorso", 2019.

Performance “Juremê, a casca
Kayapó”, 2019. Foto: Danielle
Cascaes.





Performance “Juremê, a casca Kayapó”, 2019. Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo “Arauandê, os rios de Minh'alma”, 2019. Foto: Danielle Cascaes.

Espectáculo “Arauandê, os rios de Minh’alma”, 2019. Foto: Danielle Cascaes.



Espectáculo “Manifesto Pauta Negra”, 2023. Foto: Tarsila França.



**Espectáculo "Manifesto Pauta Negra",
2023. Foto: Tarsila França.**



VT Festival Toró, 2018.

VT Festival Toró, 2018.



**Espectáculo "A Casa de Bernarda
Alba", 2018. Foto: Danielle
Cascaes.**



Espectáculo "A Casa de Bernarda Alba", 2018. Foto: Danielle Cascaes.



Vídeo-monólogo “Buraquinhos, Ou o Vento é Inimigo do Picumã”, 2021.



Vídeo-monólogo “Buraquinhos, Ou o Vento é Inimigo do Picumã”, 2021.





BIBI BARAÚNA foi o nome que a Arte me deu. Naquela época, achava que atuar me devolveria o mundo que a vida teimava em me tirar. O que eu não sabia, é que a Dramaturga, Atriz, Fotógrafa, Palhaça e Dubladora, já existiam há anos, mesmo antes de minha iniciação teatral sob os auspícios da Fundação Curro Velho e Casa da Linguagem. Depois veio o ingresso na ETDUFPA, Escola de Teatro e Dança da UFPA a mudança de Estado, a graduação no "Em Cena Escola de Atores/RN", um filme, comerciais para televisão e, por fim, a montagem & direção de elenco de minha primeira peça "Deus e o Rato" pelo Coletivo Averso/PE. Das metas sonhadas e executadas tenho que citar minha xará Bibi, a Ferreira, que do alto de seu talento, longevidade e brilho disse: "Jamais pensei em parar". Evoé! Sou natural de Belém do Pará e vivo no Recife. E-mail: ellencbbezerra@gmail.com

Deus e o Rato

Primeiro Ato

Personagens

Jesuíno:

42 anos, casado com Dulce, 2 filhos, natural de Canhotinho/Alagoas, funcionário da CBTU (Cia. Brasileira de Trens Urbanos). Foi aposentado quando um acidente de trabalho lhe tirou grande parte da visão. Caiu do trem. Mora com a família ao lado da estação Rio Largo da ferrovia que liga MCZ a Lourenço. Espera todo dia o último trem passar, para poder jantar, embora coma sempre em qualquer lugar com o prato na mão, repete que não gosta de comer com o chão tremendo. Filho de um lavrador de União dos Palmares com uma beata conhecida por Maria do Sururu. Diz não ter religião, credo, time de futebol favorito, ou qualquer coisa em que ‘acreditar’ seja verbo. Tem sonhos recorrentes com a finada mãe que lhe dá conselhos, informações e lhe avisa quando o trem quebra, entre outras coisas.

Dulce:

48 anos, analfabeta, órfã. Antes de casar com Jesuíno, vendia roletes de cana de açúcar e amendoim torrado nos trens da CBTU. Nunca esteve no mar. Conheceu Jesuíno quando no trem deixou cair o fogareiro de amendoim no colo da beata Maria do Sururu. Odeia Sururu.

As Crianças de Dulce:

2 crianças. São todos “os mininu’ de fulana(o)”. Eles não têm idade, nem mesmo nomes. Muitos sobrevivem, poucos vivem.

Vendedor de veneno:

65 anos, esquelético, veste a mesma roupa para trabalhar todos os dias. Revoltado profundamente com a prefeitura porque removeu os ambulantes da Feira do Rato para a Praça do Pirulito. Sente falta do movimento do trem que passava dentro da feira, ou da feira que invadia os trilhos. Viúvo, perdeu a mulher quando ela cochilou em cima das mercadorias e um trem a matou. Torcedor do Asa de Arapiraca, de onde é natural. Não tem endereço fixo, dorme entre as barracas quando a feira fecha. Sua barraca consiste numa mesinha dobrável, tem veneno pra tudo, inclusive o procurado “1080”. Os feirantes o chamam de Rato. Seu nome é Abdias.

Gerente do INSS:

32 anos, responsável pela triagem de usuários. Hábil em conselhos pessoais, péssimo no conhecimento e informação das regras de aposentadoria, do qual é encarregada, calma como um dragão dormindo.

Maria do Sururu:

Morreu dormindo. Analfabeta, mãe de Jesuíno. Desde a infância, no sertão do Pajeú, carrega consigo vários rosários/terços ao pescoço. Invoca espíritos dos mortos em suas orações que em várias línguas se comunicam com ela. Ficou viúva ainda na lua de mel, seu casamento foi arranjado pela avó.

Pescador:

José Arnaldo, mais conhecido como Pilombeta. Solteiro velho. Adotado ainda bebê por um padre, foi criado entre a paróquia de Porto da Rua/AL e a praia onde passa a maior parte das horas. Diariamente, percorre à pé pela praia, a extensão de Porto da Rua a Barra do Camaragibe. Para desespero dos padres que o criaram, se diz ateu. Aprendeu a pescar ao fugir duma coça, uma surra, resultado do furto do dízimo da paróquia onde sempre viveu. Naquele dia, ao dormir ao relento na praia, ouviu uma voz dizendo que só o ofício de pescador o redimiria da infâmia de ter furtado dinheiro dos seus. Costuma acompanhar pessoas, inclusive os sem alma.

Segundo Ato

Local: praia, maré enchente, coqueiral que margeia a praia do Marceneiro, manhã de março.

Pescador:

Vôte! Que peste é isso, hõmi? Desne' o reveião não vejo um pelado assim! Tem gente que fica desbandado depois da festa, mas esse aí carregou no exagero. Vou não bulir! Eu não vi, pronto!

(olhando o achado passeia em marcha militar em torno do corpo nu estendido na areia, depois de umas 3 voltas estanca e gira nos calcanhares na direção oposta ao que estava vindo. Agacha-se e toca as narinas do homem que, sem respirar, nem acordar, se engasga com o ar e as palavras.)

Jesuíno: (grunhe algo sem sentido, sem acordar)

Mainha mandou...foi o estrangêro'...meu pão...

Pescador: (sai correndo, logo estanca)

Desmorreu! Tá inda' vivo!

Jesuíno: (se apoia nos braços e levanta parcialmente o corpo, num arregalo de olhos e aborrecido diz...)

Não existe céu. (constata estarrecido em volta) O que tu tá fazendo aqui?! Não tenho um deus, nem deuses, acho todos uns falsos.

Pescador: (estendendo a mão pro homem levantar)

O céu não existe, concordo. Mas primeiramente vamu' levantar, 'cubrir 'as vergonha...

Jesuíno: (não aceita a mão, levanta, olha pro próprio corpo nu e gira para o lado oposto ao pescador)

Tu não deveria estar aqui, cabra!!!!!! Tinha decidido que esse mundo tinha acabado de existir! Essa vida é minha!!!!!!!!!! Esse fim. Esse fim... de mundo, é meu! Essa praia....

Pescador:

Deixe de bestagem, essa praia não é minha, não é tua... nem dos 'padre é! Tome tento' e cubra isso, 'tó... (entregando o próprio chapéu a Jesuíno)

Jesuíno: (aceita o chapéu, mas coloca na cabeça)

Que praia é essa?

Pescador: (apresentando a paisagem com a mão)

Marceneiro.

Jesuíno: (olhando em volta, fita o mar)

O mar é verde.

(se virando pro pescador) Minha Dulce ia gostar... ela nunca viu.

Pescador: (algo impaciente, levando a mão à cabeça, comprimindo os olhos, sentindo o sol, interpela rapidamente Jesuíno)

Tá. O mar é verde. O céu é azul. O sol é amarelo! Mas essa 'cunversa tá me fazendo quase suar. Que hotel o senhor tá? Tua família sabe que... que... que o senhor tá assim... desacorçoadado do juízo, sem as vestes por aí?

Jesuíno: (divagando)

Aqui não tem trem... Mainha sabe das coisas ... As 'alma do Pajeú ensina... Sem trem a vida parou. Eu mesmo nem como! Comida tem que se mexer na panela. Na barriga tem que descansaaaaar, e, com aquele trem passando embaixo da mesa não dá. Aqui não tem trem. Parece até que sem trem o relógio da vida para.

Pescador: (quase irritado)

'Maluqueceu, foi?!?!???? De quantas agonias tu vive?

Jesuíno: (divagando)

Finada Sururu, minha mainha, não disse isso... como aconteceu?

Pescador: (algo enlouquecido)

'Danô-se, é fome, ó, aqui tem sururu não! Já não acreditam em mim. Vai é acontecer da gente ficar falado se o povo ver a gente aqui nessa situação! Cadê tuas vestes? Tu deixasse aonde? Tá vendo não?

Jesuíno:

Não. Quase nada. Malmente. (tapando alternado os olhos)

Pescador: (inquieta, andando em volta de Jesuíno)

Tá c'a bobônica! (contando nos dedos): Ceeeeeeego! Pelaaaaaado! Sem casa! Descaído dos 'pensamento!? É a febre do rato, deve de ser!

Jesuíno: (revira os olhos como se ouvisse algo de longe...)

Rato!? (concordando com a cabeça e fitando o vazio na direção da platéia) É. Rato.

Terceiro Ato

Local: Igreja de Santa Rita/Maceió

Chuva de março fechando o verão, som de buzinas e o cheiro de asfalto molhado adentram a igreja.

Presentes, estão a gerente do INSS, que só entrou na igreja para pedir uma informação e fugir da chuva, Dulce, seus 2 filhos, e Abdias que encomendava a missa de dois anos de morta da esposa. Todos sentados no último banco esperando para terem com o padre os seus assuntos. As crianças não tem fala, reagem a mãe conforme solicitados, olham a todos atentamente e do fundo de suas inocências.

Dulce: (se dirigindo à Gerente do INSS, puxando os filhos para si no extenso banco)

A senhora tá banhando a gente, quer não desensopar ali no finalzinho não?! A igreja é desmesurada grande, se 'achegue pra lá, vá!

Gerente: (num muxoxo vira pra mulher e dá de cara com as crianças as olhando fixamente)

Dona, foi a chuva (desvia o olhar intimidada pelas crianças). Água não é nada que lhe faça incapaz ou inválida! Mas eu vou arredar. (se arrastando até a extremidade do banco deixando um rastro d'água)

Abdias: (comprimido na outra extremidade por Dulce e os filhos, deixa-se ficar com a proximidade de Dulce)

Lá na feira também é assim, chove de cair o mundo. Fica tudo empapado, só que num futum miserável! A minha pessoa até se empenha a mudar a roupa. Não tem quem não se desarne nessa água medonha!!

Gerente: (curiosa, tirando os sapatos e os deixando em pé no banco da frente, interrompe Abdias....)

Que feira? Que enchente? O senhor trabalha na Praça do Pirulito, né? Minha mãe me fez ir lá atrás de '1080'. Minha agência é lá perto, mas desse jeito não chego hoje.

A chuva piora, Abdias tenta fechar as portas da igreja e desiste.

Abdias: (estendendo a mão, se apresenta à Gerente)

Muito agrado em atender a doutora, eu sou Abdias. 1080' é o veneno que mais sai.

Gerente: (chacoalhando nervosa uma das pernas. As crianças se detém em olhar a Gerente como um gato olha prum passarinho)

O padre tá demorando! O senhor tem conhecimento dele? O senhor é esposo dela? O senhor já tem idade pra se aposentar?

Abdias e Dulce (respondem juntos):

Não. Ele é novo aqui.

Abdias:

A sacristia tá fechada. Ele deve ter ficado preso em qualquer pedaço de água desse por aí. A senhora faz o que lá no serviço dos aposentado? Minha mulé morreu e queria a pensão dela... Venho na vergonha desde que aquele fi' duma rapariga' tirou a gente da Feira do Rato. Aquela Praça do Pirulito de doce só tem as 'cunversa dos sem brieza. A revolta agasta meu juízo. A vontade de fazer um erro grande naquele palácio da prefeitura só a memória da minha finada me impede de fazer. Uns bom saculejo e aquele cabra se aprumava! Eu já lhe disse que o '1080' é o veneno que mais sai?

Gerente: (que havia se perdido na fala de Abdias o responde já perguntando pra Dulce, que cutuca as narinas das crianças...)

E a senhora, gosta!?

Dulce:

De que???? Ah, 1080', tá, minha finada sogra usava muito! Tinha é medo! Aquilo não deixa nem Jesus voltar pra Terra de tão forte que é!!!! Meus 'mininu tão já com fome, cadê esse padre?

Gerente: (tentando gastar o tempo, a chuva piora lá fora, cheira discretamente a própria roupa)

Tô quase um rato... de fedida. Mas de que a sua esposa é falecida?

Abdias: (de expansivo, se recolhe em ombros, aperta as mãos.)

...o trem passou nela lá na Feira do Rato. Não pude nem beber a defunta de tão moída que ficou. E cheirava assim que nem a senhora. A gente se gostava. Melhor torcedora do ASA depois de minha pessoa! Alma de benção! Só reclamava da roupa. Eu repito todo dia. É a mesma pra economizar. Mas ela num gostava. Drumia'muito, tanto que deu-se o falecimento dela em cima das mercadorias! O espírito' dela dorme até hoje por cima' das barraca lá na Pirulito comigo!!! Nunca vi assim um espírito mudar de casa que nem ela!!!! Mas agora eu queria mesmo é uma pensão pra me acomodar'.

Dulce: (que ouvia inquieta e atenta a história começa a chorar, as crianças agora detém o olhar em Abdias)

Meu Jesuíno foi visto lá nessa praça pela última vez, veio aqui pra reclamar, vai vê que é nesse lugar que a dotôra trabalha... aí sumiu no oco do mundo. Na polícia, disseram que não tinha que fazer nada... (chora e as crianças olham arregaladas pra gerente e pra Abdias)... a pensão dele não pagava o mês todo, tinha uma prova de vida e meu Jesuíno deve de ter morrido nela. O delegado de Rio Largo disse desenxabido que não podia fazer nada.

(vira-se para Abdias)

O senhor vende veneno pro povo se matar também?

Abdias: (aborrecido)

Menina, eu sou velho porque sou esperto. Me respeite! Só burro mata o cliente!

Dulce:

Mas como o senhor vai saber?

Abdias:

Que conversa! Olhe, o rato sou eu, sei o que faz matar e o que faz morrer, sei ver um candidato a defunto de longe, faço um armengue e o cabra leva tempero de carne no lugar. Bem, até aqui ninguém voltou pra devolver.

Dulce: (chocada puxa mais as crianças pra si)

Gerente do INSS:

Bem, se o segurado cometer suicídio temos outro problema pros parentes...

Abdias:

A senhora gosta desse assunto de morte...

Gerente do INSS:

É meu ofício, perdoe-me. Acho que dona...(olha e aponta pra Dulce)

Dulce:

Minha mãe me chamou de Dulce.

Gerente do INSS:

Então, dona Dulce, parece ter mais questões, fique aqui com meu contato se precisar. A senhora é muito jovem, sem amparo da família aqui, com esses dois meninos pequenos, a gente nunca sabe. Disponha, viu?

Dulce:

Meus meninos carecem de pão e pai. Eu nunca tive. A senhora é rica?

Gerente do INSS: (rindo)

Dona Dulce, sou concursada, mas não sou rica. Sou sossegada, e também sem família feito a senhora.

Quarto Ato

Passado não tão distante.

Quarto de Jesuíno e Dalva: cadeira de balanço, guarda roupa antigo, cama de casal empenada, lamparinas nas cabeceiras e paredes, tapete rústico da Feira do Artesanato. Jesuíno em sonho (fog na cena) conversa com Maria do Sururu no quarto de sua casa. Ele, de um lado (do espelho antigo com pés, sem o aço, transparente, meio quebrado, ou ainda sem nada), do outro lado, sua mãe, pálida com muitos rosários no pescoço, algodão nas ventas, cabelo longo até a bunda amarrado com um longo lenço roxo. Descalça. A saia apresenta um grande queimado no tecido a altura das coxas.

A cena começa com Jesuíno dormindo deitado em sua cama, (ambiente toscamente iluminado pelos candeeiros) ladeado por Dulce que também dorme, luz shot única incide sobre Jesuíno que levanta como num ataque de sonambulismo e se dirige ao espelho vazado, a luz o segue. Chegando no espelho, luzes mudam, aparece Sururu - luz roxa sobre ela. Um jato forte direcionado de fog atinge Jesuíno e ambos ficam por alguns segundos nessa atmosfera. Jesuíno acorda no sonho, corpo ainda rijo.

Sururu: (batendo com a mão a saia na parte queimada, como se a quisesse limpar...)

Hoje o vagão não passa, visse, 'mai diarr' (my dear)??? Descarrilou logo dois no rumo de Maceió. Minha parêa da Rainha inglesa avisou cedo.

Tu jantasse? Prestasse tua mulé pra qualquer coisa, tu não tava só o aro-da-rabiola! Aquela desconveniente! E os 'mininu... tadinhos!! Só couro e osso!!

Jesuíno:

Mainha com esses conhecimento' das alma' dos estrangêro', devia é pedir nas oiça deles que nossa situação mudasse. Também como vão ajudar? Usam outras línguas. No Pajeú todo mundo fala brasileiro, aqui também, e mais, se eu acreditasse nas alma, aquelas do purgatório não deveriam nem de falar c'a gente. Essa sua implicância com minha Dulce também!!!!

Sururu:

Tu é besta merminho teu pai de papel. Aproveitasse ele a lua de mel toda e tu teria outro destino. Nunca encontrei ele aqui. Tem gente de tudo quanto é canto. Vai ver que tem um lugar só pro povo do Pajeú. Dulce não nasceu lá. Nessa preguiça de viver foi parida a força...mais lenta impossível.

Jesuíno:

Mainha devia é agradecer ela pelos netos...(Sururu caminha até a cabeceira de Dulce que agora ressona.)

Sururu:

Meu pecado foi ter aceitado as desculpa' dela quando entornou aquele braseiro em mim no trem!! (batendo a saia queimada) Dulce tem rolete de cana no juízo e amendoim assado no coração... que nem as mercadoria' dela, num serve pra nada, só pra gastar o tempo.

Jesuíno:

Mainha cheia do exagero!!!! Pra que isso???? Mainha veio só pra me dizer isso, foi? Minha Dulce é honesta, até aquele dia. E vai ver foi tuas almas falante' que fizeram minha Dulce derrubar tudo.... A pessoa tão pura que nem nunca viu o mar, mainha, nunca viu o mar!!!!

Sururu: (imita as crianças)

Já viu como teus 'mininu olham pra ela?

Jesuíno: (mudando de assunto)

O trem descarrilou, num foi? Jantei em paz! Só de pensar meus ossos trincam com aquele barulho e tremedeira. A Mainha, que escuta as alma tudo, devia pedir as idéias duns trens lá do japonês, me disseram que não faz barulho, nem treme a casa toda.

Sururu: (voltando pro espelho)

Quem mandou comprar casa do lado da estação só pra fazer os gosto' da desútil?

A pessoa é preguiçosa até pra levar um prato pro marido. (volta até Dulce) Nunca tive gosto nesse casamento e tu visse no que deu.

Jesuíno:

Mainha, foi um acidente, e o pouco que me restou me dá o lampejo de Dulce, dos 'mininu e até de Mainha!!!! Mas foi bom Mainha aparecer, recebi carta das aposentadoria' pra fazer uma 'pro-va de vi-da'! Abuso! Ir até Maceió só pra me amostrar na repartição lá!! Abuso!

Sururu: (num muxoxo)

Pois eu rezo pra tu enviivar... aquela mulher não jogou o fogareiro em mim, ela própria entrou em erupção, o pipoco era ela....

Jesuíno:

Eu prefiro morrer do que deixar minha Dulce largada nesse mundo cão!!! E vou não, feito mainha, pra esse lugar aí! Se Deus existisse é nunca que ia deixar a gente assim... inválido... lascado.... Mais fácil eu morrer só pra deixar meu ordenado pra ela. Aliás, se Deus existisse meeeesmo', nem ia deixar Mainha vagando por aí ouvindo as lorota desse povo do estrangêro'!!

(Dulce acorda)

Dulce:

Jesuíno meu, vem pra cama. Já tá aí aluado nesse espelho? Nem sendo 'difunta Maria deixa a gente dormir!!! Os conselho' dela não tem um que preste! Vem, hõmi'!!!! Sururu não gosto nem pra cumê', avalie gramar dona Maria do Su-ru-ru depois de morta! Mande ela rezá' pras alma' dela sozinha!!!

(Dulce se enrola mais ainda no lençol cobrindo até a cabeça)

Sururu: (intriguenta, insidiosa, cruel...)

Tás vendo a cobra dormindo contigo? Isnêiqui (snake, cobra em inglês)!!! Tu morto vale mais pra ela do que vivente!!! Quando for na cidade compra uns rosário' pra pendurá' nesse quarto tudo. Eu tô falecida, mas essa aí é o encosto!!! Morra não, meu filho, ela vai é gostar!!! Não esquece de lá na repartição de ver se é ela que vai receber teu ordenado. Ordenado de inválido só devia servir pros filhos!!! (vai até perto de Dulce que dorme e diz bem perto dela) Isnêiqui!!!! (faz o gesto do réptil com o braço)

Jesuíno: (tangendo a mãe de volta pro espelho)

Já tô agastado com essa conversa' de morte. Por que Mainha não procura painho? Tá morto também, então! Ou com vovó que tem dom de juntar as pessoa pra casar. Pede pra eu e minha Dulce viver mais sereno aqui! Mainha morreu dormindo, vai agora viver acordada avexando minha Dulce, vai?

Maria do Sururu:

'Uêiti' (wait), o inglês tá me dizendo aqui pra tu não confiar em ninguém da cidade, visse?

Jesuíno:

Ou eu vô' lá ou a gente passa fome!!! A gerente da repartição me conhece, vai ser rápido, e Dulce nem gosta que eu demore.

Sururu:

Quando eu catava sururu tu era mais cheinho. Se tu tivesse aqui comigo 'taria mais bem tratado!!!!

Jesuíno:

Lá vem Mainha com essa cunversa' de morte de novo. Se eu morrer não vou pro céu. Vou pro buraco mesmo! Deus, se existe, não vive aqui, nem aí!

Sururu:

Se 'ao meno tu fizesse uma novena....

Jesuíno:

Mainha!!!!!! Mas, tu que é a tradutora do assunto de todas as coisas e gentes me diga (é interpelado por Sururu em acintosa chantagem).

Sururu

Digo é nada. Um menino ingrato feito tu. Pra começar tem dessas coisa' de ser ateu. Como se Milorde precisasse da aprovação tua pra existir. Quando tu morrer vai vir direitinho aqui pro colo de maninha (Jesuíno grita).

Jesuíno:

Morrer, mainha? Tu tá mesmo desejando a minha morte? Pois faça! Assim minha Dulce está amparada. E não é Deus não o fazedor disso, é a repartição lá da cidade, da aposentadoria. É cada uma!!!!!!

Sururu:

Mesmo que (se benze inúmeras vezes beijando os terços) mesmo que tu resolvesse vir pra cá sem o consentimento do Senhor, ainda assim tu seria salvo (Jesuíno visivelmente irritado interpela a mãe mais uma vez).

Jesuíno:

Não entendi agora a parte de eu me matar. Mas salvo aqui nessa terra tamu salvo de quê mesmo, mainha? Minha Dulce só tá viva porque salvamo ela da fome naquele trem. Meus mininu tão salvo porque o ordenado tá salvo no banco que ninguém salva! Tu, mainha, mesmo assim se salvou porque meu avô dormiu de eterno na lua do casório. E eu? Salvo do fim naquele trilho e morto na quase escuridão cega. Esquecendo as imagens bem pintadas. Embaralhado nas coisa que vejo agora. Tô salvo nem se desmorrer! Mainha não entende nada da vida.

Quinto Ato

tempo presente.

Sol a pino. Calor. Quentura vindo do asfalto.

Jesuíno e Pilombeta caminham pela margem da AL-101-Norte, carros passam raspando pelos dois, por vezes, dizem gracejos, xingos, que a estes respondem. Os que passam mais próximo, os assustam fazendo a dupla dar pinotes engraçados. Em quase toda a cena, Pilombeta insiste em por Jesuíno mais próximo à beira da estrada safando a si do perigo. À posição deles, segue também a intensidade de informações de suas falas....

Pilombeta, no traje de pescador: chinelo desgastado e 2 números menor que o pé, veste bermuda frouxa e roxa amarrada com uma cordinha azul muito usada na pesca, na mão uma fieira de peixes num arame oxidado, na outra o remo velho que usa em suas pescarias. Andam em direção a Porto da Rua, chegando a Porto da Rua somente ao final do Ato. Pilombeta usa pendurado em si adereços pouco usuais a um pescador: um cálice prata de uso litúrgico amarrado num dos ilhoses da bermuda, usa também o que seria uma estola vermelha puída amarrada por sobre a coxa da bermuda, um asperge de água benta dourado ao pescoço por um cordão de sisal.

Jesuíno veste a camisa rota dada por Pilombeta, a peça vestida de cabeça pra baixo, como se fosse uma calça, pernas pelas mangas e bainha da camisa amarrada na cintura com uma cordinha velha de sisal, durante o caminho a veste tende a cair e Jesuíno a segura por um dos lados. Descalço, quando recebe água, reserva um pouco pra jogar na sola dos pés. Na cabeça, o chapéu de palha emprestado por Pilombeta....

Pilombeta:

Bem, tá mais composto agora...

Jesuíno:

Não sei como foi acontecer... Tudo foi planejado. Eu fiz a tal prova. Eu tava vivo. Eu tô vivo!

Pilombeta:

Mas, tá! Tá difícil acompanhar. Ainda não parou de variar?

Jesuíno:

É um copo que brilha pendurado nas tuas calças? O sol secou meu juízo...

Pilombeta:

Sede? É um cálice santo.

Jesuíno:

E fome!

Pilombeta:

Tamu indo...

Jesuíno:

É longe? Pra tua casa?

Pilombeta:

Eu num moro, eu encosto. Na igreja que me criei...

Jesuíno:

Um padre pescador, um pescador padre... nada mais cristão!!!! Um casamento com Deus.

Pilombeta:

Guarde as 'força, economize no discurso que eu conto no caminho. Nem padre, nem Crente em Deus. Se eu acreditar em Deus é na hora que ele me arranca uma costela só pra me condenar a ser marido. Mas, tá!!!! Logo eu que nem de peixe gosto!

Jesuíno:

Não sou bom das vistas, mas minha cabeça funciona. Como assim pescador que não gosta de peixe, homem que não quer mulher, filho de padre que não acredita em Deus? Ou é meu irmão, ou

Pilombeta:

Satisfação, José Arnaldo, mas toda a gente me chama de Pilombeta. Quer uma água de coco? (habilmente empurra Jesuíno obrigando ele a sentar, pega um coco, pega o asperger do pescoço, afia no asfalto, fura o coco, põe no cálice e entrega a Jesuíno).

Jesuíno: (intrigado)

Esse furador, esse copo, e também essa corda.... Tu roubasse da igreja, foi? Pra mim não é nada, falar de pecado não me atinge. Eu não vou me converter, visse? Deus é invenção de iludido.

Pilombeta:

Concordo. Não sou ladrão. Fui criado pelos padres. Sou pescador por promessa. Eu escuto coisas. Não é doença, é dom! Foi assim no dia que Padre Bendito ia me quebrar de pau porque... bem, me safei da coça, mas cozinhei os 'miolo se escondendo lá na praia, desde então as 'coisa vem nos meus 'zuvido e sou pescador. A voz me disse que só teria eu perdão se arrumasse um ofício. Uma ocupação de gente. Troco peixe por carne, e leite. Sou doidinho por leite... tudo de leite. Na troca, tudo arribado da pescaria. Meu erro naquele dia foi ter ficado com o dinheiro do padre, se fosse ao meno' o vinho... eu também sou uma voz para você.

Jesuíno: (levantando do chão, com pouca visão sai em direção à estrada, é tangido por Pilombeta livrando o novo amigo do atropelamento)

Temos que ir nesse perigo? perdi a vontade de morrer... se bem que neste estado vivente o fim já não faz diferença e meu maior medo sempre foi o mar criar vida e me levar. Mas assim uma vida que conversa, sabe? Das coisas fundas que a gente só fala pro mar. Esse marzão respondeu tudo. Tenho medo.

Pilombeta: (rindo)

Morrer só se for de assado, esturricado' feito tava sem as veste' lá na praia? Que desassossego foi esse pra tu ficar assim? Não confia em Deus mesmo pra se deixar assim.... Perigo é doce de leite estragado. O senhor gosta de doce de leite?

Jesuíno:

Não foi Deus, foi um homem mesmo, minha Mainha bem que me disse pra não confiar nem na cidade, nem nas pessoas, embora a lei não é dele... Ainda bem que nunca levei Dulce. Logo os olhos dela, que nunca viram o mar.

Pilombeta:

Levou gaia. Foi? Abandono é amante da morte.

Jesuíno:

A pessoa quando não tem estudo já se esturrica sem mesmo Deus existir. Foi meu caso. Mas pra que serventia existiria Deus? Ou pior, qual sua validade? Tem préstimo o invisível?

Pilombeta:

Vai dizer que o besta queria morrer? E assim, fazendo vergonha pra quem encontrasse o difunto'?! Hômi, tu só tá aqui porque eu passei. E eu nem sou Deus!! Não acredito em nada, nem em Deus, só na fome. Tu não tem cara de fome. Tu tem cara de besta! Olha, não tente se matar de novo. Nem perto de mim. Além de não poder fazer nada, não gosto de sangue, fico nervoso em velório, começo a rir e acabo dando parabéns pros parente', pra viúva.... Acho tudo falso, inclusive o morto.

Jesuíno:

Mas eu não tô morto, tô????? Pro povo da repartição virei número. Estatística não tem alma, o número não me vê.

Pilombeta:

A gente morre quando é esquecido. Quem te esqueceu? Nem mulher eu tenho, a moradia não cabe. Nessa pobreza também! A gente quer mesmo é um barco, mas se contenta com uma jangada. Depois daqui é o nada. Se tu tomou veneno, era veneno falso. Não dá mais pra confiar em ninguém mesmo. Se eu te achei, tu tás morto?

Jesuíno:

Venha não, o sol não cozinhou assim meu juízo, tu tá alterado. Eu desisti da vida, planejei minha morte, vim aqui e comi o veneno. Dei cabo da minha vida. Desmorri, acordei vivo! Dulce vai ficar com a pensão. Se não deu certo, me desposuí de mim, das 'coisa, das

roupas, de tudo, de todos. A essa hora meus filhos já crescem sem pai. A história do que não houve, a não-morte, e agora sei, do não-deus.

Pilombeta:

Nenhum deus exerce ofício embaixo desse sol. Ou muito menos ouvi falar de um que auxilie um moribundo pelado na praia? Veneno de quê? Homem, a tua história tá toda misturada, mas, você (soletrando as palavras) co-meu ve-ne-no. O eterno nos une. A gente morre quando é esquecido. Mas, quem te esqueceu? Tu sabe que 1080 é o veneno de rato que mais sai?

Jesuíno e Pilombeta chegam em Porto de Pedras.

Sexto Ato

Sururu surge na madrugada no quarto de Jesuíno e Dulce que dormem. Sururu alterna emoções ao examinar os móveis e atmosfera do quarto. Ajeita uma foto de Dulce e Jesuíno.

A bem da verdade, aquela 'disgramada, despossuída, desmilinguida, desútil, jamais me deixaria ficar com meus netos, mas levar meu Jesuíno pra morte acho que ela não seria capaz? Disgusting. Será dela?!!!? Foi e não voltou. Até porque a morte mesmo é eu ser caidinha pelo Abdias, ele ainda chorar a difunta' e eu não poder acompanhar meu filho na cidade pra ver ele! Aquele lugar é o inferno, mas desde que comprei o 1080 pela primeira vez me apaixonei pelo veneno e pelo vendedor. Ele sempre dizia, "1080 é o veneno que mais sai", e minha casa lá infestada dos bicho' e eu cá envenenada pelas entranhas. (suspiros)

As crianças irrompem no quarto, seguidas por Dulce que espalha sacolas, mantimentos, roupas pelas cadeiras, cama, etc e senta na cama em claro sofrimento.

Meu Jesuíno.

Acaricia a foto do marido, as crianças a cercam. Levanta resoluto, põe os meninos em sua frente. Olhos cansados.

Olhem, o painho de vocês não tava na cidade e mainha não tem mais dinheiro pra procurar. O Delegado já sabe também. A moça da aposentadoria vai mandar nossos papéis e dinheiro da comida enquanto não resolve o sumiço de Jesuíno. Vão banhar, mainha vai fazer a janta.

As crianças saem, Dulce se aproxima do espelho.

Se aquela 'véia amargosa tivesse piedade ou préstimo viria dizer cadê meu Jesuíno. A moça do INSS foi prestativa, mas não vai resolver as coisas do meu Jesuíno. Gostei do cheiro molhado dela. Eu vi as unhas brancas dela no pé mais branco, quando ela tirou os sapatos. O padre também gostou dela. Mas, cadê meu Jesuíno? Além da repartição, o único lugar que ela vai na cidade é na feira comprar veneno, feito Maria Sururu que não arredava pé daquela banca. 'Véia despudorada do xibiu queimado! (ri folgada)

Dulce senta na cadeira próxima ao espelho e alterna as pernas num cruzar lascivo, ainda rindo se encosta e adormece. Num fog, Sururu levanta da cama e estanca na frente de Dulce dormindo.

A-mar-go-sa, desprestiosa e desútil nora, é a comida que tu levava pra meu filho na estação!!!! E pensar que ele se estropiou todo por conta dessa água suja que tu chama de sopa! Meu filho sumido e ela de trela com o padre e com aquela engomada brilhosa da repartição! Se Abdias me ouvisse, diria do meu Jesuíno, tenho certeza que ele passou naquela barafunda de feira.

Sururu passeia pelo quarto. Dulce meio dormindo se deita na cama. As crianças voltam limpas e deitam ao lado dela.

Meus meninos, dormindo com fome. Esse aperreio de vida vai acabar. Meu Jesuíno vai voltar, a doutora vai me ajudar. Tudo vai se serenar, que nem quando meu Jesuíno comia agachadinho com o prato dele na mão, que nem quando o último trem passava. Fui pra cidade e não cheguei perto do mar, sem meu Jesuíno tenho medo. Vou ter que acender a brasa mesmo pra dar de comer pros nossos meninos, Jesuíno.

Sétimo Ato

Gerente do INSS:

Senhor!? Moço!!!! Ôôôô! (caminhando solenemente em volta e cutucando o homem adormecido na frente da igreja matriz de Porto da Rua) Mas que azar o meu, a única alma viva a esta hora na rua tá do lado morto do sono! Ô moço!!! Ei! Aí!!! Morto de sono deve ser um troço assim, melhor deixar assim. Diacho de guincho que não chega! Quero dormir, amanhã saio cedo pra encontrar a Dulce.

Jesuíno: (muito lentamente sai do sono e se move em direção à mulher que confere chateada em frente a um carro estacionado algo nos bolsos, para e fica observando aquele movimento, a gerente o nota).

Cadê Pilombeta?

Gerente:

O senhor tá com fome? Peixe a essa hora vai ser difícil encontrar, mas eu posso lhe pagar um lanche. Tranquei o carro com a chave dentro. Tô esperando virem abrir.

Jesuíno:

Mas eu tava morto. (é interpelado pela gerente)

Gerente:

De fome!! Porque tem quase 3 horas que tô aqui e o senhor falou um bocado sozinho. E depois dormiu. Com quem o senhor tava sonhando?

Jesuíno:

Eu não tava sonhando. Foi o pescador que me trouxe até aqui.

Gerente:

Senhor, ninguém lhe trouxe, eu vim pro mutirão do posto do INSS, to hospedada na cidade, o senhor não parou de falar durante uma hora, aí dormiu. Ninguém, além de mim e do senhor esteve nesta praça nas últimas três horas.

Jesuíno:

Não. Ele, José Arnaldo, pescador, mora aqui atrás. Lá! (aponta com firmeza para casa paroquial)

Gerente:

José Arnaldo é a travessa atrás da igreja. Bem, o nome oficial, né? Porque o povo aqui chama de 'rua do filho do padre', mas, eles não moram mais aqui mesmo porque todos morreram velhinhos há mais de muuuuuuitos anos, tá lá na placa, ó!

fim



Arquivo Pessoal. Oficina de Palhaçaria
por Caixa Cultural Recife, 2023.

Dublagem do filme *Os Smurfs* para Em
Cena Escola de atores, 2022.



Deus e o Rato, por Núcleo Averso de
Teatro/PE, 2023.



Ritinha, o filme, produção
Em Cena TV, 2021.



Ritinha, o filme, produção
Em Cena TV, 2021.



Bibi Baraúna. Arquivo Pessoal.





Sou **CIBELE CAMPOS**. Atriz paraense, de Belém do Pará. Iniciei minha formação como atriz em 2000, em espaços de comunidade no Jurunas e depois em ambientes formais, como o Sesc, Unipop e Escola de Teatro/UFPA. No ano de 2002, estive em temporada no Teatro Cláudio Barradas, com o espetáculo Amor-te-mor, dirigido por Karine Jansen e Wlad Lima. Como Educadora Alfabetizadora, também realizei trabalhos de performance e contação de histórias. Atuo como arte-educadora desde o início da minha formação em Pedagogia (1999), até os dias atuais. Hoje sou Professora, Mestra em Educação da Rede Municipal de Ensino de Belém, desde 2008, onde trabalho com projetos de leitura. Cursei Licenciatura em Teatro, no período de 2018 a 2023 na Escola de Teatro e Dança da UFPA. Nesse tempo, durante a formação, realizei alguns Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

trabalhos de criação e encenação, que foram apresentados em espaços de militância relacionados à arte, cultura e educação, como: "A Neta da Bené"; Socorro, professora!; e "Medéia". No ano de 2023, com o espetáculo Caboclada à Libanesa, criei a dramaturgia, encenei e atuei solo. Esse espetáculo é produto de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que foi orientada pela Profa. Dra. Karine Jansen e teve acompanhamento clínico artístico da Profa. Dra. Wlad Lima. E-mail: helane_campos@yahoo.com.br

CABOCLADA À LIBANESA OU O CABOCLO FALADOR E SEU RADINHO À PILHA

Cibele Campos

O processo de construção da poética teve como mote principal a cultura árabe no encontro com a cultura cabocla amazônica a partir das memórias de meu pai, Mário Daibes (81 anos de idade). Esta dramaturgia é parte da pesquisa realizada na conclusão do Curso em Licenciatura em Teatro em 2023, intitulada: *Caboclada à libanesa: experimento cênico e memorial poético de formação e criação*.

A construção dramaturgica, criada antes e durante a construção da encenação, teve como referência a ideia de dramaturgia pessoal do ator e histórias de vida, de Wlad Lima, sobre a influência da história de vida no Teatro Brasileiro, método contemporâneo de criação teatral. A escrita também teve como diálogo fundamental as memórias, percepções e análises poéticas da orientadora, do Trabalho de Conclusão de Curso, Profa. Dra. Karine Jansen.

Esta dramaturgia exige como formato de encenação o Teatro Narrativo, a peça intercala livremente as falas do narrador e das personagens, numa dinâmica própria, haja vista que as personagens também se tornam narradores e vice-versa. Na encenação, esse jogo fica mais evidente.

A dramaturgia, criada para atuação solo, foi composta por fragmentos de diferentes naturezas, como músicas que fazem parte de minha memória afetiva; trechos do livro de Gabriel García Marquez: Cem Anos de Solidão; histórias de navio de meu pai; referências sobre a emigração libanesa para o Brasil e os costumes agora na nova terra; costurando tudo isso às minhas próprias memórias de infância (no Jurunas e na família) e minha relação atual como meu pai. Para marcar a passagem de uma cena à outra, foram organizados alguns tópicos: 1. Música de Pai (memória de infância); 2. Trecho de Cem anos de solidão; 3. História de Navio; 4. História do povo libanês; 5. História da minha avó; 6. Música Uirapuru (Waldemar Henrique) 7. Premonição do caboclo falador; 8. A vinda do caboclo ribeirinho à cidade; 9. Meu pai - histórias de venda na rua e no Jurunas; 10. Música Gepeto; e 11. Áudio da Leitura de Carta Aberta ao Povo Dominguense, na voz de meu pai (o caboclo falador).

CENA I

Música de Pai (memória de infância)

A base para a apresentação é a superfície de uma lona desgastada, que é, ao mesmo tempo, rio, lama e chão batido. Ao centro da cena, sobre a lona, está um praticável que lembra um pequeno trapiche, ele tem dois pequenos mastros com ganchos, um em cada lado. Sobre ele, remetendo às embarcações

amazônicas, vê-se um banquinho indígena em forma de canoa. Há também um lençol antigo e um radinho à pilha na parte da frente. Na parte de trás, algumas garrafas de dois litros com líquido de cores variadas. Em meio a elas, um espanador de teto (vasculho) desmontado que serve de rabeta (motor da pequena embarcação) e também de arpão de pesca ou vara de apoio para a canoa. Em duas das extremidades da cena, em diagonal, há luminária que lembra um pequeno farol.

Entra cantando, de máscara feita com elementos que marcam a memória da família. Em cada um dos ombros carrega uma espécie de parangolé feito de guarumã, cordas e garrafinhas multicoloridas, tipo as que seu pai vende pelas ruas da cidade. Vem bailando e tocando pandeiro, lembrando os ciganos de Cem Anos de Solidão:

SOU CASADO, TENHO TRÊS BARRIGUDINHOS COITADINHO
DOS BICHINHO, NÃO TEM NADA PRA COMER. HÁ TANTO
TEMPO QUE EU PROCURO TRABALHO, O QUE EMPATA A
MINHA VIDA É SOFRER, JÁ PENSEI EM FAZER BESTEIRA,
SAIR DO DOIDO NA CARREIRA SEM NINGUÉM ME VER, QUEM
É PAI SENTE, QUEM É PAI TEM COMPAIXÃO, VENDENDO SEU
FILHO “INUCENTE”, PEDINDO PÃO.

(Trecho da música: Sentimento de Pai / Ary Lobo)

CENA II

Trecho de Cem anos de solidão

(...) Macondo já era um pavoroso redemoinho de poeira e escombros, centrifugado pela cólera do furacão bíblico, quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo em fatos

demasiado conhecidos e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando conforme vivia esse instante, profetizando a si mesmo no ato de decifrar a última página dos pergaminhos, como se tivesse se vendo num espelho falado. Então, deu outro salto para se antecipar às predições e averiguar a data e as circunstâncias de sua morte. (...) (MARQUEZ, 2012, p.447)

Tira a máscara e a coloca para servir de carranca à frente da embarcação simbolizada por um praticável. Pausa.

- É assim que me vejo, decifrando pergaminhos de memória, em busca de minha estirpe, para compreender em mim as forças que se movem por conta própria a partir de uma memória coletiva.

Qual Úrsula? Remédios? Fernanda... ou Sophia Daibes...eu sou na árvore genealógica da família?

Peço licença a meus parentes, caboclos libaneses, para desvendar tudo isso agora, nessa poética!

CENA III

História de Navio

O Caboclo senta no barquinho, dá corda no motor e mira ao longe, enquanto tira água da embarcação. Faz o barulho do motor com a boca, parecido com a brincadeira de criança, quando faz tremer os lábios com um sopro.

Em seguida, para e começa a contar uma história. O corpo é de um senhor idoso, que ri, puxando o ar forte pelo nariz e cuspiendo no chão.

- Eu tinha um tio, o tio Gregório. Não, não, o do Navio era o Samir, que trabalhei de navio com ele. No navio daqui pra Manaus, de Manaus pra cá. Ele carregava frete. Levava e trazia frete; Ah, e passageiro também.

Um dia...aí na Roberto Camilier, navio parado... ficava só eu e mais dois lá... a gente via... chamavam a gente pra ver o movimento lá. Escutar o movimento!

Depois da meia-noite parava. Parece que estavam trabalhando lá na sala de máquinas, batendo ferro lá. É... a gente via o movimento, né? Não era mentira, a gente via mesmo o movimento. Meia-noite batia ferramenta lá pra sala de máquinas, a gente ia ver, não tinha ninguém....

Tinha uma cachorra, que vinha correndo de lá com medo, aí quando passava... dobrava à meia-noite, parava o movimento.

Parece que ele derrubava assim um monte de chave e “BRAAW” ...

Era um maquinista velho, que tinha morrido e fazia aparição “dinoite” lá, ele ia trabalhar.

CENA IV

História do povo libanês

- Por falar em Navio, vocês sabiam que os Libaneses chegaram no Pará de navio? Eu sou descendente desse povo que veio pra cá pelas águas.

Pausa.

“O mar é o caminho do Líbano para o mundo e o caminho do mundo para o Líbano, isto porque o Líbano é uma porta do mundo e o mundo é uma porta para o Líbano.” (Said Akel, poeta libanês)

Pausa.

Nas entradas do século XX, conseguiram se refugiar indo primeiramente para a Europa. Depois de lá, atravessaram o Oceano, entraram no Brasil diretamente pela foz do Rio Amazonas. Um parente nosso, professor Paes Loureiro, diz que a foz do Rio Amazonas, a Amazônia, é um emblema dum tar de Novo Mundo.

Meus bisavós, Sophia Gantuss e Iagupe Daibes Hamouch, juntamente com seus primos, vieram para o Brasil e construíram raízes no interior do Estado do Pará, constituindo novas famílias, na relação com a cultura ribeirinha.

Chamando os filhos em pronúncia alongada, projetando a voz.

- Gregório!!! Antônio!!! Miguel!!! Renato!!! Maria!!! Naime!!! Neia!!! João!!! Brígida!?

Esses eram os filhos dos meus bisavós. Na cultura libanesa, filho ou filha de pai e mãe libanês é também libanês. Portanto, minha avó Brígida, nascida no interior da Amazônia, era uma ribeirinha libanesa.

CENA V

História da minha avó

- Brígida, minha avó, era conhecida como Flor. Era a vovó Flor. Ela casou com um ribeirinho, o Aparício (meu avô), do lugar onde seus pais inicialmente escolheram para morar, quando chegaram no Brasil. Lá ela nasceu e viveu o resto da vida. Interior de uma cidadezinha, São Domingos do Capim, à margem do Rio Guamá. Você chegando na frente dessa cidade vai ver que o Rio Guamá se encontra com o Rio Capim, desse encontro é formada a pororoca, você contornado à esquerda, indo embora no rio Guamá, vai encontrar um braço de rio, que é um igarapé chamado Jabuticacá, nome do lugar também, formando uma foz com o rio.

Meu pai conta que quando ele queria tomar banho de água quentinha, ele mergulhava nas águas do rio Guamá, quando queria tomar banho de água geladinha, mergulhava nas águas do Jabuticacá. Ah, a gente era feliz e não sabia!... costuma dizer meu pai!

Nesse lugar minha avó firmou família, foi seu lar até o final da vida. Eu lembro do dia que tivemos a notícia da morte da minha avó. Para se curar de ameba, veio à Belém, foi internada, mas morreu no hospital. Vocês sabiam que naquela época as pessoas morriam de ameba?

Naquele dia, eu e meus irmãos ainda bem criança, brincávamos, no final da tarde, por dentro e por fora da pequena casa de madeira onde morávamos no bairro do Jurunas. A casa era pequena de madeira, dois cômodos, o quarto e a cozinha. Lá no

bairro do Jurunas... A gente corria ao redor da casa, brincando de pira-mãe.

Corre-corre e gritos de alegria, imaginando a janela, soleira e portas como um mundo cheio de aventuras. Narra e faz as vozes dos diálogos.

- É tu a mãe! Não, é tu! Ai, ai, vou te pegar!

Entrávamos pela porta, pulávamos da janela para fora. Até que escureceu e a gente nem percebeu. De repente, minha irmã sai lá do escuro assustada e entra pela porta da cozinha dizendo:

- Mãe, mãe! eu vi, eu vi, mãe.

- Quem menina?!

- A vovó Flor, mãe. Ela tá lá no quintal.

- Mas, o que menina? A tua vó tá doente, tá lá no hospital.

- Não, mãe. Eu vi... ela tá lá. Ela é uma mulher, as duas de branco... Minha avó com a boca aberta, e ainda me disse assim: “minha filha, eu vou morrer”. Aai, mãe!

- Parece mentira. Mas, logo em seguida, uma vizinha, que era uma das únicas que tinha telefone perto de casa, bateu na porta da frente e disse que ligaram do hospital. Pediram pra ela dar a notícia pra gente de que a vovó tinha falecido.

CENA VI

Música: O Uirapuru

Canta sentado no casco, de remo na mão.

Certa vez de montaria
Eu descia um Paraná
E o caboclo que remava
Não parava de falar, ah, ah
Não parava de falar, ah, ah,
Que caboclo falador!

Me contou do lobisomem,
Da mãe-d'água, do tajá,
Disse do Jurutaí
Que se ri pro luar, ah, ah
Que se ri pro luar, ah, ah,
Que caboclo falador!

Que mangava de visagem,
Que matou surucucu,
E jurou com pavulagem
Que pegou uirapuru, ah, ah
Que pegou uirapuru, ah, ah,
Que caboclo tentador...

(trecho da música de Waldemar Henrique)

CENA VII

Premonição do caboclo falador

- Eu estava em Macapá, eu sonhei com açai e me deu uma vontade de vim mimbora. Sonhei com uma rasa de açai... Quando a gente sonha com o açai é luto. Aí eu fui comprei a passagem de avião pra vim mimbora. Aí, eles ficaram jogando praga, os piloto, a tripulação lá do barco do Oziel. Não queriam que eu viesse no avião, queriam que eu viesse no barco, porque a gente vinha apanhando açai pela beira, comendo, bebendo e jogando baralho, né? Aquela diversão. Aí eu disse “não”. Aí eles diziam: o avião vai cair, tu vai ficar estrepado na Baía do Marajó. E eu dizia “o avião pode até cair, mas que eu vou eu vou”.

Daí eu peguei, fui dormir na casa de um amigo lá em Macapá, do Maurício. De manhã, às cinco horas da manhã, fui pro aeroporto, peguei o avião, ele saiu seis horas da manhã de lá, foi meia hora, seis e meia cheguei aqui em Belém. É rápido... Aí quando eu cheguei aqui, que eu fui lá na casa da Helena, Helena morava ali na Elena Dias, no Jurunas, sabe onde é?... Aí o papai tava lá, veio se consultar. Depois eu fui com ele pra ir lá pro Jabuticacá. Chegou lá ele piorou, piorou... Com cinco dias morreu. Olha... Se eu venho no barco?

Só depois de oito dias que eles chegaram de embarcação, foi! Aí então, aí jogaram praga que eu ia cair que eu ia ficar estrepado. Sabe o que aconteceu? O barco... caiu um temporal, o barco deste... quase vai no fundo lá, lá... no Currálinho tem uma travessia, que é largo lá, deu uma “trevoada”, uma ventania, que o barco quase vai no fundo, quebrou o leme. Quase eles vão pro fundo. Tiveram que botar uma tábua pra fazer o leme e chegar na beira. Passaram não sei quantos dias lá pra mandar fazer o leme

do barco. Quando eles chegaram, o corpo do papai já tinha saído. Tá vendo... Se eu venho no barco?...

CENA VIII

A vinda do caboclo ribeirinho à cidade

- O meu pai, logo jovenzinho, saiu do seu lugar de nascença, foi mandado pra estudar e trabalhar em Belém.

Que nem criança chorosa, apegado a algo que não quer largar

- “Eu não quero ir, quero ficar para ver o cacuri”! Meu pai conta, com os olhos marejados, que um de seus irmãos mais novos gritava assim, quando foi mandado embora pra Belém pra morar com parentes. Meu pai, agora longe da família de origem, foi morar lá na avenida Nazaré, no casarão de seu tio Said. Um dia o seu pai mandou um dinheiro pra ele gastar na cidade, ele gastou toda a quantia com sorvete. Sorveteria, O Sol Nasce para Todos! Era sorvete de bacuri, muito bom. Lá, ele ajudava no armazém do seu tio e nos afazeres de casa também, depois foi morar com sua avó na cidade velha e trabalhar no armazém de outro tio. Depois ainda voltou para São Domingos, trabalhou como padeiro, trabalhou no navio com seus outros tios, conheceu vários lugares, Manaus, Santarém, Macapá, Alenquer e muitos outros cantos na Amazônia.

Foi só depois que casou que foi morar no Jurunas. As famílias de vários tios também foram morar no Jurunas. Tio Cazuzza, tio Bené, tio Carlito, tio Juca, tia Helena, tia Graça e, depois tio Mundico, que foi o último a vir morar ali. Ele era um ótimo contador

de história, fazia rima e tudo. Ah, no Jurunas morava também uma tia do papai, a Nazaré Daibes. Ela é a mãe da Maridete Daibes, eu acho que vocês a conhecem, ela é atriz também, minha prima. Todos eles seguiram o fluxo das águas do rio Guamá, o Jurunas fica próximo à estrada nova que é paralela ao rio Guamá. Saíram do Igarapé Jabuticacá, pegaram o caminho do rio Guamá, passaram em frente a Cidade de São Domingos do Capim, onde tem o encontro com as águas do rio Capim, contornam a cidade e continuaram no Guamá, até chegarem em Belém, fazendo parte do caminho inverso de seus descendentes libaneses, quando chegaram ao Brasil.

Lá de casa dava para ver os mastros das embarcações paradas nos portos. As águas do rio entravam nas ruas do bairro, trazendo um cheiro de maré. No mês de março, com as chuvas e a maré alta, as casas no Jurunas viravam barcos, porque ficávamos cercados pelas águas, que entravam nos quintais. Nas ruas apareciam os muçuns, que os meninos da rua caçavam e também vários seres como sanguessugas, caracol. Ah, quando derrubaram a casa de madeira para fazer de alvenaria dava para ver a lama fervendo de tanto tamuatá que tinha ficado da maré embaixo da casa.

O Jurunas é um lugar de muita vida, uma dinâmica diferenciada também. Vocês sabiam que a minha família e meus vizinhos, nós todos, nós invadimos o Jurunas, ocupamos né? Mas, gostamos de falar que invadimos mesmo! Na década de 80, com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, estávamos no ápice dos movimentos sociais, os direitos sociais básicos eram conquistados com muita luta, nada é dado com facilidade pelo governo, acho que é por isso que gostamos de chamar o lugar conquistado pela comunidade de Invasão!

Bora falar a verdade, foi a mamãe quem começou a participar das reuniões no Centro Comunitário, o papai reclamava que o dinheiro do aluguel comia com a gente.

E toda a comunidade ajudou a dar nomes para as ruas, nós morávamos na Passagem Integração, mas tem outras também, a Passagem da Paz, a da Luta, a Comunitária, a Vitória!

São muitos becos e ruelas... o Beco da Vivi, o Beco do Relógio, Beco da Merda... Quando a maré secava dava pra medir a altura da água daquele dia pela marca na parede de casa, a vida acontecia também no ritmo das águas....

CENA IX

Meu pai - histórias de venda na rua e no Jurunas

Pega um dos garrafões de 2 litros, abre e sente o perfume do desinfetante caseiro.

Hummm, que cheiro bom isso tem! É muito bom, meu pai que faz! Quem quiser comprar, a gente faz uma promoção! Custa doze reais, mas pra vocês que são gente boa podemos fazer a dez reais. Eu uso em casa, às vezes, chega um amigo em casa e pergunta “que cheiro é esse?” Daí, eu já ofereço: pode levar, depois tu me pagas! A minha sogra sempre encomenda, a gente manda pra ela. É muito bom, tu podes usar dentro de casa, mas podes jogar no quintal também. Meu pai ensinou, jogar ao redor no quintal, é bom pra espantar rato. É ótimo!

E é lindo ver essas cores, quando chego em casa e vejo tudo isso junto, meu pai fazendo detergentes com diversas fragrâncias: Madeira do Oriente, Jasmim, Dama da noite, Talco....

Mas, sabe... eu já tive vergonha do meu pai. Pensava que todos iriam rir de mim se um dia ele fosse me buscar na escola. Ele sempre andava sujo, trabalhando na rua vendendo. Lembro um tempo que ele carregava um garrafão enorme de cachaça nos ombros, vendendo cachaça pela rua. Já trabalhou muito tempo na MAPASA, inclusive foi dessa madeireira que ele conseguiu as tábuas pra fazermos a sala, a casa passou a ter três cômodos, que chique!

Um dia meu pai saiu pra vender camarão lá em Outeiro, combinou com mamãe que na volta traria o almoço. Mas, as horas passaram, deu a hora do almoço, nada dele chegar para trazer a comida para mamãe preparar. Nós ficamos todos tristes, parados sem saber o que fazer. Aquele silêncio, uma tensão no ar, só a voz da mamãe que reclamava do horário e do almoço que iria atrasar, mas aquilo nunca tinha acontecido. A gente sempre almoçava no mesmo horário, por mais simples que fosse a comida, mortadela frita com alguma coisa. A gente nunca tinha passado em branco aquela refeição. E já tava chegando a noite.

De repente, o papai chegou, a mamãe foi logo tomando satisfação. Fiquei aliviada quando ele apareceu e se desculpou com a mamãe contando toda história. Ele explicou que passou da hora de comer, sol quente, cansaço, acabou desmaiando na praia. Não sei que jeito ele deu, pois, ainda que nesse dia o nosso almoço tenha atrasado ele trouxe frango assado. Olha, pouco “gostoso”! Olha, a gente nunca foi pobre!

Um dia, o papai inventou de comprar biscoitos folhados que vendia no supermercado, a partir daí eu sempre inventava que não queria merendar café com pão, queria o biscoito. O papai saía, pegava a garrafa de detergente e dizia, “eu vou fazer dinheiro!”. Ele ia para ponte da feira do açai vender detergente ou quiboa e trazia a minha merenda, que naquele dia não era café com pão. Eu ficava de pernas pro ar assistindo desenho, ainda reclamava “eras! o papai não chega!”. Daí ele chegava e trazia um pacote de biscoito folhado só para mim.

Ai, ai... a gente nunca foi pobre. Durante as férias escolares, mamãe, meus irmãos e eu, íamos ao lugar de nascimento de meu pai, o Jabuticacá. Esse foi também o lugar em que nossos familiares árabes residiram ao chegar no Pará. Lá, ainda sem energia elétrica, ouvir histórias era a principal distração à noite, a gente ia pra uma ponte, a alguns metros da casa. Meus primos e eu, aquele bando de primos, todos juntos. Edileuza, Piu, Marlene, Luciene, Kátia, Edson, Júnior, Edmilson, eram muitos.... À noite, era muita brincadeira. Uma encarnação de quem mijava na rede, era apelido que a gente inventava pro outro. Mas, o mais legal eram os momentos de espera, à noitinha, por um senhor que vinha de canoa exclusivamente para contar histórias. Tudo era muito empolgante. Nós olhávamos na direção da água, mas não dava pra ver nada, somente um breu, próximo, a gente só via o movimento das águas, que era iluminado pela luz de lamparina ou uma lanterna, ali pertinho.

Pega o radinho e liga a lanterna que tem nele, levantando-a acima do ombro, para iluminar ao longe e enxergar melhor. Está enrolada num lençol afetivo, desses que só as casas de ancestrais

têm. Começa a fazer o diálogo entre as crianças ansiosas e o velho contador de histórias que vem chegando.

Uhhhh (*grita para longe*). Será que é ele? Ah, não, foi o barulho da água. Escuta... Acho que agora é ele. Uhhhhh. Uiiii (*o velho responde*). É ele, é ele.

Esse senhor chegava para contar histórias ali da canoa mesmo. Sentava e começava a encantar a gente. Eram muitas histórias, de assombração, cobra grande, Matinta Pereira, de navio. Quando acabavam as férias e nós tínhamos que voltar para casa, o Márcio, meu irmão, dizia “eu não quero ir!”. A Mamãe logo o repreendia, “tu quer virar caboco, é?!” E ele logo confirmava, “eu quero, eu quero ser caboco do interior!”. E ela determinava, “tens é que voltar para Belém!”. E ele, choroso “eu não quero ir...quero ser ‘caboco’ do interior...”

Pausa. Silêncio.

Esse senhor do Jabuticacá era igual ao meu pai, um contador de histórias. Mas, o meu pai gosta de contar também histórias de comércio, ele vibra com as próprias histórias, são muitas: tem uma história de uma pulseira de ouro “falsificada legítima”, fabricada diretamente do garimpo em Santarém, que venderam para ele. Ele viu que foi enganado e passou pra outro.... É um sentir a vida, que pulsa sempre que ele rememora. O gosto por ganhar uma negociação é sempre muito comemorado!

Esse prazer, sem dúvida, herdou de sua ancestralidade. Os libaneses usaram bastante da caixa de mascate pra ganhar a vida no novo país que agora moravam. Os libaneses não tinham, na entrada do século XX, um Consulado no Brasil, nem tinham

nenhum tipo de auxílio do governo brasileiro, como no caso dos imigrantes europeus, então mascatear era uma das opções possíveis para garantir a sua sobrevivência. A caixa de mascate, era a “tábua de salvação”, os libaneses não sabiam o idioma, inventaram um novo tipo de comércio: a mimicada... sem saber o idioma, passavam a fazer gestos, inventar, criar palavras novas, brincar com as poucas que sabiam, vender mais pela imagem do quem pelas frases. Com essa mimicada, os libaneses passaram a poetizar. O meu pai é um poeta popular. Ele já criou vários pregões em suas vendas diárias, ele sempre atualiza de acordo com o que está acontecendo na mídia.

Ele tem uns fregueses na Cidade Nova, onde ele vende camarão: - Chegô, chegô, chegô, só não compra não quer, porque barato é! Quem é “você”? Olha, eu acho que estou querendo me casar. Tu não tens uma “ermã”, bonita assim, parecida contigo? Você é casada? Mas você é sincera? Mas quando, não existe isso!

Depois da pandemia, ele apareceu lá pela cidade nova, os fregueses cercaram ele, todos admirados, “olha é ele, é ele. A gente pensava que tu tinhas morrido, rapá”. Égua, olha os meus clientes pensavam que eu tinha morrido, disque. “Tu não morreu não?” Eras, não morri, vocês estão doido é? E eu lá sou bem besta de morrer! Ei, vocês sabiam que prenderam o corona? Corona era um “ladron” que tatuou no braço: corona. Daí prenderam ele....

Ele sempre tem um assunto atualizado com o tempo presente. Agora ele anda comentando sobre as redes sociais, mas de fato, não tem ideia de como funcionam. Daí ele entra no ônibus já puxando assunto das redes sociais, saiu nas redes sociais.

Um dia desses, ele foi lá pro Jurunas, a gente ainda tem a casa lá. O papai inventa de ir pra lá pra reparar a casa, daí fica sozinho por lá. Os vizinhos sabem que ele tá só, estacionam carro

na frente de casa, ele quer sair com carrinho dele pra ir ao Ver-o-Peso, não pode. Aí, sempre tem confusão, porque o velho tá só, pensam que podem fazer o querem. Um dia, um menino correndo na frente de casa, quebrou uma planta. Depois disso, o papai disse que estava lavando o pátio e caiu água no menino sem querer. Ah, pronto! A mãe do menino não gostou, uma vizinha conhecida do lado de casa, veio tomar satisfação com papai, depois veio o pai do menino e o avó, todos chamando o papai pra rua, pra brigar.

Como se não bastasse, depois de umas semanas, eu vi que a vizinha tinha me mandando uma mensagem no facebook, no privado, desaforada, pra falar do papai. Eu só vi depois de dias, não sabia o que tinha acontecido. Fui perguntar preocupada com o papai: meu deus do céu, pai, que aconteceu? Me mandaram mensagem no face contando uma história, não vai brigar na rua, pai. Daí ele disse “O quê? Essa história já está nas redes sociais?” Não, pai. Ela mandou no privado. Ele não entendeu. Ficou pensando consigo mesmo: “Eu já estou nas redes sociais”. Ahhh, ele nem ligou pro que eu disse.

Outro dia, um menino jogou uma bola forte no portão de casa, de propósito mesmo, porque ele, idoso, os moleques gostam de perturbar. Então ele disse “Seu moleque, filho do Diabo!” – Não sou Diabo não, sou filho de Jesus! – “Ohhh, ele é filho de Jesus! Tá bom, tu não é filho do Diabo, não! Ohh, ele é filho de Jesus!” O papai é besta pra criança, basta dizer algo engraçadinho que ele se derrete logo. Mas, a mãe do menino - uma vizinha que já ajudamos bastante, inclusive esse menino já até passeou com meu sobrinho, brincava com ele quando estávamos no Jurunas - pois ela foi prestar queixa na delegacia. Mandaram uma notificação. Aqueles mesmos vizinhos do lado foram os que receberam e fizeram questão de entregar lá em casa. Nós ficamos assustados, eu

comecei a conversar no grupo dos irmãos, pra saber quem iria com o papai, meu Deus.... A mamãe também se meteu, disse logo: - Mário, tu não tem nem casa no Jurunas, não sei o tu vais fazer pra lá, essa casa do Jurunas é minha! E eu... Meu Deus, vem cá, pai, não vai dizer besteira pro delegado. - Ele vai começar a dizer Merda. (Diz a mamãe). - Não vai dizer que tu chamaste nome pra ele, pai! – “Não, não, pode deixar que eu sei o que vou dizer. É isso mesmo, já prenderam o Lula, estão processando o Neymar, agora querem pegar o cara!”

Ainda bem que foi tudo resolvido, a mãe do menino não apareceu para a conciliação e a delegada entendeu que foi um exagero dela. O papai também já fez amizade com ela, era mulher “muito distinta”, prometeu até levar açaí com camarão para ela. Ah, mas vocês pensam que o papai é engraçadinho, né? Leva ele pra morar com vocês! Ele quando dá com uma música, perturba toda hora.

Canta e dança.

- “Nossa, nossa! Assim você me mata, ai, ai, ai, mana...” – Para, Pai! –“ Delícia, delícia, assim você me mata! Ai, ai, ai, mana! Eu tô estressada, tô cansada!

1. Música final:

Entoa canção que sua mãe (Dona Jesus) usava pra ninar. Começa a arrumar as coisas, dobra o lençol. Arruma a embarcação.

GEPETO, UM POBRE VELINHO, VIVIA TRISTE E SOZINHO.
MORAVA COM ELE EM SEU LAR: UM PEIXE, UM GATO E UM

GRILLO A CANTAR. E DEPOIS DE ABANDONADO, GEPETO FEZ LOGO UM BONECO ENGRAÇADO, DE NARIZINHO COMPRIDO, (É MEU PAI, MENTIROOOSO) CHAMOU DE PINÓQUIO E FICOU COMOVIDO. LEVADO DA BRECA SE PÔS A FALAR. (MAS ELE É O MEU MENTIROSO, QUE EU AMO BASTANTE)!

1. Carta Aberta ao Povo Dominguense:

Liga o rádio. Toca a música de abertura da Voz do Brasil (trecho de O Guarani, de Carlos Gomes), seguida de áudio de Mário Daibes (papai): Declamando “Uma Carta Aberta ao povo Dominguense”, evento histórico da radiodifusão de São Domingos, por ocasião da campanha eleitoral de um parente libanês envolvido em política em tempos idos.

Remadas, parando para ouvir a transmissão, deixando a correnteza levar o casco, voltando a remar. Saindo enquanto o áudio finaliza.

Transcrição do áudio final:

Carta aberta

Vamos ler uma carta aberta ao bravo povo dominguense: Dirijo-me a vós, a outra vez de laço de parentesco que ligo o vosso prezado particular amigo Said Naif Daibes, dentre que mais ele se bate é da defesa da produção de farinha, produto base do município que vem sofrendo os combates de vários. Uns desejando a constante proibição da exportação, outros exigindo tabelamento, bem com isso, com muita dificuldade, o que leva o produtor, cujo o sacrifício vai da reação, o lavrador derruba, queima, cuivara, “pranta”, fabrica, esse das vezes feito em braços humanos, verificando a impossibilidade de viver, cujo o seu gênero não sofrendo a proteção de quem assim deveria proceder. Eu vós pergunto: qual

vós na câmara estadual levantou-se em defesa desta causa? “Esteje” certo que esse compromisso eu assumirei e a farinha de mandioca, na minha pessoa, terá um defensor no legislativo estadual, a minha voz há de erguer-se para pugnar junto aos poderes competentes na junta traçada, junto ao prezado particular amigo, Coronel Jurandir Torres de Lima, que as urnas dia 3 de outubro proclamarão Prefeito de São Domingos do Capim, independente da ajuda dos poderes competentes terão a minha lembrança, e dentro dele, destaco o serviço telegráfico da cidade de São Domingos do Capim. Antecipo os meus sinceros agradecimentos pela boa preferência eleitoral que eu espero receber dos bons dominguenses, asseguro que eu não vos decepcionarei.

Assina Alfredo Gantus.

O vice-presidente da República, o Dr. João Goulart, líder dos trabalhadores do Brasil indica Alfredo Gantus para Deputado Federal.

**ESPETÁCULO TORÓ - ADAPTAÇÃO DE
GOTA D'ÁGUA., 2018. Arquivo Pessoal.**



**Espectáculo Caboclada à Libanesa,
2023. Foto: Wlad Lima.**



**PERFORMANCE: SOCORRO,
PROFESSORA! PROJETO CARGA VIVA.
Foto: Danielle Cascaes, 2022.**



Espectáculo Caboclada à Libanesa,
2023. Foto: Ricardo Torres.





PENÉLOPE LIMA é uma artista amazônida, natural de Belém do Pará. Atriz (DRT: 0000494/Pa), Dramaturga, Palhaça e Pesquisadora de Teatro. Atua, canta e escreve para a cena. Começou no teatro em 2008, através de oficinas na Fundação Curro Velho. Nos anos seguintes, obteve vasta experiência no teatro popular. Discente da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), em 2017, onde cursou o Técnico em Teatro e a Especialização em Dramaturgia. Em 2021, escreveu e atuou no monólogo autoral "Meu Nome é Ana", apontado como espetáculo do ano pelo jornalista Matheus Oliveira. Atualmente, é Mestranda em Artes, na linha de pesquisa 'Poéticas e Processos de Atuação', do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA. Pesquisa o

corpo do ator em cena e sua trajetória de vida como matéria-prima para os processos de criação cênica e dramaturgica. E-mail: penelopelima@gmail.com SITE:@penelopelima

O LABIRINTO

Uma Dramaturgia de Penélope Lima

PERSONAGENS

LUCAS

MANOELA

ANA MARIA

FLÁVIA

HENRIQUE

Flávia e Lucas se abraçam, chorando. Ana Maria encaminha Flávia e Henrique para a saída, e leva Lucas para a ala de internação psiquiátrica. Ele caminha, sozinho, inicialmente transmitindo certa apatia. Olha para os lados, angustiada. Inicia-se uma série de partituras corporais que transmitem a experiência de vivenciar aquele local, paralelamente as suas palavras:

LUCAS – Eles dizem que eu vim aqui pra me curar... mas a verdade é que eu fiquei mais doente vindo pra cá. Não posso estudar, sair com a minha namorada, ir à praia. Tenho horários fixos para acordar, me alimentar, tomar banho, pegar sol e tomar remédios. Os remédios... que me fazem ficar como que em um universo paralelo. Estou em um lugar que é a personificação do vazio. Cercado de grades, portões e paredes altas... do que adianta? Nenhuma prisão é maior do que a que tenho dentro de mim. Durmo em um quarto com pessoas que não se dirigem à palavra e

agem como se não houvesse mais alguém aqui. Somos invisíveis para o mundo e para nós mesmos. “*Estou vivendo no mundo do hospital. Tomando remédios de psiquiatria mental. (...) Me amarram, me aplicam. Me sufocam num quarto trancado. Socorro! Sou um cara normal, asfocado*” (trecho da música ‘*Sufoco da Vida*’, do grupo ‘*Harmonia Enlouquece*’).

Lucas sai à procura de Ana Maria (deixar marcada uma possível dúvida nas respostas dela).

LUCAS – Eu sabia que ia te encontrar! O meu namoro terminou por tua culpa!

ANA MARIA – O quê?

LUCAS – É isso mesmo! Você não presta!

ANA MARIA – Do que você está falando?

LUCAS – Ah, não sabe? De nós dois juntos. Ontem à noite.

ANA MARIA – Lucas... nunca aconteceu nada entre nós.

LUCAS – Como não? Você veio atrás de mim! Você foi quem me procurou!

ANA MARIA – Eu não sei o que houve, mas você está enganado....

LUCAS (agressivo) – Escuta aqui, sua vadia! (*parte para cima dela e tenta agredi-la*) Eu quebro a tua cara! Você quer que todo mundo pense que eu sou doido pra eu continuar preso aqui e você se aproveitar de mim. Mas eu vou embora daqui! Eu juro que vou me vingar e a Manu ainda vai voltar pra mim, entendeu?

ANA MARIA – Técnicos, aqui! Contenção!

LUCAS – Me solta! Me larga!

ANA MARIA – Apliquem uma dose mais forte do medicamento.

LUCAS – Você me paga! Todos aqui vão saber quem você é! Eu acabo com a tua vida!

ANA MARIA – Chamem a Flávia aqui. Agora!

Lucas avista Manoela no outro extremo do espaço, e corre ao seu encontro.

MANOELA – Lucas!

LUCAS – Eu tava quase morrendo de tanta saudade. Ficando louco de verdade!

MANOELA – Eu também! Juro! Vim assim que pude. Como você está?

LUCAS – Eu preciso ir embora daqui, Manu. Aqui tem um monte de doido! Eles falam sozinhos. Tem uns que mijam na roupa. Ontem um deles disse que queria tomar choque de novo. Eu não quero tomar choque, Manu!

MANOELA – Calma, amor! Eu tô aqui, tudo bem? Tudo vai ficar bem. Você não vai ficar aqui por muito tempo.

LUCAS – As vozes da minha cabeça disseram que você ia me deixar.

MANOELA – Não! Nunca! Eu tô aqui. Mas pra gente ficar bem, eu preciso que você se cuide.

LUCAS – Eu quero te pedir desculpas. Eu sei que te assustei na nossa última briga. Eu... eu não queria ter agido assim. Mas as vozes, elas me perturbam! E eu não quero morrer! Não quero! E também não quero te perder! E eu quero te dizer que eu não tentei me matar por tua culpa... eu só não aguento mais.

MANOELA – Eu fiquei muito preocupada quando a tua mãe me ligou. Soube também que o teu pai esteve aqui.

LUCAS – Ele estava. Foi horrível.

MANOELA – O primeiro passo para as coisas ficarem bem é se livrar do que te faz mal, Lucas. Esquece esse cara! Ele te deixou na merda! E quando aparece, é só pra piorar tudo! Saindo daqui muita coisa vai ter que mudar. Eu já tinha percebido que estavas estranho.... Não dormia, não comia, mais faltava do que ia à faculdade. Os ataques repentinos de raiva!

Os ciúmes infundados. Sempre nervoso, estressado, bebendo demais. Tudo isso te fez mal. Eu sabia que as coisas não estavam bem, mas não imaginava que chegariam ao extremo. E o que eu mais quero agora é te tirar daqui.

LUCAS – O problema sou eu, né? Eu sei que sou um peso pra ti.

MANOELA – Não é nada disso, Lucas! E eu espero que isso não se transforme em mais uma briga. Já tivemos muitas nos últimos meses! O que tá acontecendo? O nosso relacionamento sempre foi tão tranquilo....

LUCAS – Eu não sei, Manoela. Eu não consigo entender o que tá acontecendo comigo. Mas o medo de te perder é maior do que qualquer outro. Eu te amo muito.

MANOELA – A única coisa que pode fazer você me perder é se você recusar o tratamento. Quero que a gente volte a ficar bem, mas pra isso tu precisas te cuidar. O Lucas dos últimos meses não parece nem um pouco o que eu conheci.

LUCAS – Eu vou melhorar. Pela gente.

MANOELA – Preciso ir agora, mas volto amanhã. Prometo que volto. Fica bem. E se cuida, por favor.

LUCAS – Não esquece de mim.

MANOELA – Eu amo você.

LUCAS – Também amo você.

Ana Maria surge e se aproxima de Lucas. Ambos se encaram de maneira bem próxima (marcar a dubiedade da cena). Ela se afasta.

ANA MARIA – Flávia, lamento em dizer que o Lucas regrediu. O caso é mais grave do que imaginávamos. Os medicamentos não atingiram o efeito esperado e teremos que aumentar a dose.

FLÁVIA – Aumentar? Mas ele vai ficar completamente dopado.

ANA MARIA – É necessário. As alucinações continuam presentes, e houve uma tentativa séria de agressão. Ele precisa permanecer aqui... e agora, por tempo indeterminado.

FLÁVIA – Mas e a faculdade? Ele está faltando demais. Eu prometi à minha mãe que ele voltaria logo. E tem o retiro da igreja....

ANA MARIA – Já chega, Flávia! É impossível termos avanços dessa forma. Foque no seu filho e compareça à terapia familiar, já que você encontra tempo para tantas atividades e nunca aparece aqui nos dias e horários da sessão!

FLÁVIA – Meu filho vai ficar bom, doutora?

ANA MARIA – Estamos trabalhando para isso. Acredite.

Henrique entra.

FLÁVIA – Ah! Finalmente apareceu.

HENRIQUE – Cadê o meu filho?

FLÁVIA – Hahahahahaha, filho....

ANA MARIA – O senhor é o pai do Lucas?

HENRIQUE – Sim, sou eu.

ANA MARIA – Olá. Sou Ana Maria, médica psiquiatra. Já estava conversando com a Flávia e adiantei a situação. Com base nos sintomas que o Lucas apresenta, é bastante provável que estejamos prestes a fechar o diagnóstico de Esquizofrenia. Neste momento, o mais adequado é que ele permaneça no hospital.

FLÁVIA – Mas por quanto tempo?

ANA MARIA – Alguns dias. Talvez semanas.

FLÁVIA – Semanas?!

HENRIQUE – Bom, se isso é o melhor para ele....

FLÁVIA – Pra você é tudo muito fácil, não é, Henrique? Abandonou o menino há anos, faz mil promessas que nunca cumpre e acha que de repente pode aparecer aqui querendo decidir alguma coisa?

HENRIQUE – Mas se é o melhor para ele, o que eu posso fazer?

FLÁVIA – A internação dele é só mais uma fuga pra você!

ANA MARIA – Vamos nos acalmar, por favor.

HENRIQUE – Olha doutora, é melhor que a senhora interne essa daí. Porque ela sim é louca! Todo mundo sabe que o menino ficou doente por causa dela.

FLÁVIA – O Lucas sempre sofreu muito com a ausência do pai e com as discussões que aconteciam nas poucas vezes em que ele aparecia!

HENRIQUE – Eu não deixei de ver o Lucas por não gostar dele, não. Eu sumi porque eu queria fugir de você! Porque eu não te suporto!

ANA MARIA – Eu compreendo que devem existir uma série de mágoas entre vocês, mas seria importante que nesse momento a prioridade de ambos fosse o Lucas.

FLÁVIA – Para ele nunca foi!

HENRIQUE – Como esse menino poderia não ser um fraco? O tempo inteiro na asa da mãe. Não soube criar, doutora. O menino cresceu sensível demais! Culpa dela!

FLÁVIA – O que você pode falar de mim, Henrique? Eu estava lá para ele quando você nunca estava!

HENRIQUE – Ah, as cobranças! A vida inteira ela me cobrou, doutora. É só o que ela sabe. Nunca serviu pra nada. Vê se para de ficar me difamando por aí e vai procurar o que fazer!

ANA MARIA – O Lucas cometeu uma tentativa de suicídio durante um surto psicótico. Eu não sei se vocês têm noção do que isso significa, mas posso assegurar que é grave. O filho de vocês tentou se matar, entenderam? Queremos o melhor para ele, mas só podemos ajudar se houver parceria.

Silêncio

FLÁVIA – E o que vai acontecer com ele aqui?

ANA MARIA – O Lucas vai para o setor de internação breve e nós já iniciamos o tratamento com alguns medicamentos. Por hora, ele vai precisar tomar antipsicóticos. Além disso, vai ter acesso à psicoterapia e a oficinas terapêuticas. Também gostaria de trabalhar a terapia familiar com todos vocês, pois é de extrema importância que todos se unam agora. Tudo bem, Flávia? Henrique?

HENRIQUE – É... parece que a situação é pior do que eu imaginava. Eu... eu sinceramente não tenho condições de arcar com esse prejuízo agora. Estou passando por algumas dificuldades e não posso ajudar. Mas se é melhor que ele fique aqui, que fique. Eu... preciso ir agora.

Henrique levanta e sai. Entra Lucas.

LUCAS – Cadê o meu pai?

FLÁVIA – Foi embora.

LUCAS (*nervoso*) – Embora?

ANA MARIA – Calma, Lucas! Seu pai ainda não foi, está na outra sala. Você quer que eu o chame aqui?

LUCAS – A senhora tá mentindo pra mim, mãe?

FLÁVIA – Não, eu....

LUCAS (*agressivo*) – Você sempre quis me separar do meu pai!

FLÁVIA – Isso não é verdade, Lucas!

ANA MARIA – Ele já está vindo, Lucas. Fique tranquilo.

Lentamente, Lucas caminha pelo espaço, visivelmente atordoado. O celular toca e ele ignora. Seu corpo pulsa desordenadamente,

transparecendo sensações de confusão mental, ansiedade e certa agressividade; e isso o desespera. Sua respiração está ofegante e o ar por vezes lhe falta. Ele olha para uma das mãos ao perceber que ela realiza movimentos involuntários e, ao se dar conta de que não consegue controlar tais movimentos, começa a chorar. Passa a andar mais rápido. Inicia-se uma alucinação visual, na qual Ana Maria ri para ele em tom de deboche.

LUCAS – O que é que tu queres? Sai! Me deixa em paz!

Começa a ouvir vozes que o incentivam a se matar (tal ação pode ser bem marcada na sonoplastia. Vozes distintas e em diferentes tons que falam frases como “tu vais morrer!”, “se mata agora, se mata!”, “ninguém vai sentir a tua falta!”. Deixar bem explícito no corpo do ator a situação de dor e desespero). Lucas começa a emitir gritos e sons ininteligíveis, que, em conjunto com a sua movimentação corporal expressam sofrimento, angústia, medo, euforia, pânico, raiva e demais sentimentos semelhantes envolvidos em um momento de surto psicótico. Sem conseguir lidar com isso, ele pega um frasco de remédio no bolso e ingere todos os comprimidos de uma só vez.

Blackout

LUCAS – Pai! *(corre e abraça Henrique, que está visivelmente desconfortável)* Eu vou ficar bem, né pai? Eu já vou embora daqui?

ANA MARIA – Lucas, conversei com seus pais mais cedo e expus a sua situação. É importante que passe algum tempo aqui no hospital, até que tudo se estabilize.

LUCAS – Pai, o senhor vai me levar embora daqui né?

HENRIQUE – Meu filho... você ouviu a médica. É melhor que você fique aqui.

LUCAS (*indignado*) – Você nunca se importou comigo, mesmo! Teria ficado aliviado se eu tivesse morrido! (*para Flávia*) Você também! Nenhum dos dois gosta de mim!

FLÁVIA – Não seja injusto comigo, Lucas....

LUCAS – Injusto nada! Eu sempre fui um troféu pra você! Sempre gostou de me exhibir para os outros, sempre tão preocupada com o que iriam pensar e falar! E você? Sempre omisso, dando mil desculpas. Eu só tenho saudade de quando o senhor gostava de ficar perto de mim (*começa a chorar*). Vocês nunca pensaram em como eu me sentia no meio de tantas brigas. Sempre tão ocupados em atacar um ao outro, sem sequer olhar pra mim!

FLÁVIA – Eu sempre vivi pra você, Lucas! Enquanto ele...

HENRIQUE – Eu não tenho culpa se você é um fracasso de mãe!

FLÁVIA – Mas é verdade o que eu estou ouvindo? Pelo amor de Deus, Henrique, você é doente!

LUCAS – (*gritando*) Para!!!! (*silêncio*) Eu vou ter que ficar aqui. É isso?

ANA MARIA – Sim, Lucas. Aqui você receberá um tratamento adequado, e em breve poderá voltar às suas atividades normais.

LUCAS – Mãe! Eu não sou doido, né?

FLÁVIA – Não, meu amor.

LUCAS – E eu vou sair daqui, e vou ficar bom, né?

FLÁVIA – Sim, vai.

LUCAS – Eu... eu preciso ver a Manu.

FLÁVIA – Sim, já conversei com ela. Amanhã ela vem ver você. Estaremos aqui sempre, tudo bem? Vai dar tudo certo.

LUCAS – Desculpa, mãe....

Manoela entra.

MANOELA – Cheguei, amor! A tua mãe está lá na frente, esperando. Tudo bem?

LUCAS – Não. Não tá nada bem.

MANOELA – O que houve?

LUCAS – Tem uma coisa que eu preciso te contar. Eu não vou ficar bem se você não me perdoar.

MANOELA – Perdoar? Eu tô ficando assustada, Lucas. Fala de uma vez!

LUCAS – Eu erreí, Manu. Falhei com você. Mas quero que acredite que eu te amo mais que tudo, e preciso ficar com você!

MANOELA – Falhou comigo? Como? Mentiu pra mim?

LUCAS – Eu... é que... eu estive com outra pessoa.

MANOELA – O quê?!

LUCAS – É isso. Desculpa, eu... não consegui evitar.

MANOELA – Desculpa? Você joga uma bomba dessas em cima de mim, e vem com essa cara cínica se desculpar? Como foi isso? Quando? Com quem?

LUCAS – Manu....

MANOELA – Lucas, eu estive com você o tempo todo. Aguentei suas mudanças de comportamento, suas paranóias infundadas, seus medos irreais, suas crises. Em todos os momentos eu estava lá. Agora você vem me dizer que eu fui traída e quer que eu reaja como? Que diga que está tudo bem? Eu perdi meses da minha vida aturando loucuras, e agora você vem me dizer que eu preciso te perdoar?

LUCAS – Eu sei que erreí, estou disposto a me redimir, mas isso não te dá o direito de ser cruel comigo.

MANOELA – Para, para! Cala a boca! Seu escroto. Você se faz de doente para que os outros tenham pena de você, mas a verdade é que para ser um traidor está bem saudável!

LUCAS – Eu me faço de doente, Manoela? Você sabe melhor do que ninguém o que eu tenho passado!

MANOELA – Sei! Sei que você não consegue superar o fato de o merda do teu pai ter te abandonado, e sai por aí com um discurso muito bonito de que quer ser alguém melhor, mas a verdade é que é tão merda quanto ele! Sei que não aguenta mais a tua mãe querendo te expor para todos como um troféu, porque no fundo até você sabe que não é tudo isso! Sei que se sente insuficiente e incapaz, e isso te perturba, porque você é exatamente um fracasso. E mais do que tudo, sei que usa essas coisas para se fazer de vítima. Só tem um detalhe: o mundo não gira ao teu redor, Lucas!

LUCAS – Eu nunca quis que ninguém sentisse pena de mim!

MANOELA – Eu já disse pra calar a boca! Eu já aguentei muito e agora é a minha vez de falar. Eu tenho vivido um inferno nesse relacionamento nos últimos meses, e mesmo assim sempre fui fiel. Nada justifica, Lucas!

LUCAS – Eu sei que não. Eu não nego o meu erro! Mas você não pode duvidar do amor que eu sinto por você.

MANOELA – Pelo amor de Deus, Lucas. Você não enxerga um palmo à sua frente! Sempre preocupado demais com as próprias dores e incapaz de ser um companheiro de verdade. Você não gosta de mim, você gosta da sensação de estabilidade que eu te dou!

LUCAS – Eu juro que nunca mais vai acontecer! Eu juro!

MANOELA – Mas não vai mesmo. Acabou.

LUCAS – Como é?

MANOELA – Eu não tenho mais condições, Lucas. Loucura de verdade é me afundar nessa realidade que você mesmo criou. Eu não aguento mais, e essa situação foi a gota d'água.

LUCAS – Você está me julgando e recusando o amor que eu tenho pra te dar! Se imaginasse o vazio que é a minha vida sem ti! Por favor, Manu, não me abandona!

MANOELA – Continuar do teu lado é me matar a cada dia. Adeus, Lucas.

Flávia, mulher ainda jovem e bonita, de aparência cansada e apreensiva, anda de um lado para o outro. Entra Ana Maria.

ANA MARIA – Boa tarde. A senhora está acompanhando Lucas Ribeiro?

FLÁVIA – Sim, eu sou Flávia, a mãe dele.

ANA MARIA – Pode sentar, por favor. Eu sou Ana Maria, médica responsável pela ala psiquiátrica do hospital. O Lucas já está mais calmo, mas ainda precisa ficar em observação. O que ocorreu ontem....

FLÁVIA – Quando posso levar o meu filho embora?

ANA MARIA – Dona Flávia, lamento que a senhora precise esperar um pouco. O Lucas passou pelo que comumente chamamos de um surto psicótico. Todos os sinais apontam para um quadro de Esquizofrenia.

FLÁVIA (*nervosa*) – A senhora está insinuando que o meu filho é doido?

ANA MARIA – Não. Estou afirmando que o seu filho se encontra em um quadro de sofrimento psíquico e precisa de cuidados. Estamos considerando a internação.

FLÁVIA – Internação? Escuta aqui, doutora. O meu filho é perfeitamente normal. Ele tá um pouco nervoso, só isso! Muita pressão na universidade, ele é um menino muito inteligente, sabia? Ele sempre foi o melhor em tudo que faz! Mas depois que passou no vestibular, se afastou de Deus! É por isso que ele tá assim!

ANA MARIA – Dona Flávia, observamos que o Lucas apresentou algumas alucinações auditivas e visuais. Até que esses sintomas amenizem, seria melhor para ele permanecer aqui.

FLÁVIA – Ele precisa trabalhar essa mediunidade!

ANA MARIA – O quê?

FLÁVIA – Essas coisas que ele diz que vê, e ouve... é porque ele é médium! Mas ele vai voltar a frequentar a igreja e isso vai parar. Meu filho é normal, pode acreditar!

ANA MARIA – Primeiro, a senhora precisa ficar calma. Não se preocupe, aqui ele terá todo suporte medicamentoso e terapêutico que é necessário para o caso. Mas precisamos do apoio da família para maior sucesso da equipe no processo de recuperação do Lucas.

FLÁVIA – Ah, família! Eu sou a família do Lucas, doutora! Eu crio esse menino sozinha desde criança! O pai dele só promete que vai aparecer! A minha mãe mais atrapalha do que ajuda. Eu abri mão de tudo que eu poderia ter na vida pra cuidar desse menino, e agora a senhora quer me dizer que ele ficou doido? Que eu não dei conta? A culpa é minha? *(começa a chorar)*.

Entra Lucas, com o semblante confuso e culpado.

FLÁVIA – Filho! Eu não podia mais esperar pra te ver! Como você está? Já melhorou?

LUCAS – Eu tô me sentindo péssimo, mãe...

FLÁVIA – Por quê? Te fizeram algo? Estão te tratando mal? Me avisa que eu faço um escândalo!

LUCAS – Não, mãe, é só que...

FLÁVIA – Eu sabia que seria uma péssima ideia você ficar neste lugar. Vou tirar você daqui agora!

LUCAS – Mãe, a senhora poderia, pela primeira vez na vida, me escutar?

FLÁVIA – Eu já vi e ouvi o suficiente! Olha para a sua aparência, Lucas! Você está horrível e começando a cheirar mal. Desse jeito, eu jamais vou deixar a sua avó vir aqui. Imagina o que as minhas amigas iriam falar....

LUCAS – Pelo amor de Deus, não me deixa mais perturbado, mãe. Eles me enchem de remédio aqui dentro. Eu não consigo mais pensar, falar direito. Viver aqui tá sendo um inferno. Qualquer barulho faz doer meu corpo inteiro. Já era. Não importa quanto tempo vocês me deixem aqui. Eu tô perdido, mãe.

FLÁVIA – Não diga isso, meu bem! Eles querem que você acredite que é doido igual essas pessoas que estão aqui, mas não é! Não exagere!

LUCAS – Não é exagero. Sei que todo mundo esperava que aqui eu melhorasse, mas a verdade é que eu tô me sentindo cada vez mais descontrolado. Eu não aguento conviver com os meus pensamentos, com o que eu sinto. Nem com as mágoas que eu sinto pela senhora e o papai. Eu preciso de ajuda, mãe! Me ajuda!

FLÁVIA – Eu estou aqui pra te ajudar, é claro! Fica tranquilo, que saindo daqui a gente vai fazer um belo retiro espiritual. Ontem eu fui na igreja e já me informei das datas, vai ser maravilhoso porque lá também é possível trabalhar a sua mediunidade, e aí eu tenho certeza que tudo vai voltar a ser como antes!

LUCAS – Eu preciso que a senhora ligue pra Manoela e peça pra ela vir aqui hoje. Agora! Eu preciso ficar perto dela, agora mais do que nunca.

FLÁVIA – Ora Lucas, você não sente a minha falta? Está longe de mim, e só quer saber de Manoela?

LUCAS – Mãe, é melhor a senhora ir embora. Hoje eu não estou em um dos meus melhores dias, e a senhora certamente não está me ajudando a lidar com isso. A única pessoa que eu quero perto de mim agora, é a Manu.

FLÁVIA – Eu vivi a minha vida inteira pra você, e é assim que você retribui, Lucas? Priorizando essa menina em relação à mim. Eu adoro a Manoela, mas olha menino, namoros vão e vêm. Eu mesma já tive vários! Ninguém sabe o que ela faz por aí, enquanto você tá preso aqui dentro. E aí você vai se deixar abater por causa dela? Ora...

LUCAS – Eu tô cansado, mãe. Tô cansado. A senhora pode ir, por favor, e ligar pra Manu pedindo pra ela vir aqui agora?

FLÁVIA – Se é isto que vai te fazer bem... eu ligo. Volto em um instante.

LUCAS – Não demora a ligar, por favor.

Lucas está sozinho e, pouco depois, entra Ana Maria. Ela se aproxima e o olha fixamente. O toque das mãos dela transmitem a ele um sentimento novo e inexplicável, de modo que não consegue se afastar. O proibido traz mais adrenalina ao momento. Os dois se unem em um abraço tão forte que não é possível distinguir se são dois ou apenas um. Ele a beija com veemência, ofegante; enquanto ela tira o uniforme que ele usa. Deitados no chão, ela o faz experimentar uma nova forma de sentir outro corpo. Cada segundo produz uma explosão de prazer. O sussurro da voz e o suor da pele dela transmitem a ele uma sensação de paz como há muitos meses não sentia.

ANA MARIA – Não podem me ver aqui. Preciso ir!

Lucas, sozinho, caminha pelo centro do palco. Inicia-se uma partitura corporal que explana ao público suas dores e perturbações, enquanto fala:

LUCAS – Minha cabeça não acompanha meu corpo. Eu sou milhares em um só. Não me deixe ir. Não sei mais o que é verdade ou mentira. Estou morto em vida. Grito por socorro e ninguém escuta. Eu não escuto. Não tenho mais amigos... todos se afastaram de mim. Me abandonaram, como o meu pai e a Manu. A Manu... o que fiz com ela? Não me deixe ir. Quero gritar e falar do meu amor! Da minha dor! Do meu calor! Devo seguir sozinho? Olho, mas não consigo ver. O mundo gira, apressado, enquanto eu não saio do lugar. Sinto raiva! Preciso voltar a ser normal. Preciso voltar pra faculdade. Mamãe quer que eu use terno, afinal, o que as amigas dela irão pensar? Meus caminhos se fecharam e não tenho mais esperanças de abri-los. Sou frágil e quebrei. Não tenho mais medo da escuridão. Ela me abraçou com força e não solta mais. Não me deixe ir. Corro, mas não chego. As vozes na minha cabeça não me deixam em paz por um segundo. Mamãe diz que sou médium. Os conhecidos dizem que sou louco. E eu... eu nem ao menos sei quem sou. Sinto dor! Me disseram que os remédios ajudariam a dor a passar. Mas só o que ela faz é aumentar... aumentar... aumentar. A dor já me engoliu e há muito tempo é maior que eu. Choro... choro... choro. A vida é absurda. Estou caindo... caindo... caindo. Não sei ao certo se me empurraram, ou se me atirei. Mas não consigo mais subir. Não me deixe ir. Saindo daqui, pra onde vou? Qual a chance de me encaixar? Que falta faz viver. Os remédios podem me fazer fugir do mundo. Mas não me permitem fugir de mim. Labirinto.

*Pega o lençol e amarra ao pescoço. **Blackout.***

**Espectáculo "Meu Nome é Ana". Ano:
2021. Foto: Bruno Moutinho.**



**Espectáculo "Manifesto Pauta NegrA".
Ano: 2022. Foto: Tarsila Rosa.**



Performance "Hei de Viver". Ano: 2023.
Foto: Tarsila Rosa.



Espetáculo "Pauta NegrA". Ano: 2019.
Foto: Tarsila Rosa.



Espetáculo "Zeca de uma Cesta Só".
Ano: 2019. Foto: Danielle Cascaes.



Espetáculo "E que Deus me Permita".
Ano: 2018. Foto: Danielle Cascaes.



Espetáculo "Cordão de Pássaro Tangará". Ano: 2016. Foto: Wildes Lima.



© Wildes Lima



Espetáculo "Gota D'água - A Voz que me Resta". Ano: 2018. Foto: Danielle Cascaes.

Performance "Ensaio Manifesto laça",
2021. Foto: Tarsila Rosa.



Espectáculo "Solas Palhaças", 2023.
Foto: Yuri Lee.





YASMIN RAMOS é natural de Belém do Pará. Atriz, dramaturga e pesquisadora em Literatura e Teatro. Graduada em Licenciatura em Letras-Português pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e pelo curso Técnico em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA), onde desenvolveu pesquisas sobre memória, história e teatro paraense. Como atriz, iniciou sua carreira nos cursos livres de teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA, aos 11 anos de idade, e possui experiência com dança e canto para teatro musical. Possui experiência nas áreas técnicas de dramaturgia, operação de luz e som para o teatro e já atuou para diversos coletivos e grupos teatrais de Belém/PA, como Cia. Discrepantes de Teatro e Teatro de Apartamento. Atualmente, cursa o Mestrado em Letras, na área de Estudos Literários, além de atuar e escrever para o Coletivo Teatral Coletivas Xoxós e é Interprete-Criadora da Cia. Moderno de Dança, na qual desenvolve trabalhos artísticos relacionados à Dança Contemporânea na Amazônia Paraense. E-mail: yasminalmeidaramos@gmail.com

O Caminho de Mariínha

(A cena inicia com a ancestral se deslocando pelo espaço. Ela está mascarada e veste uma grande bata amarela com cinco saquinhos de farinha, sendo que um deles está nas costas. No centro da cena há um banquinho com vários sacos de farinha em volta. Ela se senta e começa a falar)

MARIÍNHA

Maria Florência dos Santos de Almeida. Maria Florência dos Santos de Almeida. Maria Florência dos Santos de Almeida. Esse é o meu nome. Mariínha pra família. Filha de Maria de Nazaré dos Santos Ramos. Nasci no dia 07 de novembro de 1944. Em Bujarú. Bujarú. Bujarú. Éramos 4. Quatro irmãos. Eugênio, Elmira e Evandro. E eu: Maria. Única com um nome diferente. Não sei. Vim pra Belém pra estudar. Mais estudar pra quê? Naquela época estudar à noite era coisa de puta, segundo meu pai. Eu vim de Bujarú. Bujarú. Bujarú. A Maria Florência dos Santos veio de Bujarú pra estudar em Belém. Casei. Tive 5 filhos. 9 netos. E morri sem sair do rio Guamá. Ninguém saiu do rio Guamá. Ninguém foi à Bujarú. Bujarú. Onde eu nasci. Maria Florência dos Santos. Maria Florência dos Santos. Mariínha. Mas eu nunca esqueci. Nunca esqueci de casa. De Bujarú e do rio. Que eu não sei. Mas que tava ali.

(Ela se levanta do banco e começa a se deslocar em círculo pelo espaço. Faz isso duas vezes. Na terceira, ela fala)

MARIÍNHA

Dois? Tem gente que acha que 1 é muito. Dois! Eu tive 4!
(caminha um pouco e para)

4 não, 5! Porra, sempre me esqueço dela! Da Sirvia. A do meio. A gente esquece!

(Volta a caminhar)

São muitos! E um a cara do outro e todos a cara do maldito do pai, inferno.

(Caminha)

Eu fui casada. Vim pra cá pra casar. A gente queria que todos os nossos filhos tivessem dois nomes. Coisa minha. Gosto de nome composto.

(Caminha)

E aí foram nascendo: Suely Socorro, Jorge Luís... Todos os 4 de nome composto! (Para de caminhar) 4 não, 5! Porra, Sirvia! Sempre essa!

(Olha para frente como se estivesse mirando algo distante e aponta)

Tinha um rio ali! Tinha! Tinha um rio ali!

(Volta a caminhar)

Foi aí que descobri. Na minha terceira. Na Sirvia. O safado queria colocar o nome dela de Sirvia Cristina. O nome da amante dele!

(Ela ri e diz bem incisiva)

Pois vai se chamar só Sirvia!

(Continua a caminhada)

E pensar que eu vim pra cá pra casar. Pra ter meus filho. Eu? Tive 4!...

(Para e olha de novo para frente como se estivesse mirando algo distante)

Tinha um rio ali! Tinha mesmo. Tinha um rio ali!

(continua a caminhada)

Tinha 5! Porra! 5! Égua, Sirvia.

(Ela olha o banco no centro e resolve retornar a ele. Senta-se e respira. Ela começa a mexer nos sacos de farinha como se estivesse os arrumando, os colocando em uma ordem. Ao todo são cinco sacos. Todos possuem o mesmo tamanho exceto um, o menor. Ela organiza do maior para o menor e continua)

MARIÍNHA

Quando cheguei aqui comecei a estudar. Não durou muito. Meu pai num gostava disso não. Ainda mais à noite. “Mulher não estuda à noite”. Dizia ele.

(Passando as mãos por cima dos sacos de farinha)

Então fui trabalhar. Virei caixa. Caixa de supermercado.

(Passa quatro sacos para um lado e deixa apenas o menor sozinho do outro lado)

Mas aí a crise veio...Mandaram todo mundo embora! Todo mundo de volta pra casa!

(Para e olha e novo para frente como se estivesse mirando algo distante)

Mas, eu? Eu não tava em casa. Eu tinha uma casa. Mas não tava...Tinha...Tinha um rio ali! Tinha! Tinha um rio ali.

(Retorna para a história)

Foi aí que eu virei ferante. Vendia tudo. Sabão. Mamão. Melão. E a Farinha. Da baguda. Meus filho ajudava a vender. Todo os 4. Os 5! Jesus!

(Para, se levanta e se posiciona entre os sacos de farinha. Ela olha para frente novamente)

Essa rua mudou muito. As pessoas mudou muito. Os caminhos mudaram. O rio também mudou. Ele mudou.

(Ela retorna a caminhar em círculos e continua a história)

Abriu concorrência na rua. O Gaúcho. Nunca vi Gaúcho Paraense. Disk o homem vendia de tudo. Sabão, mamão e melão. Até Farinha. Fui lá com ele.

(Para no meio da cena)

Perguntei se ele vendia de tudo mesmo. Ele disse que sim.

(Olha fixamente para as mãos)

Então eu pedi pra ele me vender o Tempo!

(Anda para frente. As mãos se movem de maneira nervosa)

O tempo que eu tinha e não tenho mais. O tempo em casa, em Bujarú com os meus pais. O tempo com os meus irmãos. O tempo em que estudei. O tempo que vendia Farinha.

(Aponta para a frente)

O tempo que ali tinha um rio!

(Para e olha novamente)

Tinha um rio! Tinha mesmo um rio ali!

(Ela corre em direção ao banco e começa a mover os sacos de farinha na tentativa de se esconder atrás deles. Ela monta com os sacos uma espécie de fortaleza e se coloca atrás deles. O banco também é deitado. Lá de trás, ela fala)

MARIÍNHA

Tá bom já. Já tá bom. Tá na hora de ir pra casa, né?! Eu quero ir pra casa. Pra casa! Já falei que não gosto daqui! Eu quero a minha mãe. O rio. Não esse. O outro. Eu quero a minha casa. Quero voltar! Tu tá me ouvindo, Sirva?! Quero voltar. Bora, filha! Não quero mais ficar aqui. Me leva de volta, agora!

(Ela começa a se acalmar e olha para a frente dos sacos de farinha. Ela levanta e começa a olhar para todos os lados. Percebe onde está e decide arrumar os objetos cênicos. O último é o banco.)

Às vezes, eu confundo as coisas. Me perco. Acho. Perco de novo. O rio não é o mesmo e nem sempre foi assim. Disso eu sei. Esse rio não é meu. Qual o meu? Qual o meu rio? Qual o nome? O nome? Eugênia? Elmiro? Evandro? Não, não! Somos 4. Não! Eram 5! Tinha a Sirvia. O Igarapé. Em Bujarú. Não, não era Bujarú. Onde era? Que rio era?

(Continua arrumando)

Que saudade de tomar banho de Igarapé! Lá em Bujarú era direto! Água gelada. Água, gelava tudo.

(Coloca o banco e, ainda em pé, fala)

Nós éramos 4. Não, tá certo mesmo. 4 irmãos. Eugênia, Elmiro, Evandro e eu, a caçula, Mariíinha. Doidice né?! Só eu com nome diferente. Nome composto. Maria Florência. Minha mãe tinha dessas maluquices. Gostava dessas manhãs que viravam tarde no rio. Gostava.

(Ela se senta no banco)

Tô velha. Igual o rio. Velha. Me chamam de velha. De esquecida. Desmemoriada. Eu? Eu lembro de tudo. Nunca esqueci. Nunca esqueci do rio. De casa. Do caminho. Só que é muita coisa. Muita coisa. São muitos. 4 né? 5! 5 filhos. Eu tenho 5 filhos. Sirva. A Sirva mudou daqui. Ela cresceu. Virou professora. Nunca para em casa. Mas é a única que ainda visita. Toda semana. Ela volta pra casa. Sirva. De nome só. A terceira. Sirva. O nome da amante dele. Sirva. Ela vem me ver. Mas...O rio!

(Para e olha para frente. Ela lembra)

Boca de Cobra. Esse é o nome. Boca de Cobra. Do rio. Boca de Cobra. Rio Bujarú. Eu lembro!

(Ela dança em círculos repetindo “Bujarú. Boca de Cobra” com muita felicidade. Ela fala enquanto dança)

Eu comprei o tempo do Gaúcho e agora eu lembro. Cresci e estudei. Virei professora. Dei aula. Tomei banho de Igarapé. Morei perto dos meus irmãos. Eugênia, Elmiro e Evandro. Somos 4. Eu tive 5. Isso! 5 filhos. Eles cresceram nesse rio. Comendo farinha. Da baguda. A Sirva virou

professora também. E os filho dela também. E a gente ficou aqui. No rio Bujarú. Em Bujarú. Boca da Cobra.

(Ela para de dançar. A risada também, mas ela mantém um sorriso no rosto. Olha novamente para a frente e diz)

Às vezes, deixam a gente sozinho no meio do caminho. Meus pais já morreram. Meus irmãos já morreram. Todos. O tempo do Gaúcho tá acabando também. É tempo de voltar. Voltar. Depois de tanto tempo, eu sei que nunca esqueci. Nunca esqueci de nada.

(Pega o menor saco de farinha)

Só da Sirva. Mas eu lembrava depois! A Sirva. Mas eu nunca esqueci. Nunca esqueci o caminho de casa. O caminho do rio. Do meu rio. Rio Bujarú. Boca de Cobra.

(Ela pega o banco e sai de cena)

FIM

Espectáculo: O Caminho de Volta (2023). Foto: Tarsila Rosa.



Espectáculo: Mandinga (2023). Foto: João Carlos Marruaz.



Espectáculo: A Morte do Caixeiro Viajante (2019). Foto: Danielle Cascaes.



Espetáculo: A Morte do Caixaero Viajante (2019). Foto: Danielle Cascaes.



Espetáculo: De Repente 30 - O Musical (2022). Foto: Danielle Cascaes.



Espetáculo: Sagrada
Malandragem, 2022. Foto:
Danielle Cascaes.



Espectáculo: Sagrada
Malandragem, 2022. Foto:
Danielle Cascaes.



**Espectáculo: Ave, Marias!, 2023.
Foto: Danielle Cascaes.**





SIDIANE NUNES, mãe, natural de Mocajuba-Pará.

Professora de Teatro (UFPA-2021)

Atriz (UFPA- 2024)

Cantora Compositora

Escritora: Co-autora do livro “Pulso, suor, presença e teatro: Reflexões de Jovens Escritores” (2021)

Costureira: 11 anos de experiência, a partir de vivências pessoais e da memória coletiva de costureiras mocajubenses. E-mail:

sid.nunes27@gmail.com

Mocajuba é uma cidade localizada no interior da cidade de Belém/PA. Contém cerca de 31.917 mil habitantes e está localizada na região nordeste ao oeste do estado do Pará, com distância de 166 km em linha reta da capital do estado. A memória coletiva popularmente mocajubense, conta que, a sede de Mocajuba, surgiu nos braços do rio Tauaré e, posteriormente, migrou para a propriedade cedida por João Machado, que era uma figura pública da época. Mocajuba é banhada pelo baixo rio Tocantins e é conhecida como Princesinha do Pará, por receber muitos turistas que visitam a cidade em busca de conhecer os botos que moram no rio que banha a cidade. Esta cidade a qual apresento, é minha terra natal, o lugar que me permitiu viver a infância na natureza, a adolescência em coragem e desbravamentos que me tornou uma adulta guiada por uma revolta. Uma revolta que busca destacar as reais necessidades do povo mocajubense.

A revolta que pulsa em meu ser, vem ao mundo através da arte de escrever, cantar, dançar e atuar, da arte que me proporciona viver. Na dramaturgia apresentada nesta escrita, consta uma das maiores revoltas e indignações que o povo mocajubense pôde passar ao longo dos anos, e está com o peso mundial, de uma pandemia através do coronavírus.

A transmissão do vírus foi tão forte que chegou até nossa cidade interiorana do estado do Pará. Como em muitos lugares, destacou feridas sociais que trouxeram mais insegurança ainda à população.

Esta dramaturgia apresenta o impacto especificamente social que a cidade de Mocajuba/PA sofreu com a chegada do covid-19. Este impacto destacou necessidades que a administração pública da cidade não deu conta, onde as necessidades básicas precisaram esperar e ações fúteis da administração pública ganharam destaque. Enquanto ruas estavam sendo asfaltadas em plena pandemia, o povo necessitava de remédios básicos em atendimento emergencial, de orientação acerca do vírus e de proteção.

Esta escrita apresenta uma linguagem artística teatral com destaque nas ruas, popularmente conhecida em nossa região como *Cordão de Pássaro Junino*, esta que é uma manifestação artística feita nas ruas, no período junino, onde um grupo de pessoas sai nas ruas, apresentando uma encenação com todos os *brincantes* em cena, colocados em semicírculo. No centro deste, desenvolvem-se todas as cenas, que falam sobre a história de um pássaro e destaca a valorização à natureza. Dentro da dramaturgia, os grupos de pássaro junino apresentam questões sociais que envolvem as necessidades da comunidade, chamam à atenção dos governantes e mostram ao povo que sim, é necessário ir em busca de melhores condições de vida. Portanto, a dramaturgia “Pássaro Junino Andorinha”, busca destacar as reais necessidades do povo mocajubense.

CORDÃO DE PÁSSARO ANDORINHA - MOCAJUBA-PA

Dramaturgia: Sidiane Nunes

Personagens Pássaro

Nobreza - Rei

Rainha

Princesa

Maloca: Tribo de Índios

Objetivo: Proteção, Cura e Ressurreição do Pássaro.

Matutos.

Caçador

(Perseguir o pássaro)

Feiticeira

(Proteger o pássaro)

Música de entrada (Composição: Neire Lopes e Sidiane Nunes

|

A andorinha chegou
trazendo amor, paz e
alegria (2x)

A andorinha chegou chegou
chegou chegou chegou
Ela vem de bando e nunca
vem sozinha

Eu sou a linda andorinha
que vive feliz a voar
Não gosto de andar
sozinha, procuro meu grupo
pra cantar e voar, voar (2x)

Entra o cordão cantando a música de entrada, se apresentam ao público e depois ficam em formato meia lua. Toca música da Andorinha e ela se apresenta ao público. Em seguida, entra a PRINCESA.

PRINCESA: Que linda passarinha, mas por quê está aqui sozinha?

ANDORINHA: Uma praga se espalhou em nossa floresta e não podemos mais voar em bando para não machucarmos uns aos outros.

PRINCESA: Que pena! Eu não sabia disso!

ANDORINHA: Como não princesa? Em toda parte da floresta só se fala nessa maldita praga que ataca nossa natureza.

PRINCESA: É, mas não era só uma manchinha nas asas, que logo poderia sumir?

ANDORINHA: Não princesa, só em nossa parte da floresta, já morreram mais de 470 mil aves, e ainda temos que lutar contra a ignorância de quem nos persegue.

PRINCESA: Eu não entendo! (perturbada)

(ouve-se um tiro - O pássaro e a princesa se assustam, o pássaro volta a voar)

PRINCESA: Não vá, precisa terminar de me contar.

ANDORINHA: Não posso ficar parada alteza, preciso voar, se eu não voar o mal pode me pegar. (*Sai voando*)

(Entra o caçador - Música do Caçador - Ele entra encenando caçar - e se depara com a princesa por quem é apaixonado)

CAÇADOR: Ora ora ora... o que vemos por aqui, se não é a princesa do reino de Juba?

PRINCESA: A própria!

CAÇADOR: Princesa, não deverias estar sozinha por essa floresta....

PRINCESA: Ora por que não? Eu estava a olhar os pássaros que por aqui passam....

CAÇADOR: Você disse, Pássaros (aponta sua arma de caça para todos os lados)? Temos que ter cuidado, pois podem estar com praga. Ouvem-se rumores que uma praga se alastra nas aves, e vejo que a senhorita nem máscara está usando.

PRINCESA: Máscara?

CAÇADOR: Sim, máscara... Ela irá lhe proteger de quem sabe se contaminar com essa praga.

PRINCESA: Ô céus... eu preciso voltar pro reino..... mas, caçador, não machuque os pássaros coitados, são tão lindos.

CAÇADOR: A senhorita acha?

PRINCESA: Com toda certeza, bom... agora chega de conversa, já está ficando tarde e eu preciso voltar para o reino. Até logo Sr. Caçador.... (*Sai*)

CAÇADOR: Até logo princesa... e quando nos virmos de novo, certamente lhe darei um presente. (*Sai caçando*)

Entram o rei e rainha

RAINHA: Meu rei, acha que devemos continuar permitindo que nossa menina tenha contato com os seres dessa floresta?

REI: Oooo minha rainha, que linda sua preocupação mas uma manchinha como a que estão falando não deve de pegar em nossa menina.

(Princesa entra agoniada e preocupa)

PRINCESA: Meu pai, minha mãe... Estou tão preocupada, vocês sabem que tem um praga ameaçando os animais ao redor do nosso reino e, especialmente meus lindos passarinhos.

REI: Sabemos, mas isso não nos importa, afinal de contas não está dentro do nosso reino e não precisamos nos preocupar com isso.

PRINCESA: Como não meu pai! Contam que há passarinhos morrendo... o que o senhor, meu pai, tem feito para que isso de alguma forma acabe? Não está dentro do nosso reino, mas está em nossa floresta, então é de nossa responsabilidade sim.

RAINHA: Calma minha querida, seu pai tem organizado o reino, não está com cabeça para pensar em praga.

PRINCESA: Organizado em que minha mãe?

RAINHA: Ué, não vê? As ruas estão sendo asfaltadas, ganhando pinturas novas, afinal de contas precisamos cobrir as imperfeições desse reino e temos que aproveitar que tudo está sendo patrocinado pelo imperador.

PRINCESA: Mas que absurdo! Priorizar buracos.... Todo esse investimento poderia ter sido investido na proteção aos animais.

REI: Chega Lina, você não deve se envolver com as decisões do reino. Para o quarto já!

PRINCESA: Mas pai!

REI: Para o quarto!

(Princesa sai correndo e chorando - Rei e Rainha saem) -

(Entra a Andorinha passeando - voando - na floresta) - Música de Pássaro.

(Entra o caçador caçando - Música do caçador - o caçador tenta abater a Andorinha, ela fica sem saída e quando o caçador vai atirar entra a FEITICEIRA. Música da feiticeira)

- *O caçador se assusta e a feiticeira protege o pássaro, e quando o caçador vai lutar contra a feiticeira ela dá voltas e cantarola ao redor dele o paralisando.*

FEITICEIRA: Minha pequena e linda passarinha, onde está seu bando?

ANDORINHA: Não podemos nos juntar por causa da praga.

FEITICEIRA: Ooo minha passarinha, nesse momento a praga está tão pequena diante de suas necessidades. Chame reforços, se juntem com cautela, ganhem força contra o mal. Ganhem força passarinha... ganhem força.

(Sai cantarolando e a passarinha sai voando)

- *A princesa preocupada procura por sua passarinha preferida, a Andorinha. Em seguida, a Andorinha aparece.*

PRINCESA: Que alívio te ver por aqui... veja trouxe mantimentos. Como está e como anda o seu bando?

ANDORINHA: Não me sinto tão bem como antes, e tive informações que a maioria do bando já foi atingida pela praga. Se, ao menos, tivéssemos proteção e lugar para nos acolhermos, teríamos chances de resistir.

PRINCESA: Eu tentei falar com meu pai para ajudar, mas falhei e, sinto tanto por isso, agora preciso ir..., mas Andorinha, chame seu bando e se unam, chame reforços, temo pelo que está por vir. Até, minha andorinha.

ANDORINHA: Até logo, minha princesa.

- *A princesa sai e a Andorinha fica voando em cena chamando reforços para combater a praga - entra em cena a MALOCA, se apresenta ao público. (Música da Maloca)*

ANDORINHA: Estou tão feliz que atenderam ao meu pedido.

CACIQUE: Guerreiros, peguem o caçador!

(TODOS SAEM DE CENA, ALGUÉM CARREGA A ANDORINHA)

(Entra em cena o caçador, desesperado e atrás dele a Maloca, o caçador tenta fugir por todos os lados, mas a Maloca não permite, até que a maioria dos índios agarra o caçador e, então entra os MATUTOS, e de mansinho o caçador e a maloca saem de cena.)

MATUTO 1: Maninha, tá acontecendo uma babado fortíssimo, tu acredita que o Índios, que vieram proteger os pássaros descobriram de onde está vindo a praga?

MATUTO 2: Mintiraaaaaaa!

MATUTO 1: Tô te falando...

MATUTO 2: E de onde está vindo?

MATUTO 1: Da realeza?

MATUTO 2: DA REALEEZAAAAAAA

MATUTO 1: SIM, dissssssk...o dinheiro que o rei recebia para investir na proteção aos animais, exclusivamente os pássaros, ele investiu em agrotóxicos e usou grande quantidade na plantação o que prejudicou os pobrezinhos dos passarinhos e os adoeceu....

MATUTO 2: Menina to besta....

MATUTO 1: E ainda tem mais...

MATUTO 2: MAAIIIISSS, conta amadaaaaa.

MATUTO 1: Ocorreu recentemente... o caçador, aquele que é apaixonado pela princesa...

MATUTO 2: Pela princesa!!!

MATUTO 1: ahhhh vem me dizer que tu não sabe!... Pois bem... ele estava caçando, achou a passarinha preferida da princesa, e para pegar ela, acabou atirando e né que ele matou a bichinha.

MATUTO 2: Minina, mas que bafoooooo....

MATUTO 1: A princesa chegou na hora e se jogou em cima da bichinha, aos prantos....

MATUTO 2: COITADAAAA

MATUTO 1: E agora que vem o babado maior.

MATUTO 2: Conta logo, chega de pausas.

MATUTO 1: A rainha gritou com o rei por ele ter dito que o sofrimento da filha era uma bobagem, e ameaçou ele a entregar todas as contas no reino ao imperador

MATUTO 2: Tô passada... (Boquiaberta). Mas e ele, não falou nada?

MATUTO 1: Nadinha, saiu sem dar um pio, mas sabe o que ele fez?

MATUTO 2: QUE?

MATUTO 1: Nadica de nada, estava lá sendo abanado e comendo frutas....

Entra o rei e os matutos ficam em estátuas.

REI: Bando de fofoqueiras (ros), voltem a fazer o que é o dever de vocês.

(Rei Sai)

Música dos matutos

(Saem)

VOLTA A CENA ONDE: a maioria dos índios agarra o caçador.

CACIQUE: Então é você que acha que pode fazer o que bem entende com nosso povo, entrastes em nossa terra e atingiu a nossa fiel passarinha, e achas que vai sair impune? está muito enganado, senhor caçador. O nosso povo merece respeito e que isso fique bem claro. Levaremos vocês para presenciar a força que o nosso povo tem quando se une.

VOLTA A CENA EM QUE ESTÁ O PÁSSARO, A PRINCESA E A RAINHA.

Entra a Maloca com o caçador tendo as mãos amarradas. O cacique pede para o caçador observar o poder do povo unido.

A maloca faz ritual em volta da Andorinha que aos poucos vai ressuscitando. O pássaro ressuscita, todos festejam, e o rei chega.

REI: Mas que baderna é essa?

O POVO SE JUNTA.

CACIQUE: Vossa majestade será castigada por todo mal que tem feito ao nosso povo.

O povo todo dá voltas ao redor do rei, e este sai de cena meio atordoado.

Finaliza o espetáculo com todos celebrando a ressurreição do pássaro e a decadência do rei. O caçador termina dançando amarrado mesmo.

FIM.

Espectáculo Encantarias, 2023.
Foto: Ribeiro.



Espectáculo Mandinga, 2023.
Foto: Ribeiro.



Espectáculo Estranhos Fins, 2023.
Foto: Mosaico.



**Espectáculo Maria vai ao Teatro, 2023.
Foto: Lima.**



**Espectáculo Maria vai ao Teatro, 2023.
Foto: Lima.**



**Espectáculo Maria vai ao Teatro, 2023.
Foto: Lima.**



**Espectáculo Encantarias, 2023. Foto:
Ribeiro.**



Performance A culpa não é sua, 2019.
Foto: Valério.



Espectáculo Encantarias, 2023

Foto: Gomes.



Palhaçaria, 2018. Foto: Maués.



**Espectáculo Senhora dos Afogados,
2022. Foto: Danielle Cascaes.**



**Espectáculo Senhora dos Afogados,
2022. Foto: Rosa.**



SIDIANE

elas
NO COMANDO



UBC



PARA



Festival Elas no Comando, 2023.
Foto: Louezley.



TARSILA ROSA (Belém-PA) é uma trabalhadora militante das artes cênicas e audiovisual, desde 2016. Destacou-se como produtora, idealizadora, dramaturga e encenadora do *Festival Bisar Selvática* (2018) e do *Espetáculo Casangrá* (2022), além de ter contribuído para as produções audiovisuais, *Websérie Pretas* (2016), *Curta Cabana* (2023) e *Enquanto o céu não me espera* (2018), como Diretora de Elenco, Produtora de Elenco e Preparadora de Elenco. Trabalha também como: atriz, cantora, performer, filmagem, edição, fotografia e poesia. E-mail: tarsilamaquiavel@gmail.com

CANSAGRÁ
de
Tarsila Rosa e Sarah Prazeres

sarahdeneve@outlook.com

tarsilamaquiavel@gmail.com

Belém/2022

Casangrá, um drama em II atos

Personagens

Sonia (mulher indígena, cria da família, idade 40 anos para cima, está desde criança na casa).

Tertuliana (mulher negra, empregada doméstica, idade 40 anos para cima, está desde os 14 anos na casa)

Dançarina (três mulheres que irão dançar durante o espetáculo nos momentos de devaneios, sonhos ou realidades)

Danielle (atriz-cantora-dançarina-intérprete em libras. Esta irá atuar, cantar e dançar em libras).

A ação se passa numa cozinha, sendo diversas vezes interrompida por devaneios, surtos, sonhos e realidades. O espetáculo acontece durante uma semana de chuvas intensas. Sem data exata, atemporal. No fim do espetáculo, o sol abre.

ATO I

ENCHENTE

CENA: TRAVESSIA

Blackout.

Um vídeo é projetado numa panada branca. Nele, há relatos de várias mulheres (ribeirinhas, indígenas, etc) contando sobre sua vinda do interior para a capital, o porquê vieram para a capital.

Após o vídeo, entram duas mulheres que dançam com redes de embalar. A coreografia pode ser desenvolvida pelas duas. Dançam, e num determinado momento, as redes são atadas, sobem. E nesse embalo, surge uma dança entre elas e as redes atadas. A dança começa de forma leve e serena, mas acaba de forma tumultuada, caótica. Termina como num sonho.

Neste momento, o som é o som de um barco navegando entre os rios. Som de água, som de gente conversando, som do motor, som das redes.

A luz começa clara, conforme vai avançando a cena vai ganhando uma tonalidade específica. Da esperança em sair de sua cidade e começar uma nova vida, para uma situação degradante. Blackout.

CENA: A FOME

(Sonia está sentada à mesa, cortando temperos com um facão. Tertuliana entra em cena com respiração ofegante, em alerta.)

SONIA: Ele já foi?

TERTULIANA: Foi, mas sabe lá quando volta.

SONIA: Mas de toda forma, pelo menos a gente fica a sós um tempinho...

TERTULIANA: Eu sinto fome!

SONIA: Eu também sinto.

TERTULIANA: Mas não é só de uma fome que eu tô falando.

SONIA: É uma fome que a comida não mata.

TERTULIANA: É mana, mas tem dias que só a vontade de matar alimenta esse vazio que tá aqui dentro.

(As duas dão uma pequena pausa, ficam paradas e se olham nos olhos, em seguida, Sonia retoma a fala.)

SONIA: Tem fome que dói a barriga e tem fome que dói a alma.

TERTULIANA: Tem dias que eu nem sinto mais a diferença entre elas, sabe? Já engano bem as duas.

SONIA: Tu só não pode é se deixar enganar, mulher! Tem gente que morre de fome, mas tem gente que antes de morrer, não perde a oportunidade de matar pela fome.

(As duas param o que estão fazendo, se olham novamente com um olhar sério, desconfiado. Após o estranhamento entre elas, começam intervenções sonoras, sons ruídos, desconexos e agudos. A luz fica vermelha, e em um momento de transe as atrizes começam a rir, depois a dançar enquanto colocam os temperos na panela.)

(Depois da dança das atrizes, entra a Danielle em cena performando em libras. Há uma quebra na cena entre as atrizes. As três recitam os versos abaixo olhando fixamente pro público. Fazem uma performance juntas.)

DANIELLE: *(em libras e voz)* A boca do povo quer comer!

TERTULIANA E SONIA (voz), DANIELLE (libras):

(todas juntas) Mas tem vazio que não preenche!

DANIELLE: *(em libras e voz) A garganta do povo quer espaço.*

TERTULIANA E SONIA (voz), DANIELLE (libras):

(todas juntas) Mas tem vazio que não preenche!

DANIELLE: *(em libras e voz) A barriga do povo quer encher.*

TERTULIANA E SONIA (voz), DANIELLE (libras):

(todas juntas) Mas tem vazio que não preenche!

(Danielle recita mais uma vez os versos apenas em libras, performando com o corpo.)

TERTULIANA E SONIA: *(repetem só a frase final)*

Mas tem vazio que não preenche!

(Tertuliana vai saindo aos poucos de cena. Danielle olhando de frente Sonia.)

DANIELLE (libras): *(para Sonia) A gente se encontra!*

SONIA (VOZ): *(responde falando a mesma frase para Danielle) A gente se encontra!*

(Sonia vai saindo aos poucos. A luz vai diminuindo, Danielle sai de cena.)

(Blackout.)

CENA: Lá fora

(Luzes que lembram fresta de casa de madeira, mexendo como num embalo de rede).

SONIA: Às vezes, eu fico me perguntando como é que tão as coisas lá fora.

TERTULIANA: Tu tens é de aprender a brechar os feixes de luz das janelas nessa casa.

SONIA: Engraçado, às vezes, tenho a impressão de que tu lidas tão bem com essas paredes.

(Silêncio)

TERTULIANA: *(irritada)* É porque durante todos esses anos eu converso muito com elas. Tens algum problema com isso?

SONIA: Rum, já pouco me importa os teus delírios. Mas escuta, tu falas dessa casa com tanta intimidade que...

TERTULIANA: Presta atenção! Tu ainda não percebeu que essa casa é mais nossa do que dele?! A gente mantém essa casa de pé! Sem a gente, essa casa não existiria. E eles ainda tem coragem de negar comida, banho de sol, descanso de dez minutos... Faz 10 anos que não vejo minha família, sabe por

quê? Porque faz 10 anos que não me dão férias remuneradas...

(Silêncio)

TERTULIANA: *(triste)* A gente fica presa nessa cozinha e nesse quarto de empregada 24 horas por dia. Nunca achei que iria repetir o que minha bisavó passou, morar num cativoiro, ser escrava... Com tanta informação é inacreditável que isso aconteça ainda hoje.

SONIA: *(confusa)* Mas, às vezes, sinto falta de um ar fresco.

TERTULIANA: Não sentes nada! Eu aposto que tu já nem lembras mais como é.

(As duas escutam em um rádio a pilha uma notícia sobre a Covid-19. Luz vai se apagando aos poucos. Projeção de vídeo, relato de várias empregadas domésticas falando sobre sua experiência durante a pandemia. Após o vídeo, um som de percussão começa. Entra dançarina, senta no meio da cena, coberta por um tecido transparente, leve. Desenvolve uma performance ou dança com ele. Microfone aberto, todos que tiverem vontade podem ir e dar seu relato sobre a pandemia. Foco de

luz na performance rolando e outro no microfone aberto).

(Blackout)

TERTULIANA: Tá vendo? Fora daqui tem gente morrendo pelo ar.

SONIA: E cadê ele, ele já voltou? A gente tem que ficar de olho!

TERTULIANA: Queria que não voltasse mais. Nem que respirasse desse ar, ou que o vento levasse pra longe.

SONIA: *(ironicamente)* Tem uns fardos tão pesados que vento nenhum carregaria. Não porque não pode, mas porque não quer. Herdeiro de família escravista, vai vendo.

TERTULIANA: Pra que é que a ventania ia querer uma companhia dessas?

(Risos. Silêncio.)

SONIA: Eu sempre espero que ele volte. Espero ansiosa.

TERTULIANA: *(indignada)* Me admiro de ti, depois de tudo de ruim que esse homem já fez pra gente, tu ainda tens cuidado por

ele. Eu espero é pelo dia que ele vai e não volte nunca mais!

SONIA: *(em tom de vingança)* Cuidado nenhum, minha irmã! É que enquanto ele não tá aqui nessa casa, ele volta a qualquer momento. Eu quero mais é que ele fique aqui debaixo desse teto, quero mais é que ele respire o mesmo ar abafado que o meu. Eu posso até olhar pra baixo enquanto ele passa, mas fico de olho é em cada passo que ele dá. Enquanto ele tá aqui dentro, no mesmo lugar que eu, tenho o sentimento de que sou tão gente quanto ele.

CENA: MULHERES ODEIAM MULHERES

(Silêncio. Tom da luz muda.)

SONIA: *(pensativa, agressiva)* Nunca mais fala comigo desse jeito.

TERTULIANA: Desse jeito como?

SONIA: Parecia que queria me colocar pra baixo. Na real, mulheres odeiam mulheres. É nisto que acredito.

TERTULIANA: Eu não falei por mal! Só achei que você estava...

SONIA: Infelizmente, as mulheres foram induzidas a não apoiar outras mulheres. Já os homens, se protegem entre eles e as mulheres protegem seus homens e os filhos. E em todo tempo que trabalhei nesta casa, a patroa nunca me defendeu dos maus tratos do patrão. Por que será? Porque mulheres odeiam mulheres... Eu não quero pensar que você é assim... você está comigo ou não está? Por que me humilhaste na frente do patrão ontem na janta? Falando que eu pronunciava a palavra errada. Todos riram.

(Pega uma faca e coloca na direção do rosto da Tertuliana.)

SONIA: Achas engraçado uma mulher humilhar outra mulher? Hein? A patroa riu e se divertiu com a tua graça!

SONIA: (ressentida) Percebe logo, mana, e rápido, que mulheres brancas militam em prol delas mesmas, humilhando, silenciando e oprimindo, outras mulheres pretas, indígenas. Ela nunca vai te defender quando precisares. Mulheres que veem outras mulheres sofrendo violência e não fazem nada, também são agressoras.

TERTULIANA: Minha irmã tenha calma...

SONIA: Nesse tumulto todo, continuamos a odiar, a odiar uma fala, um corpo, um olhar de mulher, nossas mães e irmãs. Odiamos. E proferimos uma linguagem grosseira para acabar com a fala da outra.

(Apontando a faca para Tertuliana.)

SONIA: Cadê? Tentamos. Cansadamente tentamos acabar com essa merda toda que implantaram como chip em nossos corpos "odiai-vos umas às outras" (ironia) e lá vamos nós. Procuramos qualquer atitude, fala, falha para destruir outras mulheres. Simplesmente, odiamos. Sinceramente, eu estou cansada e agora vou descansar. Quem quiser gritar que grite. Grite sozinha. O grito de ódio só serve para atacar e violentar gratuitamente. Grite, até não aguentar mais a si mesma. Se bem que, às vezes, o grito de ódio é um sinal de pedido de ajuda.

(Tertuliana consegue pegar a faca. Sonia chora.)

TERTULIANA: *(abraçando Sonia)* Calma, minha irmã, não aprendi tudo, não queria magoar você.

SONIA: Merda! A gente está do mesmo lado Tertu. Tu não percebeu?

TERTULIANA: Eu sei, desculpa, desculpa... A gente tá juntas nessa... E, por isso, que eu to aqui.

(Sentadas no chão. Abraçadas. Luz vai apagando aos poucos.)

CENA: CENA REPULSA

TERTULIANA: A gente não é gente como ele. Tu lembra o porquê a gente chegou aqui?

SONIA: Eu tinha só 12 anos quando vim parar aqui.

TERTULIANA: Eu tinha 14!

SONIA: Das vezes que eu limpava a casa quando era criança, ia lá no pátio varrer só pra ver outras meninas da minha idade passando pra ir à escola...

TERTULIANA: Pra minha mãe ele nem precisou prometer escola. Ela já tava tão desesperada sem ter o que comer em casa

que bastava ele prometer um prato de comida, já era o bastante pra gente.

SONIA: Mas ao invés de ir pra escola eu recebia era peia, eram tantas às vezes, que ele me batia quando eu era menor, eu nunca soube o que é afeto.

TERTULIANA: Não duvido nada que ele faça de novo, tinha vezes que ele apagava o cigarro nas minhas costas.

SONIA: Semana passada ele puxou meu cabelo, chega saíram umas mechas.

TERTULIANA: Tem vezes que ele me toca com maldade... ele faz maldade com o nosso corpo. Sempre fez...

SONIA: Não quero mais falar disso!

TERTULIANA: Mas tem que falar pra não esquecer mulher.

SONIA: E como é que se esquece uma vida toda assim?

CENA: O PASSADO

TERTULIANA: É. Eu tenho marcas no corpo e na cabeça que não ficam pra trás.

SONIA: Falando de trás, e lá atrás, como era?

TERTULIANA: Atrás do quê?

SONIA: Antes de vir parar aqui, mulher.
Como era a tua vida?

(Tertuliana dá um sorriso com olhar de devaneios)

SONIA: (sorrindo) Tá rindo de que, mana?

TERTULIANA: (sorrindo) Nada não...

(O clímax da conversa muda. Agora as atrizes estão com um leve sorriso no rosto ao decorrer da conversa, com ar de saudosismo enquanto compartilham suas histórias.)

SONIA: Ah, me conta! Agora eu quero saber!

TERTULIANA: Acho que era 1987, eu tinha..
deixa eu ver, eu tinha uns 13 anos.
Gostava muito de ouvir rádio.

SONIA: Eu também gostava, ouvia música
ruída com chiadinho de rádio no ouvido,
pulava com meus irmãos no colchão da minha
mãe.

TERTULIANA: Era muito legal! Tu lembra
daquela rádio que o nome era Rádio Cidade?

SONIA: Me lembro, sim, mana!

TERTULIANA: Eu adorava aquele programa, o nome era *New Romantic*, passava todo domingo à tarde, aí as pessoas colocavam o número pra gente ligar (risos das duas).

SONIA: E tu já chegou a ligar pra alguém de lá?

TERTULIANA: Liguei, mulher. Na época, tinha telefone público, a gente colocava uma moedinha e falava por um tempão.

SONIA: Será que ainda existe isso?

TERTULIANA: Não sei. Só sei que liguei pra um rapaz, o nome dele era Bruno. Ele tinha telefone na casa dele, era chique. Disse que eu poderia ligar sempre que quisesse.

SONIA: Mas tu ligou mais vezes pra ele?

TERTULIANA: Sempre que eu dava sorte de achar alguma moeda na rua, eu ligava... Era bom. Eu esquecia da fome e da dor. Ele me fazia sentir especial.

SONIA: Queria sentir isso algum dia.

TERTULIANA: E eu quero voltar a sentir isso um dia.

(A luz da cena vai diminuindo, entrando em um estado de catarse, mudando de cor para

Púrpura. As atrizes Tertuliana e Sonia continuam sentadas em cena.)

CENA: MINHA HISTÓRIA

Um foco de luz. Três cadeiras no centro ou três bancos. Um mosquiteiro pendurado. Todas as participantes interagem com os bancos, mosquiteiro e com as outras. Cada uma conta uma história que a represente. A percussão acompanha e muda de intensidade de acordo com os relatos. Blackout.

ATO II VAZANTE

CENA: AIS

Danielle em cena. Com escrito autoral, interpreta, fala em libras e encontra uma dança enquanto se expressa. Logo após, inicia um canto.

Blackout.

CENA: ELE VOLTOU

Escuta-se um som de chave e porta se abrindo. As dançarinas entram em cena andando apressadamente e performando, enquanto andam, com um corpo não cotidiano, falando a frase "Ele voltou" em várias nuances de sentimentos diferentes. Danielle fala verbalmente e em libras com

o corpo no centro do palco enquanto todas continuam andando.

Um blackout de luz acontece. As dançarinas saem de cena.

CENA: O ESTRONDO

Ainda em blackout, Sonia e Tertuliana estão na cozinha batendo uma carne, simbolizando o corpo do patrão. A luz vai crescendo conforme elas batem na carne com força. Em seguida, já com a claridade da luz, as atrizes moem, trituram o corpo do patrão em um moedor de carne. Elas misturam os temperos e massa de kibe e finalizam a receita.

CENA: DO AMOR

Dançarinas entram, colocam um banco no centro. Contam uma história para o público. Brincam com o banco. Sobem nele, descem, levantam com as mãos, etc. Contam histórias de amor. Fumaça. Luzes de sonhos. Transição? Devaneio? Não sabemos. Cena é cortada pelo barulho de uma faca enfiada na carne. A Luz vai se apagando aos poucos.

CENA: O CORPO DO PATRÃO

(Sonia e Tertuliana pegam uma bandeja de kibes, cada uma, e se direcionam ao público. Servindo e falando o texto. Interagem com o público. Há uma percussão que acompanha esse momento. Um samba animado.)

SONIA: Aqui? Tem o corpo do patrão.

TERTULIANA: O corpo de quem deixou esse povo com fome. O corpo daquele que atirando pra cima, me expulsou de sua "propriedade". E na cidade dizia: "eu libertei eles! eu libertei eles!"

SONIA: Me tiraram tudo. Me arrancaram da minha morada. Estupraram meus parentes. Esse é o corpo do patrão! Que te deixou com fome, na miséria.

TERTULIANA: Tens pena de quem tanto te humilhou?

SONIA: O Senhorzinho tirou minha vacina, matou minha família, incendiou a minha mata. O Senhorzinho levou a sua igreja e incendiou nossa casa de reza.

TERTULIANA: O Senhorzinho, assim como muitos outros, riu de quem não conseguia respirar.

(As atuantes sentem falta de ar, seu corpo vai perdendo as forças, até chegar ao chão.)

(A luz vermelha toma conta da cena. Blackout. Nasce uma luz vermelha no coração das atuantes.)

Sonia e Tertuliana se levantam aos poucos, andam em direção à mesa, pegam uma faca. Sobem nos bancos ou mesa. Com as facas em forma de ameaça.)

SONIA: Pois, eu não volto pra
cozinha!

TERTULIANA: Nem eu pra esse
quarto de empregada.

SONIA e TERTULIANA: O choro é
livre e nós também!

(Uma das duas atrizes enfia a faca na carne que se encontra em cima da mesa.)

(Blackout.)

CENA: LIMPANDO

Som da vassoura limpando. Entra dançarina, liga um rádio. Primeira estação, um áudio sobre o Caso Marielma. Segunda estação, sobre o Caso Miguel. Terceira estação, um bolero. Dançarina vai varrendo, cantando, recolhendo lixo. Até que olha para frente, fica hipnotizada. A música muda para um samba que começa bem lento e sombrio. Ela esquece a vassoura e começa a mudar de roupa, para uma roupa de samba. Uma luz meio escura, para um foco depois. Dança um samba obscuro. Percussão acompanha. Blackout.

**Espetáculo Chão de Águas, 2015.
Foto: Rogério Folha.**



Espectáculo Chão de Águas, 2017.
Foto: Rogério Folha.



Auto do Círio, 2023. Arquivo Pessoal.

Performance "Não cabe mais gente com In-próprio coletivo", 2017. Foto: Otávio Henriques.



Performance Dabaguda, 2019. Foto:
Nelson Carvalho.



Espetáculo O homem e o cavalo, 2018.
Foto: Matheus Clima.



**Palhaça Enxadao, Cabaré Solas
Palhaças, 2017. Foto: Danielle
Cascaes.**



**Espectáculo Animalismo, 2016. Foto:
Cristiano Cantão.**

ESPETÁCULO

Casagrá



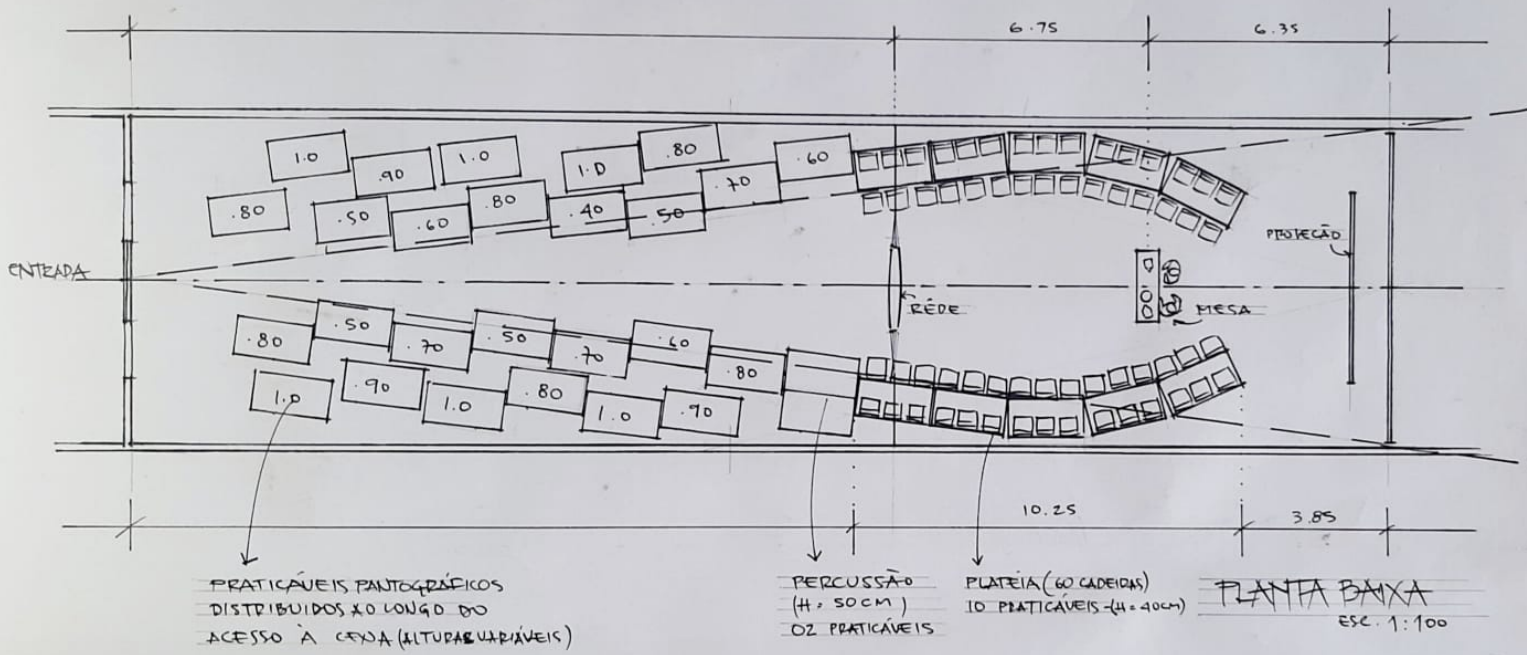
DIREÇÃO E ENCENAÇÃO
TARSILA ROSA

TEATRO UNIVERSITÁRIO CLÁUDIO BARRADAS
08 DE NOVEMBRO - 20H



INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA
ARTE UFPA





CASAGRÁ • TEATRO CLAUDIO BARRODAS • PROJETO CÊNICO

Nelson Conalho NOV 2022

Foto Casagrà: Klewerson Lima.
2022.



Foto de Divulgação do Espetáculo
Casangrá: Tarsila Rosa. 2022.



Foto de Divulgação do Espetáculo
Casangrá: Tarsila Rosa. 2022.



Foto de Divulgação do Espetáculo
Casangrá: Tarsila Rosa. 2022.



Foto de Divulgação do Espetáculo
Casangrá: Tarsila Rosa. 2022.



Foto Casangrá: Klewerson Lima.
2022.



Foto Casangrá: Klewerson Lima.
2022.





NEIRE LOPES. Mãe do Dyego, Allain e Bryan. A Senhora do tempo. Nasceu em Santarém- A Pérola do Tapajós, no oeste do Pará. Artista, Professora-pesquisadora em arte/Teatro e Performer. Licenciada em Teatro pela Universidade Federal do Pará (2019). Audiodescritora. Guardiã do Grupo de Pássaro Japiim (2017 @meupassarojapiim). Diretora do Espaço Morad'arte. Figurinista. Dramaturga. Técnica em Artes Dramáticas/ com habilitação em Produção Cultural e Design pela Escola Estadual de Educação Tecnológica do Pará Prof. Anísio Teixeira (2013). Técnica em Comércio pela Escola Estadual Educação Tecnológica do Pará Prof. Anísio Teixeira (2012). Ama o Teatro, a arte e todas as suas possibilidades.

E-mail: neirelopes19@gmail.com

Ruídos do Tempo

A cena inicia com uma senhora e uma criança que conversam caminhando, trazendo nas mãos uma sombrinha, atravessam a sala como se estivessem chegando de algum lugar. Seguem, até a senhora ser deixada sentada na cadeira.

A sala tem uma decoração que contém alguns objetos e móveis antigos (sugestão: baú, castiçais, álbuns, porta-retratos, vasos com flores e objetos, bibelôs, telefone).

Sobre uma mesa, um telefone convencional, um celular e um computador. Ao lado da mesa, uma cadeira de balanço. Mais adiante, uma máquina de costura com retalhos espalhados pelo chão. Na máquina, uma peça de vários retalhos costurados, formando uma peça grande e colorida.

O figurino da senhora é uma roupa leve, podendo ser vestido e sapatilha. Usa um leque. A menina, um vestido colorido com folhas, chapéu e sandália.

Menina: Esse sol é forte!

Senhora: É bom, aquece.

Menina: Queima e seca também.

Senhora: Queima e seca, se você deixar.

Menina: Verdade, tem água é só colocar.

Senhora: É, água pra lavar e molhar.

Menina: E se a água acabar?

Senhora: Oh, meu Deus! Criança, água e sol não podem acabar!

Menina: Nem flores!

(Senhora e menina riem)

Senhora: É... nem flores... mas pode murchar.

Menina: Murchar?

Senhora: Sim, murchar!

Menina: Murchar é... morrer?

Senhora: Não! Murchar é... perder a força... o brilho.

Menina: Hum... pessoas murcham?

Senhora: Pessoas?... (breve silêncio) Murcham...

Menina: Você murchou? (Olhando para a senhora)

Senhora: Acho...Acho que estou murchando...

(A menina acomoda a senhora na cadeira)

Menina: Você quer água?

Senhora: Sim, por favor.

A menina se dirige à mesa, pega uma jarra com água e copos que estão dispostos em uma bandeja. Serve a água e entrega o copo à senhora, coloca em outro copo para si. As duas erguem os copos e brindam, tomam a água e sorriem.

Menina: água pra lavar, molhar eee re-fres-car!! Rsrtrs

Senhora: refrescar, sim. (sorrindo)

A menina pega os copos e devolve para a bandeja. Vai até a senhora, beija-lhe a testa e se despede.

Menina: Tchau vizinha, quando precisar já sabe, coloque o lenço verde na janela, se eu não aparecer logo é porque não tô em casa.

A senhora acompanha com o olhar a saída da menina, sorrindo carinhosamente.

A senhora se embala na cadeira e começa a solfejar.

-Hum... Hum. hum... hum....

Interrompe o solfejo e pega o celular sobre a mesa, mexe um pouco no celular e deixa sobre a mesa (com um ar de desânimo)

Volta a solfejar

Hum...hum...hum... hum... (seguindo o ritmo do embalo da cadeira)

Pega o computador mexe um pouco e desiste (desanimada)

Volta a solfejar, mais baixo que a última vez, piscando, piscando pesadamente, até adormecer na cadeira.

Concomitante, ao adormecer, um som de vozes de crianças, brincando, gritando e brigando, torna-se crescente até despertá-la (o som encerra no despertar da senhora). Ela se assusta e olha

para um lado e outro, procurando de onde vem os ruídos. Sem nada encontrar.

Ela sacode a cabeça negativamente, sorri e gargalha alto. (como se fosse de si mesma)

-Adormeci e sonhei. Viajei no tempo e na saudade. Um parecer sinônimo do outro. (risos). Sim, porque silêncio aqui era um sonho. Em uma casa cheia de crianças, ter silêncio é um sonho. (risos)
Sonhos, sonhos, é bom sonhar!

-Queria não acordar (Em um tom saudoso tristonho)

Pega o espelho de cima da mesa e começa a se observar.

Com o espelho, a frente do rosto, começa a girar a cabeça de um lado para o outro observando o pescoço no espelho, leva a mão até o pescoço, sentindo as rugas.

Em seguida, observa as mãos, abre, fecha. Na sequência, toca os olhos, puxando como se estivesse esticando, toca na boca, e faz uma tentativa de esticar a pele da bochecha.... Fixa por um instante o olhar no espelho.

Deixa o espelho sobre a mesa pensativa.

-Ah, o tempo deixa marcas no corpo e na alma. As rugas são os escritos do corpo, as memórias, os escritos da alma. Isso é garantido! Rugas e memórias. Feliz de quem as tem. Nem sempre bonitas, nem sempre felizes. Mas com certeza nossas fiéis companhias. Nos alimentam...ou não...

- Hum.. hum.. hum.. hum(solfejando)

Pega a moldura (vazada) e coloca emoldurando o rosto. Uma marcha nupcial faz a sonora neste momento, sem interferir, a voz masculina que simultaneamente soa-lhe ao ouvido.

Voz de homem: - Serás minha eterna rainha!

Ela tira a moldura do rosto lentamente (a música vai baixando e encerra junto com a ação) e a coloca de volta na mesa sacudindo a cabeça negativamente. Ao deixar a moldura, sua mão toca no vaso e a flor cai. A senhora baixa e junta a flor.

Uma voz de criança lhe ecoa.

-Mãe, uma flor pra você. Te amo, nunca vou te deixar, mãezinha!

(Ela acaricia o próprio rosto com a flor e devolve à mesa).

A senhora dá sequência ao seu solfejar.

-Hum...hum...hum...hum...

(Toca o telefone, ela para de solfejar e atende.)

- Alô, alô,...alô?

- Mãe, tudo bem...? (voz apressada)

- Oi filho...Eu... (sendo interrompida)

- Aí que bom, tô ligando pra saber como você está. (voz apressada)

- Ah, filho eu precisava...(interrompida)

- Mamãe, tô com um pouco de pressa, depois passo aí com você, beijos (voz bem apressada, desliga o telefone).

- Tchau...(com o telefone fora do ouvido) beijos (dá um suspiro e murmura). Muito ocupado, tadinho.

A senhora pega uma agenda e folheia, olhando para a agenda, digita no celular.

O telefone chama, e dá sinal de ocupado, ela faz umas três tentativas e desiste.

Volta a folhear a agenda e digita no celular.

O telefone chama (som de chamada de telefone, a música, "Abençoa senhor as famílias, Amém")

O telefone continua chamando, até cair a ligação.

-Senhora: Esses serviços de telefonia são tão ruins, a gente tem que tentar um monte de vezes pra conseguir uma ligação e esses aparelhos também cada vez piores....

(A senhora, então, repete a ligação e dessa vez é atendida).

-Senhora: Filha, preciso ir ao banco amanhã para fazer a retirada e uns pagamentos, você pode me acompanhar?

-Filha: Mãe, já lhe falei, não precisa a senhora sair, me dê sua senha e eu faço tudo.

-Senhora: Mas eu quero ir, se puder me acompanhar, eu agradeço. Gosto de resolver as minhas coisas, minha filha.

-Filha: Olha mãe, na verdade a senhora tem que passar logo uma procuração e pronto, assim não fica incomodando ninguém. (Aborrecida)

-Senhora: Mas só quero companhia, eu posso fazer tudo isso.

-Filha: Ah, mamãe, por favor, a senhora passa um ano pra fazer as coisas. Atrasa a gente em tudo (Aborrecida).

-Senhora: É verdade, com o tempo ficamos mais lentos, mas eu só preciso de companhia.

-Filha: Tá bom mãe, depois passo aí com você, mas não vai dar pra lhe acompanhar, amanhã de manhã tenho pilates e, à tarde, tenho manicure marcada, tchau! (voz aborrecida, desliga)

A senhora fica olhando o celular.

- É assim, o tempo sempre é escasso para mim. É tão trabalhoso me acompanhar? Dizem que isso é cuidado, será cuidado ou apagamento?

- Depois! Depois... Depois... Depois... Quando será o depois? Quando acontece o depois? O tempo do depois. O depois que depois terá outro depois, pois, de depois, só depois, para ficar

depois. E depois e depois e depois.... sempre um depois, depois do depois. Depois!

Levanta, arruma e espana um a um os porta-retratos, que estão sobre uma prateleira como se estivesse acariciando, beija carinhosamente cada um. Respira fundo, se dirige até a máquina de costura, recorta mais um pedaço de tecido e começa a costurar como em um ritual.

-Missão cumprida! É isso, missão cumprida? Será que é por isso que algumas mães, mulheres, não cumprem a missão? Para não terem o prêmio da solidão? Para não ficarem asiladas no seu lar em meios às lembranças e promessas nunca cumpridas. Para quem cumpriu a missão? Que Missão é essa?

Começa a cantar:

Ela se chama flor mamãe que só nasce no jardim do coração,
enfeita nossos sonhos, perfuma nossa ilusão...
E quem perfuma as minhas ilusões?

Suspira fundo.

Apara os fios do tecido, solfejando.

-Hum...hum... hum... suspira.

- Minhas memórias, eu e minhas memórias!

É o que tenho. Feliz de quem as tem.

Tenho em minha memória.

Os gritos, os choros, os cheiros, os risos, os sons, as cores, as flores, os sabores e dissabores....

Tenho em minha memória os embalos e afagos que ofertei....

Tenho em minha memória o nascer do sol

e o brilho das estrelas das noites em vigílias maternas.

Tenho em minha memória o tic-tac do relógio... a espera....

Tenho em minha memória...

Minha memória, meu conforto na solidão da distância de quem amo.

Vivo só, sozinha vivo, não porque gosto.

Aprendi a viver no distanciamento e no isolamento há muito deixada.

Aprendi, com quem amo, no dia em que me deixou com minhas memórias.

Aprendi a lidar com o distanciamento e a solidão.

Não me assusta estar só.

Aprendi a ser só.

Você aprenderá!

Ela volta pra cadeira de balanço, abre o tecido que costurava, sacode, admira e começa a dobrar, coloca o tecido sobre o peito e volta a solfejar, vai baixando a voz até adormecer.

A luz vai diminuindo até ficar na penumbra.

Neire Lopes
agosto 2021.

PARABÉNS!

Release

Uma festa surpresa de aniversário, pode ser ou não uma boa ideia, dependendo do estado de espírito do aniversariante, e principalmente depois de uma notícia de demissão.

Cenário de aniversário de 60 anos.

PRÓLOGO:

(MÚSICA 01- FLOR MINHA FLOR) *Flor vem cá... o anel que tu me deste....* A música acompanha a brincadeira com a plateia. "Pegue seu anelzinho, não diga nada a ninguém", deixam nas mãos do público mensagens sobre o envelhecimento.

Observação: a música segue até todos os atores que entregam as mensagens, estarem de volta no palco. Em seguida, entra na plateia, os outros convidados e sobem para o palco junto com os amigos que já estão no lá preparando a festa surpresa.

Em seguida, um homem surge caminhando entre a plateia e fala alto e aborrecido ao telefone, reclamando da demissão, a qual foi comunicado.

Segue para coxia, para adentrar ao palco/ casa, que é o cenário de aniversário surpresa com os amigos, que farão a festa).

Ao entrar, todos gritam: SURPRESAAAA.

(MÚSICA 02- PARABÉNS PRA VOCÊ, da XuXa) "Hoje vai ter uma festa, tome guaraná, muitos doces pra você". Todos cantam e dançam, celebrando o aniversário do amigo.

Ele, com cara de pouca ou nenhuma felicidade, mas, gentilmente, aceita os parabéns. Começa os gritos.

- Discurso, discurso!

O aniversariante, com cara de desânimo, dá uma fala breve de agradecimento.

- Bom, obrigado a todos, são sessenta anos né, é isso. (Os convidados se entreolham surpresos com o desânimo, se cutucam, reagem murmurando entre si).

Pela plateia, surge uma convidada, arrastando uma perna e gritando.

- Hei! espera por mim.... quase não consigo chegar, uma dor nessa perna.

Alguém grita.

- É a idade.

Ela responde:

-Idade nada, essa outra tem a mesma idade e não dói.

Todos riem.

Alguém grita.

- Chegou a hora de apagar a velinha.

Algum convidado responde:

- Cuidado, Vovó.

O aniversariante apaga a vela. E as pessoas começam a cumprimentá-lo, parabenizando e entregando presentes. Ele permanece apático, com um sorriso de canto de boca. Segue a mise-en-scène do aniversário.

Toca uma música do passado (**Música 03- SORRIA MEU BEM.**)

Alguns começam a dançar, diálogos são ditos entre os convidados, criança roubando bombons, uma furando o bolo, pessoas chamam a atenção das crianças.

Uma das convidadas, dona **Boneca**, vem e reclama da música em voz alta.

Boneca- Hei, pode parar com essa choradeira, é aniversário ou velório? Bota uma música mais arretada que eu quero dançar.

(Ela é atendida. Toca um Hip-Hop (**Música 04- KISS KISS**). Ela convida a todos a acompanhá-la, as pessoas ficam boquiabertas).

Ao terminar, ela diz:

Boneca- A vida é movimento, uhhuuu!! (todos aplaudem)

Alguém grita:

- Não se faz mais vovózinhas como antigamente!

Uma convidada, Dalcy, se aproxima do aniversariante. Entrega o presente e fala:

Dalcy- Amigo, Parabéns! Preparado pra essa nova fase? Olha aí, vou dar um tutorial do que tu não deve permitir; negócio de chamar

de melhor idade, enganação, né? Não é a melhor idade nem aqui nem na China, não deixe se meterem na forma que você deve se vestir. Negócio de chamar de idoso, saco também, parece que tá dizendo que a gente já era, que somos idosos. Somos velhos e acabou, a gente tá nessa fase e é mais uma fase da vida.

Outro convidado entra na conversa.

Sueli- É isso mesmo, tem também um negócio de dizerem que a gente começa a repetir tudo, que fala a mesma coisa várias vezes, Ah! Falo quantas vezes quiser, kkk. Se não quiser ouvir, sai de perto, ora, kkkkkk.

Outro convidado continua...

Genildes- Né isso, às vezes, já nos tratam como se fôssemos invisíveis, a gente tá falando e nem dão bola, por isso, repito mesmo.

Uma outra convidada entra na conversa.

Dinorah- Alguém pode me emprestar um celular? Preciso ligar pra minha filha, esqueci o meu em casa. (alguém empresta e a pessoa faz a ligação)

Alguém atende. (Sonora da voz da filha)

- Alô!

- Filha, sou eu, esqueci o telefone, tô ligando do celular de uma amiga.

- Esqueceu onde, Mãe?

- Acho que deixei junto com o meu óculos aí na mesa do centro, guarda aí antes que as pestinhas do teus filhos quebrem.

- Mãe, são seus netos, isso são modos de falar?

- São as minhas pestinhas prediletas, kkkkk.

- Que horas a senhora chega, Mãe?

- Ixi, não te preocupa, logo cedo eu chego. Tchau.

- Tá bom mãe, beijo. Cuidado.

(Desliga o telefone e devolve ao dono, todos estão olhando para ela).

- Que foi gente? Tô tão linda assim, pra vocês ficarem me olhando?
- (Prosa)

(O telefone começa a tocar dentro da bolsa dela (**SONOPLASTIA MÚSICA/ÁUDIO 06-TOQUE DE CELULAR**), todos olham e caem na gargalhada, ela resmunga).

- Meu Deus, não sei onde estava com a cabeça (levando a mão na cabeça e tocando no óculos, que prende o cabelo como tiara.) Sem perder a pose retruca.
- Hei, fiz uma confusãozinha, só isso, quem não faz, né? Vamos é dançar!

Toca a (**MÚSICA 07- BROTO LEGAL**)

Todos iniciam uma coreografia e acompanham ou tentam, param e começam a rir, conversando uns com os outros.

Os convidados aos poucos começam a se despedir do aniversariante e vão saindo pela coxia. Ficando só, Vitoria e Kesia, duas adolescentes que colocam (**MÚSICA 8- CRAZY IN LOVE**) e dançam loucamente. O aniversariante chateado, as expulsa da festa.

Sozinho, pega o balão de 60 anos e reflete sobre a sua situação, falando sozinho das Mazelas da velhice e dá a deixa “O QUE VOU FAZER COM TANTO TEMPO”?

Alternadamente, os convidados que estão na coxia, soltam frases que ecoam como incentivo.

- Brincar com netos.
- Cuidar da saúde.
- Viajar.

- Visitar os amigos.
- Fazer teatro!

O aniversariante fala.

- Não é tão fácil! e baixa a cabeça.

Surge da plateia o Palhaço Juvêncio com uma ampulheta na mão e em câmera lenta sob a música da chegada (**Música 10 - Música de chegada, toca até o palhaço entregar a ampulheta na mão do aniversariante**) e entrega para o aniversariante que recebe hesitando.

Juvêncio dá-lhe uma chapuletada (o aniversariante faz gesto de revidar, mas se contém).

Juvêncio diz:

- Ora, deixe de tolice, você tem a maior preciosidade, o tempo. Por que reclamar? (dá o texto de Nelson Freitas - o tempo - como uma sacudida para a vida.)

Imagine que você tem uma conta corrente e a cada manhã você acorda com um saldo de R\$ 86.400,00. Só que não é permitido transferir o saldo do dia para o dia seguinte. Todas as noites, seu saldo é zerado, mesmo que você não tenha conseguido gastá-lo durante o dia. O que você faz? Você irá gastar cada centavo, é claro! Todos nós somos clientes desse banco de que estamos falando.

Chama-se TEMPO.

Todas as manhãs, são creditados, para cada um, 86.400 segundos. Todas às noites, o saldo é debitado como perda.

Não é permitido acumular esse saldo para o dia seguinte.

Todas as manhãs, sua conta é inicializada e, todas às noites, as sobras do dia evaporam-se.

Não há volta. Você precisa gastar, vivendo no presente o seu depósito diário.

Invista, então, no que for melhor: na saúde, na felicidade e no sucesso! O relógio está correndo.

Faça o melhor para o seu dia-a-dia.

Para você perceber o valor de UM ANO, pergunte a um estudante que repetiu de ano.

Para você perceber o valor de UM MÊS, pergunte para uma mãe que teve o seu bebê prematuramente.

Para você perceber o valor de UMA SEMANA, pergunte a um editor de um jornal semanal.

Para você perceber o valor de UMA HORA, pergunte aos enamorados que estão esperando para se encontrar.

Para você perceber o valor de UM MINUTO, pergunte a uma pessoa que perdeu um avião.

Para você perceber o valor de UM SEGUNDO, pergunte a uma pessoa que conseguiu evitar um acidente.

Para você perceber o valor de UM MILÉSIMO de SEGUNDO, pergunte a alguém que venceu a medalha de prata em uma Olimpíada.

Valorize cada momento que você tem! E valorize mais porque você deve dividir com alguém especial, especial suficiente para gastar o seu tempo junto com você.

Acompanhe todas as oportunidades e faça cada segundo valer a pena!

Lembre-se de que o tempo não espera por ninguém.

Ontem é história.

O amanhã é um mistério.

O hoje é uma dádiva; por isso, é chamado de PRESENTE!

Faça cada segundo do seu dia, valer a pena!

(Obs.: Ao primeiro acorde do violão, os convidados voltam para o palco, meio curiosos espiando a cena)

O aniversariante então se anima e refaz as falas negativas.

É verdade, Juvêncio, nos acostumamos com uma rotina e acabamos por esquecer que temos outras fases da vida e que podemos aproveitá-las, basta que estejamos abertos a novas possibilidades que a vida oferece. Muito obrigado, Juvêncio, vamos viver a vida, **Viva a Vida!**

Todos Gritam: **VIVA! VIVA! VIVA!**

Inicia a (Música 11 ENVELHECER, de Arnaldo Antunes) e todos dançam o rock. Celebrando a vida.

Termina a música, todos ao centro de mãos dadas, cumprimentam o público.

FIM!

Fotolivro **Corpos Hipersensíveis**, 2023.
Foto: Ana Luiza Firmeza.



Fotolivro **Corpos Hipersensíveis**, 2023.
Foto: Ana Luiza Firmeza.



**Fotolivro Corpos Hipersensíveis, 2023.
Foto: Ana Luiza Firmeza.**



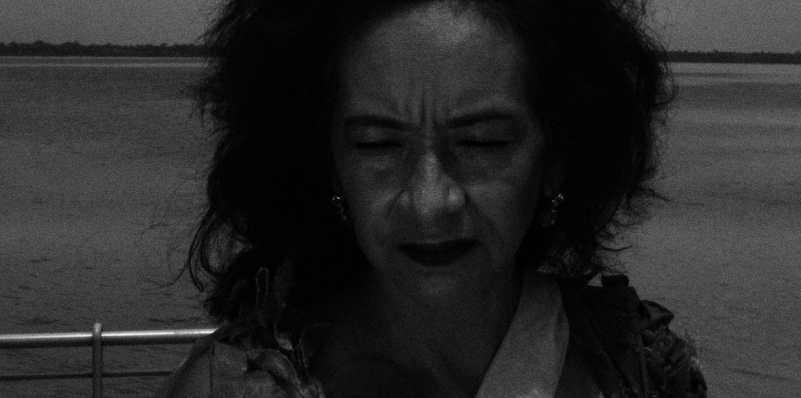
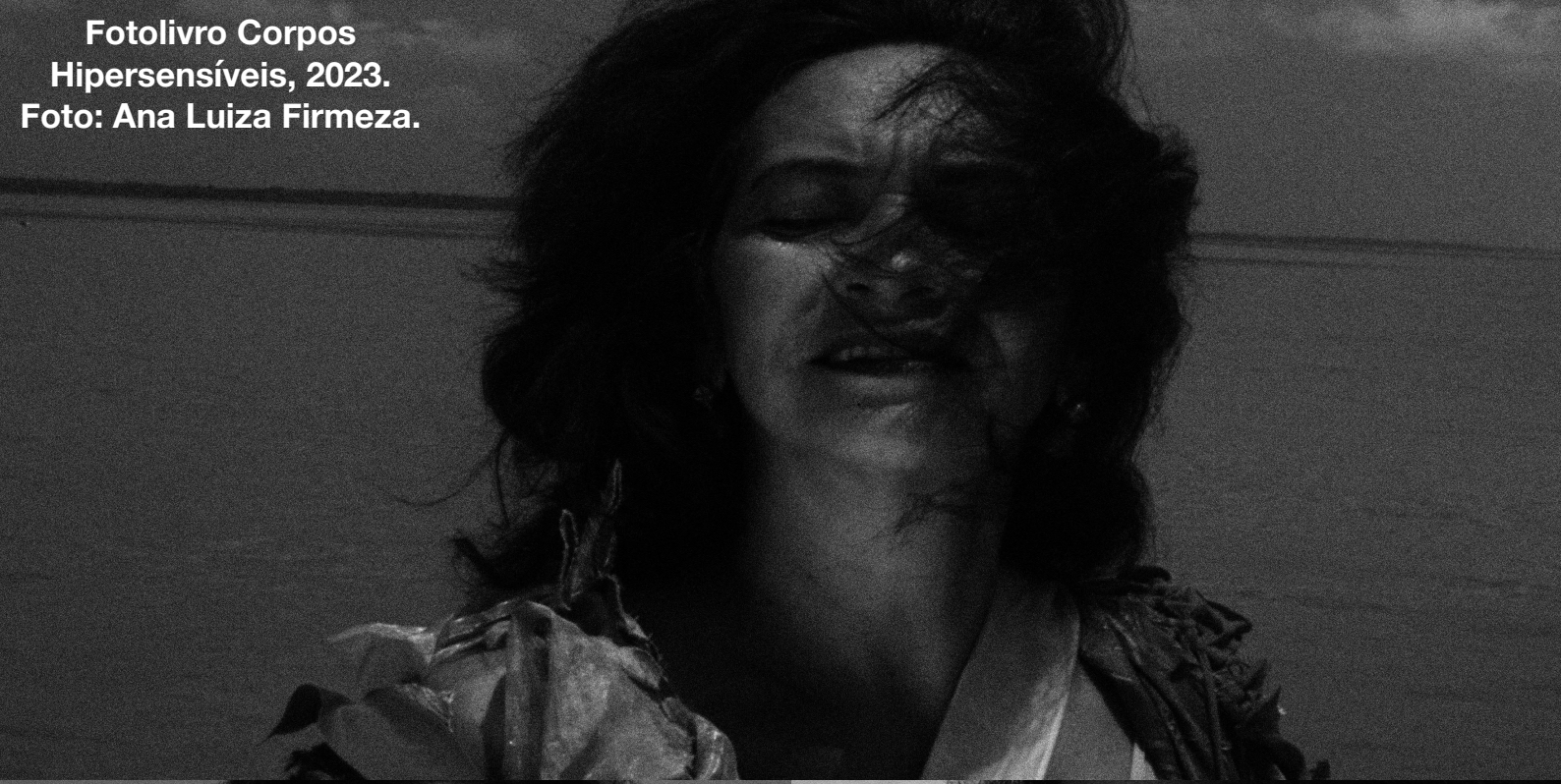
**Fotolivro Corpos
Hipersensíveis, 2023. Foto:
Ana Luiza Firmeza.**



**Fotolivro Corpos
Hipersensíveis, 2023. Foto:
Ana Luiza Firmeza.**



**Fotolivro Corpos
Hipersensíveis, 2023.
Foto: Ana Luiza Firmeza.**



**Fotolivro Corpos
Hipersensíveis,
2023. Foto: Ana
Luiza Firmeza.**



**Fotolivro Corpos
Hipersensíveis, 2023.
Foto: Ana Luiza Firmeza.**





Espetáculo Síndrome de Clown, 2013. Foto: Isa Brito.



Espetáculo Paixão de Cristo, Vila dos Cabanos, 2014. Foto: Samara Trindade.

Espectáculo Paixão de Cristo, Vila dos Cabanos, 2015. Foto: Samara Trindade.



Espectáculo Belém dos Quatro Santos, 2017. Foto: Iara Correia.



Olá, chamo-me **ANA LUIZA ARAGÃO**. Nasci e cresci na cidade de Belém do Pará, região norte do Brasil. Sou mãe da Aurora. Me formei em Licenciatura em Teatro, em 2019, pela Universidade Federal do Pará. Durante a Graduação, fui bolsista (PROINT), em 2016, pelo projeto Tribuna do Cretino, dedicado à produção textual crítica sobre espetáculos teatrais realizados na cidade de Belém, o que possibilitou um olhar mais amplo sobre o trabalho e a produção artística desenvolvida na cidade. Em 2017-2018, novamente bolsista (PIBIC), através do projeto de pesquisa desenvolvido pelo GITA - Grupo de Investigação do Treinamento Psicofísico do Atuante, pude dedicar a minha atenção ao Dramaturgas do Norte, Atrizes que Escrevem

trabalho do ator/atriz, desenvolvendo pequenos experimentos cênicos com textos clássicos e autorais, na ocasião trabalhando literalmente a dilatação do meu corpo-casa, meu úter(o)ca que abrigava um outro ser. Me tornei mãe. Atualmente vivo e trabalho numa aldeia próxima a cidade de Braga, região Norte de Portugal. E-mail: contacto.aragaoanaluiza@gmail.com

Memória de uma mulher cansada

Por algum tempo, nem eu mesma acreditava que estava de fato me despendido de todas aquelas pessoas, meus pais, minhas irmãs, meus sobrinhos, alguns parentes e amigos. Entraria numa viagem sem data marcada de regresso. Quando fechos os olhos, posso ver a imagem deles já distantes acenando adeus, vi meu pai chorar tanto ao me abraçar, minha mãe... desculpas. Eu carregava minha filha em meu colo, nós duas éramos uma só, carregava também nossas bolsas, carregava o medo, a insegurança, a dor de partir. O avião decolou, não havia hipóteses, eu chorei por horas de voo. Agora os passos seriam sempre em frente.

Enquanto a música toca, a mulher dança freneticamente ao redor de uma mesa no centro de uma sala com fones de ouvidos. AA UU (Titãs).

CENA 1

Rosa, Carmo

Carmo: Juro, que se encontrasse com Deus agora lhe dava umas no meio da fuça, como pode levar assim a Joana? Eu não me conformo em

ver uma mãe sem seu filho e ainda um filho sem a mãe. Eu vi tudo diante dos meus olhos, toda a batalha que ela enfrentou para estar em paz com o filho, eu vi o que ela passou na mão daquele desgraçado, drogado... Filho da puta!

Rosa: Tem calma! Para de falar asneiras, quem vai cuidar dela e do menino agora é Deus, só ó divino para acalmar nossas almas e receber a Joana em paz.

Carmo: E quem vai cuidar do menino, me diz? Quem? Era ela para tudo naquela casa, ela era filha única daquela mãe, e o único filho que ela pariu vai ficar com quem agora? Aquele merda, nunca ligou para o menino! Perseguiu tanto a pobre da Joana e agora que as coisas estavam bem, agora que ele conseguiu um bom trabalho, o apartamento de volta, a vida vem e faz isso? Deus permite isso? Eu não me conformo em perder a Joana, eu não me conformo perder uma amiga tão querida, eu não me conformo em ver uma criança ficar sem a mãe assim de maneira tão repentina.

Rosa: O que vai ser do menino, quem vai cuidar dele e da mãe dela eu não sei, mas precisamos ir, temos que ir trabalhar. Olha pra mim, Carmo, seca as lágrimas, passa água na cara que eu vou comunicar o chefe e pedir para saírmos mais cedo. Precisamos ir ao velório e falar com a mãe da Joana e ver o menino.

Carmo: falar o quê para uma mãe que acabou de perder uma filha? Falar o quê pra uma criança que acabou de perder para sempre a sua mãe? Que Deus levou para junto dele, para ela virar uma estrela e lá de cima iluminar a vida dos dois? É isso, que eu vou dizer? Meu coração está destruído. Saber que aquele desgraçado, está vivo, fodendo com Deus e o mundo e a Joana está morta!

Rosa: Carmo, já chega! Para de falar asneira que a minha dor também é grande. Não fala de Deus desse jeito, no final, é Deus que nos ajuda.

Cena 2

Mulher um, Mulher dois

Mulher um: Eu preciso falar contigo, vai te fardar e logo falamos.

Mulher dois: pode falar agora, vamos sentar um pouco. Tás com uma carinha de muito cansada!

Mulher um: É exatamente sobre isso, eu tô cansada! Eu tô muito cansada, preciso resolver a minha vida, não aguento mais conviver com ele. É difícil até de falar, eu sinto raiva, muita raiva de estar nesta situação, eu sinto medo, impotência, culpa e vergonha, muita vergonha, como eu fui parar numa situação como esta? Pra quem pedir ajuda? E o medo do julgamento? Eu sei que eu tenho que ter calma, agir de maneira racional, inteligente estrategicamente, para proteger a mim e à minha filha, mas isso tudo cansa, eu não vou adoecer, eu não quero!

Mulher dois: Calma, quer um cigarro?

Mulher um (secando as lágrimas): Não, obrigada.

Mulher dois: Tu não tens que sentir vergonha, eu te entendo, porque já passei por isso, é difícil, mas precisas ter calma, eles nos adoecem de tantas formas, consomem as nossas vidas e parece que é normal, mas não pode ser assim pra sempre e não vai ser, tu vais conseguir! Os preços das casas só aumentam, os alimentos também, eu não sei onde vamos parar.... Eu sei que tu estás sozinha, mas não podes deixar ir à baixo assim. Tenho certeza que daqui a alguns meses tu já tens um trabalho efetivo e vais ver como as coisas vão melhorar, tu vais conseguir

um bom lugar para morar e vai ter teu carro.... Vamos nos ajudar em relação ao horário de trabalho, vai ficar tudo bem. As mulheres se abraçam.

Terceira e última semana do estágio no S.U.M.C.

Sinto-me doente, minha cabeça dói, minha garganta dói. Meu corpo em febre.

Mas estou longe de sentir o que sente aquela senhora de quarenta anos que eu, nem se quer conheci, mas soube da sua história pela sua tia, uma senhora de uns 60 anos de idade. A história é de uma mulher surda recém-diagnosticada com esclerose múltipla. Dois filhos menores, uma família monoparental, o pai das crianças sumiu no mundo sem deixar absolutamente nada, nem se quer um adeus.

Eu quis abraçar, secar as lágrimas, pôr no colo, acalantar e fazer sorrir o filho de cinco anos desta senhora que eu não conheci, mas que a sua história já estava impregnada em mim. Eu queria poder abraçar e dar maior atenção à tia avó que acompanhava o menino para aquele atendimento de urgência no hospital. Ele estava doente e cansado de levar injeções, mas era só mais um antibiótico.

Os olhos lagrimejavam ao falar da sobrinha, a mãe do garoto, eu quis mudar o assunto, mas ela insistia em falar das dificuldades que elas estavam passando, eu queria dar atenção a ela e ouvir um pouco mais, porém, não ali, na frente do menino ela continuou. Consegui uma pausa na fala da senhora e eu falei com ele, o menino, a minha intenção era tentar distraí-lo.

Sinto-me doente. Dói à cabeça, dói à garganta. Meu corpo em febre.

Daqui a alguns dias minha filha completa seis anos. Estou longe daquela recém-mãe com a sua tão pequenina filha prematura. Estou longe da mãe daquela outra criança que na infância já sofre com transtornos alimentares.

Hoje para minha filha é um dia especial, ela cantará em um Sarau na companhia do pai. Eu abracei, disse a ela que eu estava feliz e orgulhosa por ela. Eu já tomei um comprimido para as dores e a febre, queria estar junto da minha filha, mas sei que ela está bem e ela sabe exatamente o porquê de eu não ir. Pedi para filmarem para eu ver depois.

Sinto frio e culpa.

Ontem/hoje... era madrugada por volta das duas horas quando a febre baixou, eu acordei e consegui ver pela janela os galhos da pereira a abanar, o vento estava forte.

Foi bonito de ver os galhos a mexer-se no céu cinzento. Já há algumas flores na pereira e logo tudo será florido e logo viram os frutos. E logo tudo mudará mais e mais uma vez. Lembrei-me do dia anterior, pouco antes do almoço pediram minha ajuda, ao virar-me, vi que a colega de trabalho estava com uma maca diferente das outras, levaríamos nós duas um corpo para a morgue/casa mortuária. Parece que ainda consigo sentir nos meus braços o peso daquele corpo sem vida. Enquanto seguíamos pelo corredor, alguns olhares penosos, outros desviavam por saber do que se tratava. A morte para algumas pessoas assusta, o corpo imóvel, o cadáver. Talvez alguém para além de mim dissesse baixinho, ou em seus pensamentos, vá com Deus, vá em paz! O que será que acontece nos segundos finais da nossa vida? Talvez absurdamente nada.

Era um homem bem idoso muito grande e pesado. Tivemos que pedir ajuda a mais duas pessoas para colocá-lo na câmara frigorífica. Eu apenas executava o que tinha de ser feito. Só depois de fechar todas as

portas e sair da casa mortuária é que eu consegui talvez digerir o que pela primeira vez na minha vida eu fui capaz de fazer, de presenciar. Uma das pessoas que nos auxiliou, disse ao final, “é a primeira vez que eu faço isso depois que meu pai morreu”. Silêncio.

Voltamos cada uma para o seu posto de trabalho. Depois disso, parece que nada tinha cor e meu almoço já não tinha sabor, respirei fundo e tive a certeza que fizemos o melhor que poderíamos fazer naquele momento. O meu dia seguiu como deveria ser, agradeci por pisar no chão mesmo estando muito cansada para caminhar tanto até chegar a minha casa.

Chegar-se-ei ao fim desta experiência? Eu sei que sim, mas não sei até que ponto do caminho.

31 de março de 2023.

corpo cansado. amputado.

corpo à espera.

sofrimento. dor. ausência.

sangue. soro. sistema.

minha segunda semana no hospital. Acordo às 5h30 da manhã, preparo o lanche, o almoço, tomo o pequeno almoço e saio de casa. Despeço-me da Aurora, ela ainda a dormir, um beijo.

estágio.

banhos. alimentação. Conforto. desconforto.

meu olhar, minhas mãos, ajuda.

Tira-me isto.

aspirações. secreções. reanimação.

um corpo parado.

desinfeta.

repõem.

mãos ressequidas.

corpo cansado. pés doídos.

a segunda semana de estágio no hospital. alta médica. retorno. alívio.

A vida indo embora sem brilho no olhar.

silêncio.

retorno. alívio.

caminho de volta pra casa.

sangue. vazio.

Intoxicação medicamentosa.

tentativa de suicídio.

acidente de trabalho. queimadura. fratura. Um corpo parado.

Meu olhar. minhas mãos. cuidado. afago. psoríase.

transpiração. medicação. inquietação.

meu olhar, desfaz o nó da garganta.

Segue o dia.

24 de março de 2024

**Sarau Garalhufas Cia de Teatro no
Casarão do Boneco, 2015. Foto:
Rafael Rollin.**



**Sarau Garalhufas Cia de Teatro no
Casarão do Boneco, 2015. Foto:
Rafael Rollin.**





Romeu e Julieta, 2013. Cia. Nós, os Pernaltas.

**Espectáculo *Barata, pega na chinela e mata!*,
2012. Foto: Roberto Malato. Teatro Cuíra.
Texto de Edyr Augusto Proença e Dir.
Leonel Ferreira.**



**Espectáculo *Sonho de uma
noite de verão*, 2012. Curro
Velho_Fundação Cultural do
Pará.**



Espectáculo *Sonho de uma noite de verão*, 2012. Curro Velho_Fundação Cultural do Pará.



Espectáculo *Sonho de uma noite de verão*, 2012. Curro Velho_Fundação Cultural do Pará.

Ana Luiza Aragão, 2024. Arquivo
Pessoal. Máscara de Carnaval 1.



Ana Luiza Aragão, 2024. Arquivo
Pessoal. Máscara de Carnaval 2.



Ana Luiza Aragão, 2024. Arquivo
Pessoal. Máscara de Carnaval 3.



Ana Luiza Aragão, 2024. Arquivo
Pessoal. Máscara de Carnaval 4.



Ana Luiza Aragão, 2024. Arquivo
Pessoal. Máscara de Carnaval 5.



INGRID GOMES: Paraense interiorana, entre São Domingos do Capim e Belém. Mulher cis. Educadora social, performer, encenadora, dramaturga e produtora cultural. Licenciada em Teatro pela UFPA-2023. Especialista em Análise das Teorias de Gênero e Feminismos na América Latina pelo IFCH - UFPA. Pós-graduanda em Gestão Cultural Contemporânea - Itaú Cultural. Mestranda em Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes, pelo PPGARTES-UFPA. Idealizadora da Pororoka Produtora. Desenvolve pesquisas em Artes Cênicas sob perspectiva do Feminismo Decolonial.

Contato: ingridarte.educadora@gmail.com

Fotos de Klewerson Lima: Experimento Cênico Muximba, no XII Seminário de Pesquisa em Teatro-UFPA. 17 de outubro de 2023.







MUXIMBA

Autora: Ingrid Gomes

Retratos da dança do sentir

A vida como uma colheita de afetos. Muximba, um dizer do coração, das marcas, gozos e/ou desgostos, deixados por quem nele habitou. É político. É sapatão. Devir. Construção/desconstrução. Caminhante em entranhas. Dar ao mundo o que precisa colher. Caminha na utopia da liquidez por vezes engolida, por vezes fugitiva de outras para encontrar a si.

(molduras diversas pendurada sobre o espaço cênico, onde há pontos-caminhos de luz, música *Amor Cinza*, de Mateus Aleluia preenche este espaço tempo. Caminhante-performer adentra lentamente o espaço, com cautela e malemolência, colhe os pontos cintilantes um de cada vez e espalha por seu corpo.)

Caminhante-performer: A paixão não se constrói. Se vive ou se rejeita. Toma conta de ti, sem ti pedir licença. Ela tão pouco se importa com tuas regras de vivenciar relações amorosas. É ventania, vitalidade. Salto contínuo para o prazer. Quando consegues abraçá-la, mesmo na companhia do medo,

afeta o espírito, revira teu corpo, inexplicavelmente. Transita em excitação, por mais que tentes ir em direção contrária, quando lhe é correspondido, ela te diz: o tempo é de dançar!

Escuta...

(Gradativamente a música "só sei dançar com você" de Tulipa Ruiz.)

Caminhante-performer: *Só sei dançar com você... isso é o que o amor faz. 3 vezes.*

E você, dança!?! (flerta com público-testemunha, convida alguém para dançar, sorri timidamente, continua no flerte... e dança... e convida... solta alguns versos de poemas seus... dança...) *só sei dançar com você... isso que o amor faz... (aos poucos, vai se acolhendo em si no centro do espaço cênico)*

Luz vermelha intensa. Blackout.

*

(Caminhante-performer desperta com luz à pino e começa a procurar algo em seu corpo)

Caminhante-performer: O Partir dói, porque parte de dentro. Deve ser como o parto, mas sem o feto. A gente guarda, cuida, e num deslize lá se foi o que te aquecia, o que te alumia. Partir é o

escape da fogueira. E sou lavareda nisso de sempre ficar. Tentei tantas vezes complementar as partes. Passar durepox, com intenção de durar, não de colar. Durar a cor dos dentes escancarados que sinalizavam querenças mútuas, o calor de tudo do que se pode imaginar com a presença eminente. Durar o toque, o sorriso bobo... surgido logo nas primeiras conversas... NOSSAS! Ela disse que meu contato, aqueles números que podem nos conectar. Inclusive, anota o meu aí, 98564944 ..., pra gente tomar uma gelada na feira do açaí... falta um número se quiser, tenta de 5 ou 8, aí vou entender que realmente quer.

(...)Ela disse que salvaria como Poesia, já pensaram? alguém cujo o nome é Poesia?!. Eu devo ter salvo alguns instantes dela. Como ela salvou alguns meus.

*

(cartas despencam do alto, caminhante-performer enquanto conta sobre seu primeiro amor, colhe as cartas e distribui aos presentes)

Caminhante-performer: Para quê escrever?! O tempo fluiu e o nosso tempo passou... Para quê escrever?! Tantas palavras não ditas, assim como os gozos existentes, somente, no íntimo de perguntas e medos abundantes em nosso tempo.

De conheço, curiosamente, leve e inesperado, termino estilhaçante. Este seria diferente se nossa ousadia não fosse freada?! Se eu não tivesse me precipitado, naquele instante de te desejar demais e de ter ânsia de que fôssemos mais diretas e honestas. No momento, o que eu mais queria era te trazer para perto, mas a única coisa que consegui, naquela noite, foi teu definitivo distanciamento.

Por muito tempo, vivi uma ressaca do que poderíamos ter sido, acreditei que foi uma única noite que nos separou. Meu peito, por noites e dias te quis e me culpou. Não enxerguei o quanto era difícil para nossos corpos se amarem, partilharem o desejo que lhes faziam vibrar. Isto, implicitamente, nos corroeu por alimentarmos a impossibilidade de sermos duas. (recortes de relatos de lésbofobia e mulheres se amando são projetas)

Hoje a vida raiou e entardeceu, eu parei para nos lembrar e lhe escrever. Para agradecer tua chegada repentina, tão estrategista/impulsiva e safada como uma boa escorpiana, que poderia ser taurina, capricorniana, aquarianaaa, geminiana... Lembrar de nem pensar chegar perto das geminianas (risos), que me conduziu numa dança perigo de desejar-te. Mulher... Mulher, éramos tão jovens e repletas de tabus e esconderijo de si. No entanto, nos amamos no descer de uma escada-desassossego, nosso primeiro beijo, no riscar singelo de nossa pele nas caminhadas lado a lado, no verde-terra-

rio-canto e cheiro-floresta de nossas trilhas intencionais para o degustar do desejo da presença. Nos entre olhares-risos, no banhar de vinho barato.

Foi tua presença que me fez caminhar para lugares outros, escavar as possibilidades de um outro destino. É escrevendo a ti, neste momento, que percebo a importância de ter sido, você, a minha primeira... Então, para quê escrever!? Agradecer? Sim! Até pela tua partida fria e sem despedida. Que me obrigou a engolir palavras que não poderiam te alcançar, mas que, neste tempo, este olhar para trás é ver o que fomos, o que deixamos de ser e para o que somos hoje, com as batidas do peito mais acalmadas e respiração dita normal.

Depois de ti, amei tantas outras... sou de pousar e ficar eternamente enquanto existir isto que chamamos de... (se direciona para público-testemunha): *pelo que você fica junto?! Não é somente teu sentimento, é?*

(...)Sou de pousar e ficar eternamente enquanto existir isto que chamamos de... reciprocidade... Espero que estejas bem, que as paredes que te impediam de ser no nosso tempo, tenhas colocado à baixo.

Um abraço, "preta, preta, pretinha".

*

Caminhante-performer: Queria saber a receita daquela bebida quente que faz a pessoa sorrir feito alguém que se percebe vivo depois de ter limpado a casa mais uma vez. (Inicia uma busca pelo palco)

Aquela bebida que deixa a pessoa procurar curiosa com os olhos de pouso na gente. Tu sabes, né? Aquela bebida que te deixava com vontade de alinhar teu coração ao meu quando ias dormir. Pra mim, tu já a tomou. E de alguns sabores; mas gosto igual.

Onde será, meu deus, que está esta receita? Porque sei que se ela voltar a beber esta bebida de mim, vai aguar a falta do sabor dela deste tempo-sentir.

Ah, já que a receita perdi, será que estes versos podem ter efeito equivalente?

Te fazer desprender teus braços cruzados em minha direção... e tu se acercar com doçura... A verdade é que a bebida está aqui, bem na minha mão, erguida feito convite. Pra ti. E como é, meu deus, que se deixa de procurar a receita de tal líquido quando ninguém a requisitou? Porque professo tudo bem, quando que mais quero é que ela, também, queira me embebedar?!

Na tentativa de pausar meus passos apressados, de não mais me sentir perdendo o que nem tive.

Pra não ir pelo caminho mais fácil, mas acolher os pedaços que se faz meu coração, remontado tantas vezes, todas as vontades até as mais incompreensíveis e rejeitadas...

*

Caminhante-performer: Fluiu... como rezei ao vento pedindo leveza.

Teve um exato momento, de aglutinados frames de seus sorrisos jorrantes de água desejo, em que mergulhei na pura ousadia de cantarolar tua presença benevolente, que carinhosamente segurou minha mão diante do abismo da venturança, para saltarmos juntas o rio do amor, onde somente se banham as corajosas.

E desde então, não tem nos faltado chuva em prazer do estar em querência.

Amo o jeito que tu me aquece por dentro.

Amo sentir o encaixe de nossas mãos sob o signo "estamos aqui".

Amo a maré dos teus lábios se alargando que me situam na tua felicidade.

Amo teu sussurrar de saboreio excitante de percorrer caminhos dos contornos da tua pele.

Amo

Sim, amo estas águas de nosso encontro. De te perceber ao meu lado em bem querer-te no compasso pulsante de nossas intenções.

Vontade(...) nunca guardo. Proponho, disponho... encaixo(...) no sentir de duas para ser uma em abundância líquida (...) gozos(...) de onde posso dialogar, ousar, ser correspondida quando investir na proposta da aproximação do toque carinho do dizer sobre querer (...), ser beijada e projetar a eternidade na textura, no gosto, no perfume... a lua iluminada ornamentada por nuvens que nos alumiô.

*

Caminhante-performer: Não sei se já aconteceu com vocês, mas estou em um buraco de caos, tive medo como nunca. Daquele de sair fugindo.

Em queda...

Às vezes, chove... e as gotinhas que fazem caminho nas entranhas que estão em carne viva, se apresentam como ervas das pretas velhas.

Em queda.

Com a presença afeto

Se faz um redemoinho de ar inventado, que sustenta...

Nutre o cadinho da importância de continuar o seguir.

Em queda.

Quando a velocidade deste corpo impróprio extrapola qualquer plano...

Encolhe-se, desenfreadamente, em silêncio.

Sente a imensidão dos vazios.

Em queda.

Quando vai chover de novo?!

Em queda.

Cadê meus "paraquedas coloridos"?!

Em queda.

Tem caído gente.

Em queda.

Eu já estive tantas vezes neste chão.

Blackout

*

Caminhante-performer: Talvez, eu não lembre a textura do cheiro, de quando teus braços me envolveram para junto do teu peito. Minhas mãos, braços e toda pele que me veste, se compuseram naquele entrelaçar de corpos, inesperado. Não quis me atentar para o sentir do teu peito, nem pras batidas do teu coração. Eu estava dobrando toda esquina de te querer. Numa das curvas teu aroma de gente segura de si, me desarmou. Meus olhos fecharam-se em milésimos vagarosos para te alcançar, milagrosamente, no tempo presença. Deitei-me numa rede de varanda feita de versos do estar... nossas mãos dançavam cantigas na leveza uma da outra, senti a música despretensiosa de cada deslizar, eram saltos em cipós... O toque incomum acompanhado de freios para as incertezas do gostar... Eu que sempre tive mania de acariciar meus pés... Desejei fazer caminho debaixo da tua blusa, escutar do aconchego de tua nuca o som daquele cheiro-mulher que corria no meu-eu meio acuado...

Abri de súbito meus olhos e fui catando caminhos para o emergir...

*

Caminhante-performer: Ela se chegou subitamente, na verdade, nunca entendi muito bem a aparição antes tão desejada por mim. E foi com a gargalhada já conhecida, aquela que testifica a beleza de uma

mulher que sabe que é esplêndida. Quando a vejo, assim, tenho uma profunda sensação que todos se apaixonam por ela. Escutei o seu convite para dançar. Mas hesitei, por vezes, seguia seus passos na corda bamba. E quis colocar a corda no chão, fazer de porto, porque estava à deriva, ainda estou. Eu e ela devíamos ter dançado na madrugada fria sendo vistas pelos patrimônios históricos da grande Belém. Ela compôs a coreografia sozinha. E acompanhei.

Sabendo em que algum momento iria sentir o peso do meu querer...

Gosto de gente que diz, já disse isto. E dizer nem são promessas. Inclusive, nunca se alimente delas. Mas sim do que paira no palpável. Dizer sobre o agora... é abraçar a existência do sentir. O que ela sente?? Não sei. E não entendo porque não pergunto. Talvez seja porque eu saiba a resposta.

*

Caminhante-performer: Não quero entender a palavra que nunca saiu da tua boca, buscá-la para me acariciar, gosto de te ter sem profundidades, dos presentes efêmeros de ti. Sem as promessas que meu eu-romântico sei que deseja, pois são estas ausências da ousadia do dizer, que faz com que recolha as possibilidades de mergulho que se faz em mim. É que hoje, penso numa partilha fluida nunca como obrigação. O meu deleite é tão líquido

contigo. Como teu primeiro gozo comigo. E eu gosto disto, pois é seguro. Não é frágil. É palpável. A gente sabe do findar. Se for estratégia, tá dando certo. Assino o pacto do silêncio, o único pesar é que um dia o mar vai acalmar dentro de mim, e assim não conseguirei te dizer... sobre minhas profundidades em ti. Mas o que importa?

Toda vez que lembro quem és, eu quero ir embora... fica aqui... mas só nesta imagem bonita que tenho de ti. És como uma entidade que me encanta... canta pro mundo e ouço em mim. Não... não quero ir. Quero estender minha mão pra te apanhar pra junto do meu colo. Queria ser aquele livro enorme, aquele que tu lês, incansavelmente, mas nunca termina. Eu sei que este livro ainda não existiu pra ti. Eu estou aqui.

Eu não estou mais. (risos)

*

Caminhante-performer: Tem um jardim cheio de cor e dor.

A cada flor um encanto.

Apalpar e sentir o perfume.

Talvez eu seja apressada demais,

Talvez pela urgência de amor.

*

Caminhante-performer: Você não sente minha falta? Porque desde que girei meus passos para longe de ti, trouxe um buraco meteórico comigo. Tudo que mais amava fazer contigo, sem gosto ficou, tentei sentir meus olhos alegres, sem o teu abraço repetidamente e não consegui. Nem sei quando comecei a aprender a ver o mundo sem tua cumplicidade, sem a tua mão junto a minha...

É medo sim...

Poderia ter me apaixonado umas trezentas vezes, se o medo não tivesse arranhando a minha janela, desde o dia que bati a portinha da gaiola e saí dizendo: chega!

Tá escuro aqui. E sei que pro lado daí, também.

Foram, poucas vezes, depois da gente estar em quebraduras... mas se tem algo que vou me agarrar pra sempre quando lembrar de ti... é que eu gostava muito de vê-la feliz... Queria inclusive que você se visse, como em algumas vezes te vi. Pra você cuidar da mulher linda que és... e assim se descarregasse da dureza de pressupor estar sempre certa. Naquela manhã ensolarada, depois de mais uma vez termos arado a nossa casa afeto com desrespeito, e ainda sentir um amargo da imposição, da insegurança de atos equivocados de cuidar do que tínhamos. Eu... Te vi. O amargo foi tomando gosto de harmonia... Bom, eu sentei à tua

frente, estavas em plano alto e eu no baixo, ou seja, tu, me parecias gigante... Eras como uma criança que ao sorrir enquanto pulava sua corda, fazia do erro seu divertimento. Naquele momento, me apaixonei de novo por você...

Estavas lá, com uma leveza que foi flecha do anjo cupido arteiro em mim, por aqueles segundos, implorei que fosse esticado o tempo de sua presença. Nós poderíamos ter sido o aprofundamento daquele instante de única certeza de que vale a pena se apaixonar.

O partir dói, porque parte de dentro... O partir dói, porque parte de dentro...

O amor é coisa que moí muximba

E depois o mesmo que faz curar

O amor é coisa que moí muximba

E depois o mesmo que faz curar

Composição: Lande Onawale

Queria todo dia me apaixonar por alguém... sentir prazer em cada descoberta. Eu gosto de achar as pessoas lindas!!! De me encantar pelo que me chega delas.

E esse alguém de cada dia, poderia ser a mesma pessoa.

Deixar ela tão à vontade para querer ficar. E eu estar tão livre pra não querer ir embora.

E esse alguém poderia ser eu mesma, neste caralho!!!

*

(Pega uma peneira de talas que estão com pétalas de rosas diversas, banha-se e dança-cura, banha em reza, o público-testemunha em ato/movimento com um tecido dourado)

Caminhante-performer: Se eu te disser que nesta manhã, tua voz fez eu te encontrar na chuva?

Sim, chuva!

Era uma rua de terra batida, como as que brincava quando eu era criança, do tempo que rua era meu refúgio... e tu estavas lá, a dançar a delicadeza da vida, sentindo cada gota-dádiva que te tocava o corpo.

Tu me avistou. E aquele riso tímido, que tu sempre me oferece quando tento te dizer como tem sido teu navegar em mim... foi-me convite.

E ali, eu que nem sei dançar, me fiz em passos leves onde me senti entregue a isto que posso chamar de... (suspiros) Ahh, não ousou nomear

aquilo que finalmente não cabe a este mundo, estar na imensidão do sentir recebido.

E tu, se fez rio em mim.

(sussurra)

Quem tu permite habitar teu corpo-rio?

Fim.

Ensaio, 2018. Foto: Natalia Machiaveli.



**Ato Poético Bubuiar, 2022. Foto:
Gabriel Sagaz.**



**Necrorritual, 2019.
Foto: Pamela Alves.**



Performance, 2018. Foto: Tarsila Rosa.



Performance Sabença, 2024.
Foto: Rafaela Menezes.



**Experimentação Cênica do
Acompanhada, 2023. Foto: Vitor H. L.
Monteiro.**



**Espectáculo Puros Tontos, 2017. Foto:
Danielle Cascaes.**





Espectáculo Puros Tontos, 2017. Foto:
Danielle Cascaes.



Manifesto Pauta NegrA, 2019. Foto:
Tarsila Rosa.

Ato Poético Bubuiar, 2022. Foto:
Tarsila Rosa.



**Ato Poético O caminho de Volta,
Coletivas Xoxós, 2023. Foto: Tarsila
Rosa.**



**Performance Maria na Ponta
da Lança, 2021. Foto: Amilton
Moreira.**



Palhaça, 2018. Foto: Danielle Cascaes.





Ana Luiza Aragão, Andrea Flores, Bibi Baraúna, Cibele Campos
Ingrid Gomes, Karimme Silva, Karina Diaz, Neire Lopes
Penélope Lima, Pietra Gomes, Samia Oliveira, Sarah Prazeres
Sidiane Nunes, Tarsila Rosa, Wlad Lima e Yasmin Ramos.

na, Cibele Campos
z, Neire Lopes
a, Sarah Prazeres
Yasmin Ramos.

Ana Luiza Firmeza Rocha (ORG)

za Rocha (ORG)

Ana Luiza Aragão,
Ingrid Gomes,
Penélope Lima,
Sidiane Nunes

Ana Luiza Aragão, A
Ingrid Gomes, K
Penélope Lima, Pie
Sidiane Nunes, T

ea Flores, Bibi Baraúna, Cibele Campos
mme Silva, Karina Diaz, Neire Lopes
Gomes, Samia Oliveira, Sarah Prazeres
la Rosa, Wlad Lima e Yasmin Ramos.

Ana Luiza Firmeza

Ana Luiza Aragão, Andrea Flores, Bibi Baraúna, Cibele Ca
Ingrid G... Kar... Sil... Kar... Dia... Neir... L...